



CURSO DE MEDICINA

MARIA EDUARDA ARAÚJO DOS SANTOS BRANDÃO DE LIMA

**DEMANDAS EM SAÚDE MENTAL DE HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE EM
UMA UNIDADE PRISIONAL DE REGIME PROVISÓRIO NO ESTADO DA BAHIA.**

SALVADOR - BA

2024

MARIA EDUARDA ARAÚJO DOS SANTOS BRANDÃO DE LIMA

**DEMANDAS EM SAÚDE MENTAL DE HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE EM
UMA UNIDADE PRISIONAL DE REGIME PROVISÓRIO NO ESTADO DA BAHIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Medicina da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como requisito parcial para aprovação no 4º ano de Medicina

Orientador: Igor Carlos Cunha Mota

SALVADOR

2024

RESUMO

Introdução: A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi o marco inicial para a humanização dos indivíduos em situação prisional, reconhecendo sua dignidade e direitos fundamentais. No entanto, apesar dos avanços, a garantia do direito à saúde para essa população ainda é deficitária, devido à desconexão entre as políticas sociais e prisionais. A população carcerária, predominantemente masculina, negra e com baixa escolaridade, enfrenta altas taxas de problemas de saúde mental, mas recebe pouca assistência psiquiátrica adequada. Essa situação é agravada pelo ambiente prisional, que pode exacerbar transtornos mentais. **Objetivo:** O estudo teve como objetivo geral analisar a percepção de demandas relacionadas ao cuidado à saúde mental em homens em situação de privação de liberdade, custodiados em uma instituição penal de regime provisório no estado da Bahia. **Metodologia:** Este estudo é de natureza primária, qualitativa e exploratória. A pesquisa foi realizada na Unidade Prisional de Salvador, que opera em regime provisório. A amostra do estudo é composta por 7 homens privados de liberdade em regime provisório. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada, realizada individualmente e presencialmente. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, e a análise dos dados foi conduzida utilizando análise temática de conteúdo de acordo com a metodologia de Bardin. **Resultados:** Os participantes do estudo apresentam características que refletem a realidade do sistema prisional. Em termos de raça/etnia, todos os entrevistados se identificam como pardos ou negros. A maioria é jovem, com menos de 39 anos, embora tenham sido entrevistados também homens acima dos 40 anos. A maioria é solteira e não concluiu a educação formal, com a maioria dos últimos empregos sendo trabalhos informais. A maioria não possui doenças pré-existentes ou diagnósticos psiquiátricos. Quanto às visitas, a maioria recebe algum tipo de visita, principalmente de familiares. Todos praticam alguma religião, com a predominância do protestantismo. A maioria dos entrevistados está no sistema prisional pela primeira vez. Através das entrevistas, quatro categorias temáticas distintas foram identificadas: adaptação ao contexto prisional (n=47), trabalho dentro da unidade prisional (n=27), saúde na prisão (n=171) e prática de autocuidado por meio da religião (n=13). Os custodiados entrevistados destacaram desafios como adaptação ao ambiente prisional, distanciamento familiar e privação de sono, além da importância do trabalho dentro da prisão para mitigar o sofrimento mental. Eles também ressaltaram desigualdades no acesso ao cuidado de saúde dentro da unidade, especialmente entre faccionados e não faccionados, e a religião como estratégia de autocuidado dentro do ambiente carcerário. **Considerações finais:** Este estudo analisou a percepção das demandas de saúde mental entre homens em situação de privação de liberdade provisória. Esses achados destacam a urgência de aprimorar o cuidado ofertado em saúde mental discussões acerca da saúde mental da população carcerária. O estudo contribui, portanto, para preencher uma lacuna na literatura ao discutir as demandas em saúde mental de homens em regime provisório na Bahia.

Palavras-chave: Saúde Mental. População carcerária. Homens. Demandas. Bem-estar.

ABSTRACT

Introduction: The Universal Declaration of Human Rights marked the beginning of the humanization of individuals in prison, recognizing their dignity and fundamental rights. However, despite progress, the guarantee of the right to health for this population is still deficient due to the disconnect between social and prison policies. The prison population, predominantly male, black, and with low educational attainment, faces high rates of mental health problems but receives little adequate psychiatric care. This situation is exacerbated by the prison environment, which can exacerbate mental disorders. **Objective:** The study aimed to analyze the perception of demands related to mental health care among men in situations of deprivation of liberty, detained in a provisional penal institution in the state of Bahia. **Methodology:** This study is of primary, qualitative, and exploratory nature. The research was conducted at the Salvador Prison Unit, which operates on a provisional basis. The study sample consisted of 7 men deprived of liberty on a provisional basis. Data collection took place through a sociodemographic questionnaire and semi-structured interviews, conducted individually and in person. Interviews were recorded and later transcribed, and data analysis was conducted using thematic content analysis according to Bardin's methodology. **Results:** Study participants exhibit characteristics that reflect the reality of the prison system. In terms of race/ethnicity, all participants identify as mixed-race or black. Most are young, under 39 years old, although men over 40 were also interviewed. Most are single and have not completed formal education, with most recent jobs being informal. The majority do not have pre-existing illnesses or psychiatric diagnoses. Regarding visits, most receive some type of visit, mainly from family members. All practice some religion, with Protestantism being predominant. Most interviewees are in the prison system for the first time. Through interviews, four distinct thematic categories were identified: adaptation to the prison context (n=47), work within the prison unit (n=27), health in prison (n=171), and self-care practice through religion (n=13). Interviewed detainees highlighted challenges such as adaptation to the prison environment, family distancing, and sleep deprivation, as well as the importance of work within the prison to alleviate mental suffering. They also emphasized inequalities in access to health care within the unit, especially between factional and non-factional groups, and religion as a self-care strategy within the prison environment. **Conclusion:** This study analyzed the perception of mental health demands among men in situations of provisional deprivation of liberty. These findings underscore the urgency of improving mental health care discussions about the mental health of the prison population. The study contributes, therefore, to filling a gap in the literature by discussing the mental health demands of men in provisional regimes in Bahia.

Keywords: Mental Health. Prison Population. Men. Demands. Well-being.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados sociodemográfico dos internos participantes do estudo	17
Tabela 2 – Unidades de registro das Categorias Temáticas Emergidas	19

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	OBJETIVO.....	8
2.1	Geral.....	8
2.2	Específicos	8
3	REVISÃO DE LITERATURA	9
3.1	Punição como Demonstração de Força Política	9
3.2	O Preso Provisório.....	9
3.3	Saúde e Prisão no Brasil	10
3.4	Saúde Mental no Cárcere	12
4	METODOLOGIA.....	13
4.1	Desenho de Estudo	13
4.2	Características do Local de Estudo	13
4.3	Período do Estudo	13
4.4	Participantes do Estudo.....	13
4.5	Critérios de Inclusão e Exclusão.....	13
4.6	Procedimento de Coletas de Dados	14
4.7	Análise de Dados.....	14
4.8	Considerações Éticas	15
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
5.1	A Mudança para o Contexto Prisional	20
5.2	O Trabalho no Cárcere	25
5.3	A Saúde na Unidade Prisional	27
5.4	Religião como Prática de Autocuidado	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
	REFERÊNCIAS.....	37
	APÊNDICE A - Questionário Sociodemográfico	41
	APÊNDICE B - Roteiro da Entrevista Semiestruturada	42
	APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	43
	APÊNDICE D - Transcrição das Entrevistas Realizadas	45
	ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP	155

1. INTRODUÇÃO

A partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, há o reconhecimento da dignidade, bem como direitos inerentes a todo indivíduo, proibindo, então, tratamentos e punições degradantes e desumanos¹. Esse foi o primeiro passo em direção à humanização dos indivíduos em situação prisional.

Com a humanização, foi possível discutir sobre direito à saúde dessa população. Dentro disso, é fundamental destacar três marcos: A Lei de Execução Penal (LEP)², O Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário (PNSSP)³, e a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade (PNAISP)⁴. Apesar disso, o distanciamento entre as propostas da política social (incluindo as políticas de saúde) e da política prisional, gera carência na garantia do direito à saúde da população carcerária.

A população carcerária, por sua vez, não é considerada uma prioridade nas políticas sociais, e políticas de saúde por um debate moralista em relação ao reconhecimento dos direitos desses indivíduos, justamente pelo questionamento enquanto sua condição de sujeitos portadores de direitos⁵. Segundo dados sociodemográficos mais recentes da população do sistema prisional no Brasil, constata-se que a maior porcentagem das pessoas é do sexo masculino (94,5%), negra (53,1%), entre 18 e 29 anos (36,5%), com ensino fundamental incompleto (37,9%)⁶. Um perfil que se mantém ao longo dos anos, evidenciando a lógica de punição como reafirmação de poder de um grupo político específico sob os corpos marginalizados⁷.

Mesmo com os agravos à saúde mental concernentes à experiência de privação de liberdade serem muito relatados^{8,9}, o contexto de oferta de cuidado em saúde mental dessa população mostra uma acentuação da fragilidade desse grupo. Embora os indivíduos privados de liberdade tenham direito à assistência psiquiátrica, assim como qualquer outra pessoa na sociedade, existe uma deficiência na oferta desse tipo de suporte, e apenas um número limitado de pessoas recebe o tratamento adequado¹⁰. Esse contexto se torna ainda mais grave ao se pensar na importante prevalência de transtornos mentais em presos^{7,10,11}, e na construção do espaço de encarceramento como desencadeador de depressão e ansiedade¹¹.

Esse cenário evidencia a fragilidade da saúde desse grupo, que possui demandas de saúde específicas, principalmente no âmbito da saúde mental. Diante disso, fica inquestionável a relevância de trazer esse tema para primeiro plano, principalmente

pela lacuna literária no que diz respeito à discussão de saúde e saúde mental dos indivíduos privados de liberdade, com enfoque na população em regime provisório, segunda maior parcela da população em cárcere no Brasil ⁶. Com esse entendimento foi realizado este estudo, guiado pela seguinte questão de pesquisa: qual percepção de demandas relacionadas ao cuidado à saúde mental em homens em situação de privação de liberdade, custodiados em uma instituição penal, de regime provisório no estado da Bahia?

2. OBJETIVO

2.1 Geral

Analisar a percepção de demandas relacionadas ao cuidado à saúde mental em homens em situação de privação de liberdade, custodiados em uma instituição penal de regime provisório no estado da Bahia.

2.2 Específicos

- ✓ Identificar demandas de saúde mental de homens sob custódia em uma unidade prisional de regime provisório no estado da Bahia.
- ✓ Descrever estratégias utilizadas para lidar com demandas de saúde mental por homens sob custódia em uma unidade prisional na modalidade provisória na cidade de Salvador.
- ✓ Verificar a atenção em saúde mental ofertada para homens custodiados em uma instituição penal em regime provisório na cidade de salvador.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Punição como Demonstração de Força Política

Até os dias de hoje, é possível notar que ainda se mantém a premissa da punição como manifestação de força política sobre os corpos, corpos estes que sempre estiveram à margem da sociedade, afinal o corpo também está imerso num campo político⁷ A punição como perspectiva de tática política descrito por Michel Foucault, é lógica fundamental para compreensão desde a construção dos ambientes prisionais como dispositivos de cumprimento de pena até o funcionamento atual das prisões brasileiras.

No Brasil do século XIX, os métodos punitivos visavam a garantia da manutenção da ordem de uma sociedade pautada no escravismo¹². Fazendo um paralelo com os dias atuais, a instituição prisional ainda permanece fundamental no processo de genocídio contra a população negra que está em curso no país¹³. Isso evidencia o quão presente ainda se faz a lógica de punição como reafirmação de poder de um grupo político específico, e seu domínio sobre os corpos marginalizados. Como consequência também desse processo, o país possui crescente volume populacional nas prisões. Segundo os últimos dados divulgados pelo Sistema Nacional de Informações⁶, são 832.295 pessoas em situação de cárcere, a terceira maior população carcerária do mundo, ficando atrás apenas de Estados Unidos e China¹⁴. Isso é decorre, dentre os outros processos citados, de uma cultura de extrema judicialização e criminalização das relações sociais que atinge prioritariamente certos grupos¹³.

Ao se pensar no contexto da América Latina, as realidades não diferem muito do que ocorre no Brasil. A estruturação da prisão na América Central, por exemplo, é sistematizada para o extermínio silencioso de sujeitos considerados “descartáveis”, aqueles que são passíveis de aniquilação¹⁵. Dessa forma, pode-se dizer que as prisões latino-americanas representam a falha dos objetivos liberais, pois fracassaram no cumprimento da promessa de reabilitação humana, e se tornaram pilares de sustentação de uma ordem social excludente.

3.2 O Preso Provisório

Pode-se classificar em duas tipificações a prisão no Brasil, a prisão pena e a prisão provisória. A prisão pena é aquela por execução de pena, e se aplica quando o

indivíduo inicia o cumprimento da pena. Já a prisão provisória inclui: prisão em flagrante, prisão temporária e prisão preventiva¹⁶. Dentre elas, a prisão preventiva é a estratégia jurídica mais utilizada¹⁷, que ocorre quando há ameaça à ordem pública ou ordem econômica. É importante destacar que as pessoas custodiadas em prisão provisória, na teoria, ainda não receberam condenação.

De acordo com o último relatório nacional de informações penais, os presos provisórios somam a segunda maior parcela da população em cárcere⁶, são 205.132 indivíduos, ficando atrás somente dos apenados em regime fechado. No estado da Bahia, 5489 se encontram nessa condição de um total de 12503¹⁸. Esse número revela um fenômeno jurídico brasileiro, o excesso de prisão provisória.

Uma pesquisa publicada na 54ª edição da Série Pensando O Direito aborda o tema do excesso de prisão provisória e seus impactos na sociedade, com foco nos estados de Santa Catarina e Bahia. O estudo revela as causas, consequências e implicações desse problema, especialmente para os presos, que frequentemente têm seus direitos desrespeitados. Dessa forma, o excesso de prisão provisória viola princípios e direitos fundamentais (dentre eles o da saúde de forma integral), afastando-se do Estado Democrático de Direito¹⁹.

3.3 Saúde e Prisão no Brasil

Dentre outros marcos, três são de extrema importância salientar no processo de implementação das políticas sociais de saúde no ambiente prisional: A Lei de Execução Penal (LEP), O Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário (PNSSP), e a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade (PNAISP).

A Lei de Execução Penal (LEP)², foi o primeiro marco nas políticas de saúde dentro do sistema prisional. Ela traz a saúde do preso em diversos dispositivos. Estabelece como dever do Estado fornecer assistência à saúde dos presos, garantindo atendimento médico, odontológico e farmacêutico, por exemplo. Isso abarca a prevenção de agravos, o diagnóstico e o tratamento de doenças, fornecimento de medicamentos e demais recursos necessários. É a primeira vez que se fala também em vacinação e condições sanitárias adequadas dentro do ambiente prisional como forma de prevenção e controle de doenças². Ficou previsto, assim, o atendimento em saúde das pessoas em situação de cárcere.

Apesar do avanço do reconhecimento da necessidade de atendimento em saúde dentro do sistema prisional pela LEP, a demanda de organização de ações de saúde na prisão baseada nos princípios do Sistema Único de Saúde só foi consolidada a partir do Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário³. O PNSSP revoluciona a noção de saúde no sistema penitenciário na medida em que traz uma composição mínima de equipe de saúde multiprofissional (composta por médico, enfermeiro, auxiliar de enfermagem, psicólogo, cirurgião-dentista e auxiliar de saúde bucal). Entretanto, é imprescindível ressaltar que o PNSSP não consegue abarcar todas as pessoas nos sistemas e suas múltiplas complexidades, já que não assegura o mesmo direito aos apenados em regime aberto e provisório, por exemplo⁵.

Uma pesquisa qualitativa realizada em uma unidade penitenciária no Rio Grande do Norte que objetivou compreender a assistência à saúde dos indivíduos nessa unidade no período de setembro a novembro de 2013 demonstrou uma grande carência na assistência em saúde aos homens em situação de detenção provisória. Nela foi possível se observar o conhecimento limitado sobre o direito à saúde dessa população pelos profissionais de justiça e de saúde, a grande dificuldade no diálogo entre agentes de justiça e serviços de saúde local para implementação de uma saúde prisional efetiva, e a redução das ações de saúde à apenas imunização e realização de palestras²⁰. Assim, fica evidente as limitações decorrentes da PNSSP, justamente pelo distanciamento as propostas da política social e da política prisional.

O terceiro e último marco das políticas sociais de saúde no sistema prisional é a PNAISP. A PNAISP foi estabelecida em 2014, por meio da Portaria Interministerial nº 1/2014, e é coordenada pelo Ministério da Saúde em parceria com os sistemas de saúde estaduais e municipais. A política busca superar as desigualdades e as violações de direitos que são comuns no contexto prisional, assegurando o direito à saúde e garantindo a oferta de serviços de qualidade⁴.

Quanto à saúde mental, a PNAISP dedica atenção especial à promoção e ao cuidado psicossocial das pessoas privadas de liberdade. Reconhece-se que o ambiente prisional pode ser estressante e desencadear ou agravar transtornos mentais, além de aumentar a incidência de problemas como ansiedade, depressão, ideação suicida e uso de substâncias psicoativas. Outro avanço advindo da PNAISP é a inclusão e de familiares de pessoas privadas de liberdade nas ações de promoção e prevenção dos agravos à saúde⁴.

3.4 Saúde Mental no Cárcere

As penitenciárias brasileiras são caracterizadas por uma série de deficiências de natureza estrutural e processual, que têm um impacto direto nos resultados alcançados em relação à ressocialização dos detentos e à sua saúde⁹. Um estudo realizado com a população carcerária de Santa Catarina associa os sintomas de sofrimento psíquico não apenas a transtornos mentais específicos, mas também ao ambiente precário em que os detentos estão inseridos, cenário esse composto por a má alimentação, convivência forçada com pessoas violentas e agressivas e restrições à exposição à luz solar²¹.

Estudos mostram que, ao se comparar com a população em geral, as pessoas privadas de liberdade possuem taxas maiores de transtornos mentais^{22,23}. Uma pesquisa realizada entre presos e custodiados no estado do Rio de Janeiro revelou uma prevalência de estresse em homens de 35,8%, de sintomas depressivos moderado e grave de 31,1%⁹. Enquanto isso, outro estudo realizado entre detentos da cidade de Salvador detectou em 19,7% dos presos personalidade *borderline*, transtorno de ansiedade generalizada em 4,1% e transtorno de uso de álcool em 61% dos presos¹⁰. Além disso, um estudo feito no Complexo Penal Estadual de Mossoró/RN reafirma o espaço de encarceramento como desencadeador de depressão e ansiedade, relacionando diretamente os diagnósticos de saúde mental à dependência química pelo abuso de drogas¹¹. Nesse contexto, as pessoas em situação de privação de liberdade têm forte tendência ao uso de psicotrópicos²⁴.

Junto a isso, é importante destacar que, apesar dos indivíduos privados de liberdade possuírem o mesmo direito à assistência psiquiátrica que qualquer outra pessoa na sociedade, há uma lacuna na prestação de assistência psiquiátrica, e poucos recebem o cuidado adequado¹⁰. A deficiência de atenção e cuidados adequados com a saúde mental pode resultar em problemas para o indivíduo durante seu período de encarceramento e afetar sua vida após a liberdade^{8,9,25}. O tratamento em saúde para esses indivíduos deve, segundo recomendação do Conselho da Europa, seguir às particularidades do processo de aprisionamento de acordo com a faixa etária, dando atenção as questões psicológicas inerentes a cada etapa de desenvolvimento de vida²⁶.

4. METODOLOGIA

4.1 Desenho de Estudo

Estudo primário, qualitativo e exploratório. O estudo se configura como primário, pois há coleta de dados brutos entre pesquisador e alvo da pesquisa. O estudo qualitativo, já que abre espaço para compreensão da complexidade das informações coletadas²⁷. O estudo é exploratório, já que essa categoria de pesquisa permite um conhecimento mais completo e mais adequado da realidade.

4.2 Características do Local de Estudo

O estudo foi realizado em uma unidade prisional, situada no município do Salvador, que funciona em regime provisório. A unidade Presídio Salvador destina-se à custódia de presos provisórios da Comarca da Capital e, em caráter excepcional, das Comarcas do interior do Estado, desde que autorizada pela Corregedoria Geral de Justiça. Quando o estudo começou a ser realizado, a unidade contava com 725 custodiados, tendo capacidade para 784, porém, a partir do final de 2023, ela passou por um processo de esvaziamento.

4.3 Período do Estudo

O período de coleta de dados até a finalização do estudo com o envio do relatório final ao CEP foi de setembro de 2023 até abril de 2024.

4.4 Participantes do Estudo

A amostra do estudo é constituída por homens em situação de privação de liberdade custodiados em unidade prisional de regime provisório. A quantidade de participantes foi de 7.

4.5 Critérios de Inclusão e Exclusão

Tem-se como critérios de inclusão: homens em situação de privação de liberdade acima de 18 anos, custodiados em unidade prisional que concordarem voluntariamente em participar da pesquisa, independente da etnia, religião e tipificação do crime. Os critérios de exclusão são: diagnósticos de psicoses, transtornos esquizofrênicos e/ou deficiência intelectual, recusa da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e não identificação de gênero como homem. Para identificação desses diagnósticos, foi utilizado como fonte de

informação o prontuário dos pacientes, da mesma forma, caso seja identificado sinais ou sintomas de transtorno mental grave durante a entrevista, esta será considerada inválida.

4.6 Procedimento de Coletas de Dados

A captação dos participantes foi realizada por meio da indicação dos profissionais de saúde da unidade. Foi solicitado de um profissional de saúde a indicação de internos participar voluntariamente. Os dados foram coletados através de um questionário sociodemográfico (Apêndice A) e entrevista semiestruturada (Apêndice B), realizados de forma individual e presencial na instituição penal. A entrevista foi composta por tópicos que estimularam a narração da experiência vivenciada dentro da unidade prisional. As entrevistas foram gravadas em áudio, por um dispositivo gravador portátil.

4.7 Análise de Dados

As entrevistas foram transcritas (Apêndice D) e organizadas por meio do uso de software *Reshape* e a sua análise foi temática a partir da análise de conteúdo. A análise de conteúdo de Bardin é composta por três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados²⁸.

A etapa da pré-análise consiste na realização de algumas atividades antes de iniciar a análise propriamente dita, incluindo leitura flutuante; escolha dos documentos; reformulações de objetivos e hipóteses e a formulação de indicadores. Após isso, tem-se a exploração do material, fase que tem como finalidade a categorização do estudo²⁹. Neste contexto, a determinação das classificações é estabelecida, identificando os componentes essenciais de uma relação significativa na investigação, ou seja, das classificações. Dessa maneira, a análise categorial consiste na fragmentação e posteriormente um agrupamento das unidades de registro (URs) do conteúdo. Portanto, a repetição de palavras e/ou termos pode ser a estratégia adotada no procedimento de codificação para criar as unidades de registro e, posteriormente, as categorias iniciais de análise²⁸.

Após a fase de exploração, inicia-se a etapa de tratamento dos resultados. Essa etapa é a da interpretação dos dados, havendo avaliação das relações entre diferentes

proposições ou afirmações contidas no material analisado, examinando as conexões lógicas e a consistência interna das proposições²⁸.

4.8 Considerações Éticas

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), CAEE nº: 68199523.4.0000.5544 e aprovado através do parecer circunstanciado nº: 6.112.683 (ANEXO A), em acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, acerca de pesquisa com seres humanos. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C). No caso do TCLE utilizado para entrevista presencial, foram impressas duas vias de igual conteúdo, uma ficou com a pesquisadora e outra com o interno. Todas as páginas foram rubricadas e a última assinada. O TCLE devidamente assinado e rubricado será armazenado pela pesquisadora por um período de cinco anos, assegurando o sigilo da identidade do entrevistado.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse trabalho teve como objetivo geral compreender percepção de demandas e cuidado à saúde mental em homens em situação de privação de liberdade custodiados em uma instituição penal de regime provisório no estado da Bahia.

Foram realizadas oito entrevistas com homens custodiados em regime provisório, em que sete homens privados de liberdade (internos) obedecem aos critérios de inclusão do estudo. As sete entrevistas foram categorizadas no questionário socioeconômico (Tabela 1) e nas categorias temáticas que emergiram através das falas durante a entrevista semiestruturada (Quadro 1).

Na Tabela 1, estão apresentados os dados sociodemográficos dos participantes. Os participantes exibem características que refletem a realidade do sistema prisional, como mostrado por Minayo ³⁰, que, ao delinear mais minuciosamente o perfil dessa demografia em um estudo no Rio de Janeiro, argumenta que ela é caracterizada por indivíduos economicamente desfavorecidos, com níveis educacionais limitados, predominantemente engajados em ocupações informais em vez de formais antes de sua privação de liberdade, e que pertencem ao estrato social comumente referido como "classes populares". Quanto à raça/etnia, toda a amostra se identifica como parda ou negra. Em termos de idade, a maioria é jovem, com menos de 39 anos, apesar disso, a faixa etária comum nas prisões em todo o país é de menos de 30 anos⁶. Entretanto, foram entrevistados também homens acima dos 40 anos. Em termos de estado civil, a maioria é solteira. Em relação à educação, a maioria não concluiu a formação escolar, tendo 42,85% (três internos) não completado o ensino fundamental. Quanto às ocupações profissionais, os últimos empregos relatados foram trabalhos que não demandavam qualificação, sendo empregos informais. A maior parte não possui doenças prévias, ou diagnóstico psiquiátrico. Quanto a visitas, apenas um não recebe nenhum tipo de visita, sendo de algum familiar ou não. A maioria relata trabalhar dentro do ambiente prisional (85,7%), sendo trabalhos oficiais oferecidos pela própria unidade, ou trabalhos designados pelos próprios internos. Todos informaram praticar alguma religião, sendo evangélica/protestante a prevalente (85,7%). Em relação a reincidência, seis, dos sete entrevistados estão pela primeira vez no sistema prisional.

Tabela 1 – Dados sociodemográfico dos internos participantes do estudo. Salvador, Bahia, 2023.

Categorias sociodemográficas	Quantidade	
Raça/cor	Preto	3
	Pardo	4
	Branco	-
	Amarelo	-
	Indígena	-
Faixa etária	18 a 24 anos	3
	25 a 39 anos	1
	40 a 64 anos	3
	>65 anos	-
Estado civil	Solteiro	4
	Casado	-
	Divorciado	1
	União estável	2
Religião	Não pratica	-
	Pratica	7
Filhos	Não possui filho	2
	Possui 1 ou mais	5
Quantidade de acusações	Acusação única	4
	Múltiplas acusações	3
Tempo de privação de liberdade	Até 1 ano	3
	1 a 2 anos	2
	Mais de 2 anos	2
Tipificação criminal	Assalto a mão armada	1
	Formação de quadrilha	1
	Furto	1
	Homicídio	4
	Posse e porte ilegal de arma	1
	Receptação	1
	Tentativa de homicídio	1
	Tráfico de drogas	1
	Ocupação com qualificação específica	7
	Ocupação sem qualificação específica	-
Doenças de base	Sim	2

	Não	5
Visitas	Recebe visita	6
	Não recebe visita	1
Diagnóstico de transtorno mental	Sim	2
	Não	5
Trabalho na prisão	Sim	6
	Não	1
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	3
	Ensino fundamental completo	1
	Ensino médio incompleto	1
	Ensino médio completo	1
	Ensino superior incompleto	1
Primeira vez no sistema prisional	Sim	6
	Não	1

Fonte: Autora (2023)

Ainda sobre as características principais dos participantes, é importante ressaltar que eles estão distribuídos no ambiente prisional em locais distintos. Essa unidade prisional distribui os presos em: farda laranja, farda amarela e farda azul. Os internos de farda laranja ficam no espaço denominado como pátio, e são, em sua maioria, faccionados (pertencem a alguma facção criminosa). O pátio ainda é subdividido em dois espaços, o prédio principal e o anexo, e essa divisão é feita justamente para indivíduos de facções rivais não ocuparem o mesmo espaço. Os presos de farda amarela e azul dividem um espaço fora do pátio, eles possuem liberação para trabalhar para a unidade e não são faccionados (não pertencem a nenhuma facção criminosa). No estudo, 3 são farda laranja, 2 são farda amarela e 2 são farda azul.

Após cuidadosa análise das entrevistas, transcrição e revisão dos dados coletados, diversas questões relevantes surgiram. Levando em conta a importância atribuída a essas questões pelos entrevistados e sua recorrência, os principais temas foram identificados e agrupados em quatro categorias temáticas distintas, vistas no Quadro 1. As categorias são: Adaptação ao contexto prisional, O exercício de um tipo de trabalho dentro da unidade, Saúde na unidade, e Prática de autocuidado através da religião.

Quadro 1 – Unidades de Contexto das categorias Temáticas Emergidas durante as entrevistas. Salvador, Bahia, 2023.

Categorias Temáticas	Unidades de contexto
Adaptação ao contexto prisional	Sentença que contempla as condições e vivências experienciadas pelos internos para se adaptar ao contexto da unidade prisional, receio do ambiente, dificuldade para dormir, saudade da família, e mudanças de padrão que possuem impacto na saúde mental
O exercício de um tipo de trabalho dentro da unidade	Sentença que contempla o exercício de um tipo de trabalho e o nível de importância em relação a saúde mental que o interno atribui a essa atividade e suas repercussões na rotina.
Saúde na unidade	Sentenças que contemplam o conceito que eles atribuem ao termo saúde mental, a percepção do processo de saúde e adoecimento mental na unidade, a trajetória desde a demanda de saúde notada pelo interno ao acesso à atendimento, medicação, exames e diagnósticos e como a assistência em saúde mental é ofertada.
Prática de autocuidado através da religião	Sentença que nota a maneira como os internos lidam com situações desfavoráveis à saúde mental através da religião.

Fonte: Autora (2023)

Duas das quatro categorias agrupam também subcategorias que foram assim divididas para tornar possível uma melhor compreensão, estando elas melhor apresentadas na tabela 2.

Tabela 2: Unidades de registro das Categorias Temáticas Emergidas. Salvador, Bahia, 2023.

Categorias Temáticas	“n” das unidades de registro
Adaptação ao contexto prisional	47
Subcategoria: Receio do ambiente	22
Subcategoria: Dificuldade para dormir	10

Subcategoria: Saudade da família	15
O exercício de um tipo de trabalho dentro da unidade	27
Saúde na unidade	171
Subcategoria: Conceito de saúde mental e a percepção do processo de saúde e adoecimento na unidade	120
Subcategoria: O cuidado ofertado em saúde	51
Práticas de autocuidado através da religião	13

Fonte: Autora (2023).

5.1 A Mudança para o Contexto Prisional

O sociólogo Donald Clemmer propôs o conceito de "prisionização" para descrever o fenômeno pelo qual os indivíduos submetidos ao ambiente prisional internalizam as normas, valores e comportamentos característicos da vida dentro da instituição correcional³¹. Ele observou que os prisioneiros frequentemente desenvolvem uma subcultura específica dentro da prisão, na qual as normas e expectativas são formadas pela natureza única do contexto prisional. Este processo de prisionização pode levar à adoção de comportamentos e atitudes que são adaptativos à sobrevivência na prisão. Esse fenômeno pôde ser observado ao decorrer das entrevistas, visto que a adaptação ao contexto prisional foi uma temática presente na fala dos entrevistados como fator de influência no estado de saúde mental. A situação de "recém-chegado" foi apontada como o período mais difícil entre os internos, justamente por não conhecerem o ambiente, as pessoas e pela perda disruptiva de uma rotina de vida que incluía trabalho e familiares. O *status* de novato recebe muita atenção nas práticas de socialização dentro do ambiente prisional, que se assemelham aos rituais de passagem, e o objetivo dessas práticas é remover a identidade anterior dos novatos e os ensinar comportamentos e hábitos que são esperados na prisão³². Esse estágio inicial já foi anteriormente descrito como fator de vulnerabilidade que condiciona a vitimização de pessoas privadas de liberdade³³, como pode ser observado no relato de um dos internos ao ser questionado sobre a vivência no período inicial de privação de liberdade, tanto na segunda, quanto na primeira vez em que esteve aprisionado nessa mesma unidade, no mesmo regime:

O novato quando chega tem que fazer tudo, é xingado, tudo é maluco, é maloqueiro, sem saber da caminhada da pessoa na rua, fica chamado maloqueiro, não sei o que, é assassino, assassina, não sei o que, porque eles têm que entender uma coisa, do mesmo lugar que eles vieram, a gente tá vindo, pô. (Interno 4)

É importante também destacar que a vitimização da população carcerária difere de processos que envolvem outros grupos. Há uma legitimação e aceitação desse mecanismo sobre os corpos marginalizados, afinal, “Como não seria a prisão imediatamente aceita, pois se só o que ela faz, ao encarcerar, ao retreinar, ao tornar dócil, é reproduzir, podendo sempre acentuá-los um pouco, todos os mecanismos que encontramos no corpo social?”⁷

Nas entrevistas realizadas, essa condição de “novato” toma destaque -também- como provocadora de medo e angústia por si só, como descrito pelo Interno 2 também sobre o início da vivência prisional:

O início foi turbulento. Eu cheguei aqui turbulento, porque você não consegue acreditar, eu nunca imaginei estar em um ambiente como esse, nunca passou na minha mente, nunca nem sonhei em estar aqui. Então é um baque, como por exemplo, você recebe a notícia que um ente querido seu morreu, você não consegue acreditar que você está passando por aquele momento. Então para mim foi tipo isso, demorou um tempo para eu cair na real que eu estava vivendo isso aqui. Até então eu achava que só era um pesadelo que uma hora eu ia acordar e tudo iria passar. Mas não foi dessa forma. (Interno 2)

Além disso, os internos 1 e 3 mencionam o “regime da cadeia” como um aspecto que foi necessário aprender e seguir não por vontade própria, fazendo parte do processo de adaptação ao contexto prisional:

(...)só o agravante da cadeia. Tem que aprender. (Interno 1)

Tem coisa que impede de nós fazermos o que a gente precisa fazer de verdade, porque tem o regime da cadeia. (Interno 1)

(...) O regime da cadeia é a lei que o presidente da cadeia impõe a nós. (Interno 1)

Quando eu cheguei aqui, eu me senti um pouco desacostumado na verdade, né? Porque a gente só passa a conhecer e se adaptando depois que a gente começa a conhecer. Se adaptar com as pessoas,

se dar com as pessoas. Não é um dia para o outro. A gente vai começando a estudar as pessoas, a gente vai começando a dialogar, a entender o outro. Graças a Deus foi tudo bem, porque eu sempre segui a norma do que o presídio pede, o pessoal pede, como é que a gente tem que andar, o que a gente tem que fazer, a forma que a gente tem de tratar as pessoas. Então eu aprendi, para poder se adaptar. (...)
(Interno 3)

A privação de sono foi a principal demanda em saúde mental percebida pelos entrevistados, tanto na autopercepção quanto na observação em outros internos. O “não conseguir dormir” marcou a adaptação ao contexto prisional de muitos, e permaneceu após isso para alguns:

Estou dormindo menos. (Interno 1)

No começo, quando eu vim para cá, foi tudo novo, eu não estava conseguindo dormir (...) (Interno 2)

Problema para dormir, eu estou tendo aqui agora. (Interno 4)

Eu estou com problema para dormir. Eu consigo um remédio, que é de 10 miligramas, né? Pra eu dormi porque eu não consigo...Ansiedade. Sabe, eu fico com ansiedade. (Interno 4)

Não... eu levei uns bons dias sem dormir. (Interno 5)

Não, no começo não. Ninguém acha que não consegue (dormir). No começo não, mas depois... (Interno 6)

Tem né? Porque a cadeia é turbulenta, né? Ao mesmo tempo que o cara tá dormindo, ao mesmo tempo o agente entra de madrugada e tira todo mundo da cela para fazer o procedimento, e isso, e aquilo outro. É o sono do cara, né? (Interno 7)

Uma revisão de alguns estudos sobre insônia no contexto prisional mostrou que a insônia em ambientes carcerários não deve ser subestimada como uma questão secundária associada ao abuso de substâncias psicoativas e diagnósticos de transtorno mental, pois parece representar uma dificuldade situacional independente, sendo um acometimento muito comum na prisão³⁴. Os relatos encontrados nas entrevistas, portanto, demonstraram consonância com outros trabalhos com esse recorte populacional. Entretanto, a automedicação (para dormir ou para outras enfermidades) foi observada apenas algumas entrevistas, o observado em alguns estudos que falam de uma prevalência da automedicação na população brasileira ^{35,36}.

A saudade da família entra como subcategoria por emergir em parte das entrevistas ao se falar sobre a adaptação no contexto prisional, como pode ser observado abaixo:

Saudade da família, que até hoje a gente sente. Às vezes vem uma filhinha, vem um irmão, vem esposa visitar. A gente tá morrendo de saudade. Aí quando é no final da tarde que vai embora, a saudade aperta. A gente sonha no dia... A gente tem que ter paciência, orar muito a Deus, pedir força a Deus, porque Deus vai dar a força para a gente vencer. Isso é horrível mesmo, né? (Interno 3)

Tenho saudades dos meus filhos, sabe? Mas também não abaixo a cabeça, levanto a cabeça. As portas que eles fecharam, eu já abri. Porque meu Deus vai abrir. (Interno 4)

Vontade de ir embora, saudade, vontade de ver a família né. (Interno 5)

Me sentia só meio triste devido à saudade. Logo assim, começando, os amigos, os parentes, pai, mãe, irmã, no começo a pessoa fica meio cabeça baixa, mas vai aprendendo. (Interno 6)

Junto a isso, o distanciamento da família surgiu como fator de piora de saúde mental para alguns entrevistados, sendo as falas emergidas ao mencionarem fatores que acreditavam prejudicar sua saúde mental, e as visitas familiares elencadas por eles como fatores que melhoram o bem-estar:

Eu fico alegre quando vejo elas. Me sinto fora daqui um pouco nesses momentos que eu fico alegre. E depois que elas vão embora, eu continuo com o sofrimento de novo (Interno1)

Sim. O fato de estar aqui isolado da família... Isso interfere. Aliás, não interfere só em mim como em todos os outros presos. Porque você tem aquela convivência que você é acostumado com a família. Isso se torna difícil para a sua saúde mental (...) (Interno 2)

Isso também é o que me conforta, por saber que eu tenho uma família que independente de tudo não me abandonou, está comigo lado a lado, mesmo sabendo do fato que aconteceu, saber que não tem nada a ver, minha família está junto comigo, que hoje abaixo de Deus também é a minha base, é o meu fortalecimento que eu tenho hoje aqui. (Interno 2)

Sempre no momento em que a gente tem nossa família fora, tem nosso filho pequeno, a gente se preocupa. Quem tem sua família fora, se preocupa, porque um pai de família, um batalhador, um guerreiro, uma

batalhadora, uma guerreira têm sua família, gosta da sua família, sente falta sim. Então eu sinto falta da minha família. Mas eu entendo também que aconteceu essa situação comigo (...) (Interno 3)

(...) É porque no dia da visita, parece que o mundo se abre. (Interno 5)

A falas das entrevistas sinalizam o contexto prisional como provocador de adoecimento mental por diversos aspectos, com a saudade da família ocupando local de destaque. O confinamento e o distanciamento de vínculos familiares provocados pela prisão podem ser vistos como responsáveis, inclusive, pelo aparecimento de transtornos mentais nas pessoas privadas de liberdade³⁷. Dessa forma, os resultados desse estudo, assim como mostrou Constantino⁹ em sua pesquisa, destacam a importância da manutenção do vínculo familiar para manutenção do bem-estar.

Apesar disso, é possível verificar que dois internos diferem da visão dos demais em relação às visitas. Os familiares dos indivíduos privados de liberdade também enfrentam sérias repercussões decorrentes dessa situação, pois o estigma associado à prisão se estende aos familiares³⁸. Os internos 4 e 6 comentam sobre não receber visita da família, preferindo manter os entes queridos distantes do contexto prisional como forma de proteção dos entes queridos:

Ele sabe, todos eles sabem que eu estou vivo. Não precisa não. Fiquem todos em paz, que eu estou em paz. Eu estou aqui por causa de um problema. Eu não vim aqui procurar problema. Eu quero sair aqui pela porta da frente. (Interno 4)

Tipo assim, em relação a isso, eu me sinto uma pessoa madura, porque, tipo assim, quem queria me visitar aqui foi a minha mãe, mas só que eu não deixei, não permiti, porque, tipo assim, pra pessoa visitar aqui, como falam, né, sejam que é uma... vamos supor, a pessoa se sente com vergonha, porque é tipo uma revista uma revista rígida, aí na frente, tá entendendo? Muitas famílias dizem que passa humilhação, então por esse caso eu não permiti a vinda da minha mãe aqui, nesse lugar. Porque por fatos eu e os meus, minha família não tem nada a que se envolver, esse é o meu ver. (Interno 6)

Ainda falando sobre a família e o cenário do preso provisório, apesar de apenas dois dos sete entrevistados não possuírem filhos, o exercício da paternidade foi um tópico presente na minoria das entrevistas, mesmo assim, faz-se importante destacar esse dado, visto que o exercício da paternidade na prisão é considerado fator importante

de produção de saúde para os privados de liberdade³⁹. Pode-se observar internos 4 e 7 falando sobre a relação com as filhas:

É... Minha filha. Pensando na minha filha. Dia das Crianças agora eu fiz uma carta, aí mandei para mandar pelo correio para chegar lá no endereço lá. Por conta da saudade, né? Ela me chama de painho. A mãe diz que ela pede pra “buscar o meu painho” ... (choro) (Interno 4)

Veio a minha mãe e a minha filha. Então a minha mãe trouxe aquela porção de comida, assim... Poxa, que coisa... Pô, velho... Os meus amigos mesmo viram a minha filha e falaram... Pô, sua filha é uma moça, minha filha tem nove anos de idade, enorme, doutor. Poxa, velho... Que saudade da minha filha... Eu dormia com as três, doutor. A mãe delas tem aquela convivência, vai na casa da minha mãe e mora aqui em Salvador. Aí levava as meninas pra lá. Aí falava com ela “vou dormir aqui com as meninas aqui, vê se não bate na porta do quarto”. Ficava com as meninas brincando e depois ia dormir. Senti saudade disso. (Interno 7)

A proximidade com os filhos durante o período de encarceramento contribui para a adaptação do homem preso ao ambiente institucional e reduz a probabilidade de queixas físicas, ansiedade e depressão⁴⁰, dessa forma, os relatos evidenciam maior fragilidade na amostra entrevistada.

5.2 O Trabalho no Cárcere

A maneira como os homens se relacionam com o trabalho é uma característica distintiva do gênero nas interações sociais, dessa forma, a relação do homem com o trabalho não é apenas uma questão econômica, mas também uma expressão de sua identidade de gênero e de como ele é percebido e valorizado na sociedade³⁷. O exercício de algum tipo de ocupação na prisão foi relatado por seis dos sete entrevistados no estudo, sendo visto também como fator atenuante do sofrimento inerente à reclusão:

(...)foi o que também me ajudou muito nesse processo, me ajudou muito o trabalho, eu trabalho na fábrica de sacolas, então foi o que me ajudou muito a passar o tempo, porque quando eu estava na farda amarela eu não fazia tanta atividade que eu pudesse cansar o corpo e chegar à noite e dormir, aí quando eu estava na farda amarela, como eu não tinha essa demanda de atividade, eu passava a noite mal, era aí que eu usava do remédio para poder conseguir dormir, só que com

o tempo eu fui para a farda azul, não precisei mais tomar o remédio, comecei a fazer as atividades lá embaixo, trabalhar na fábrica, tudo o que eu pudesse para cansar o corpo, e chega a noite eu consigo dormir tranquilo, e a gente precisa do sono para relaxar a mente, porque se a gente não tem o sono, nossa saúde mental fica doente, então eu não tinha esse sono, eu buscava o remédio, mas hoje graças a Deus eu tenho os recursos que me ajudam muito, que é o trabalho. (Interno 2)

Ajuda. Ajuda bastante. Bastante mesmo. A gente trabalha, a gente pega, já serve pra comprar alimentação pra nossa família, pagar uma água, um recibo de luz. Então ajuda, né? Ajuda bastante. E eu só tenho a agradecer, graças a Deus, ao meu Deus, né? Por ele ter selecionado um lugar melhor pra eu estar aqui. (Interno 3)

Trabalhar ajuda, tem os Farda Azul aqui em cima que trabalham lá embaixo na área livre, certo? E eles não tem tempo pra lavar lençol, lavar a fronha do colchão dele, porque ele passa lá o dia todo lá. Aí a gente da Farda Amarela faz essas coisas. (Interno 4)

O que me ajuda é... Essa faxina que eu faço, o trabalho. (Interno 5)

Esse fato, esse cargo de carteiro é como se fosse um trabalho pronto. Ele tira toda a monotonia da cadeia e o cara fica centrado numa coisa só e dá pra pessoa levar (...) (Interno 6)

As atividades laborais são tema de preocupações masculinas, e a busca por serviços de saúde, nesse caso, fica em um plano mais afastado⁴¹. Nas entrevistas, ele toma protagonismo na promoção de saúde e redução de agravos, saindo um pouco do papel tradicionalmente atrelado de identidade masculina:

E eu ali, to ali, olha aí. É, pai. Mesmo que eu esteja limpando aqui, vai limpando o meu coração, vai limpando a minha mente, vai tirando tudo que é ruim. (Interno 4)

Tipo uma terapia de rotina. Quando eu acordo pela manhã, eu pego uma vassoura e uma pá e saio pelo prédio, varrendo. E isso pra mim tá ótimo, já falei, já comuniquei com os faxineiros. Então está trazendo vida para mim. A minha mente está tranquila. Eu não consigo parar e pensar só em maldade. (Interno 7)

Diante disso, fica evidente que o exercício de uma atividade de trabalho dentro da unidade prisional atua como estratégia de manutenção da saúde mental dos internos,

diferente do que mostra Constantino⁹, que traz o trabalho como fator protetor apenas para mulheres em privação de liberdade.

5.3 A Saúde na Unidade Prisional

Tradicionalmente, a saúde é vista apenas como ausência de doença ou disfunção física, o que é conhecido como modelo biomédico. No entanto, os internos descrevem como “ter saúde mental” um aspecto amplo, que envolve o bem-estar geral, como mostrado nos relatos a seguir:

O estado da pessoa, envolvendo vários outros requisitos, bem-estar. A saúde mental não fala só da mente, fala do corpo também. A nossa mente reage de acordo com o nosso corpo. (Interno 2)

A saúde mental, o que eu entendo é que... se a pessoa dorme bem, se a pessoa... se há muita preocupação, né? (...) (Interno 3)

A mente boa é querer fazer coisas lá, coisas boas. Quando estou com a mente boa, quero jogar uma bola, quero ir à praia, quero pegar meus filhos para passear... Estar com disposição para trabalhar. (Interno 4)

Saúde mental é um sentimento entendeu moça. Não tem ansiedade, não tem dificuldades. (Interno 5)

A pessoa tá bem de vida, ter alegria, amor, tudo isso vai dar saúde mental. Se alguma coisa desse estiver arrasada, ou alguma dificuldade, já fica meio difícil. (interno 6)

Tipo assim, a pessoa é confiante, tá confiante, não desistir, independente de qualquer coisa, é esperançoso, correr atrás, saber que tem como recomeçar esse erro, e aí todo mundo erra, erra, erra, e recomeça de novo, vivendo um dia após o outro, um dia após o outro. É isso. (Interno 6)

A descrição de bem-estar psicológico oferecida por Silva⁴² como um estado de equilíbrio psicológico gerado pela interação entre elementos pessoais e ambientais, permitindo o desenvolvimento pleno das habilidades mentais e uma interação positiva com o entorno, sustenta a noção de o contexto prisional pode ser prejudicial para a saúde mental. Os entrevistados tiveram a percepção do processo de adoecimento como aquilo que perturba esse estado de bem-estar geral, como mostrado nessas falas emergidas ao serem questionados momentos em que a saúde mental estava prejudicada:

Sei lá, que fica dentro daquela cela escura o tempo todo. Não tem energia dentro da cela. E nós ficamos naquela... Aí fica vendo rato passando. Barata passando por cima de alimento. Isso tudo me traz angústia. Eu fico mais triste ainda com essa situação que acontece aí. (Interno 1)

Me senti triste demais, me senti oprimido. Eu estava fazendo com muito carinho para poder quando minha mãe viesse, que foi um dia antes do meu aniversário, quando minha mãe viesse, entregar ela, ou então ela vir, que eu estou buscando, que eu estou buscando por onde a atenção dela, por conta dessa andada toda que ela traz para poder trazer os nossos alimentos, essas coisas e tal. A única coisa que eu posso demonstrar a ela é esse meu carinho. (Interno 1)

(...)Às vezes nós nos angustiamos pelo próximo, pelo amigo, por estar vendo que a situação é injusta. E às vezes nós acabamos tomando essa dor que às vezes adocece a gente. Adoece a nossa saúde mental. (Interno 2)

Tem dia que a gente acorda assim, com a saúde mental bem abalada, você sonha em estar em casa com a família, chega pela manhã você recebe aquele baque que você não está. Às vezes abala um pouco o nosso subconsciente, mas a gente vai tentando levar através da palavra, através da oração, através do louvor. Aí a gente vai buscando forças nesses requisitos, nessas armas que nós temos no momento. (Interno 2)

Fofoca, intriga, não quer bem... já está ruim... e quer arrastar outro. (Interno 4)

Um dia em que eu não me senti bem foi quando eu recebi a notícia de que meu pai tinha falecido. Isso é uma notícia ruim para qualquer um. Você sabe o que acontece depois disso. A pessoa começa a chorar, se desespera... mas...mantém o foco. (Interno 6)

Eu não estava normal, eu me senti... como se eu fosse culpado também, tipo... eu vi a situação e senti culpado... porque isso poderia ter acontecido até por esse caso acontecer comigo. Por eu ta aqui preso. Mas talvez não, talvez tenha sido por causa do destino mesmo, o que é de acontecer tem que acontecer. (Interno 6)

Quando questionados sobre perceber sofrimento mental em outros internos, os entrevistados reforçam o entendimento de um conceito ampliado de adoecimento, e

revelam também a observação de sofrimento mental intenso, indicando a presença de outros internos com doenças psiquiátricas graves:

(...) Como eu já vi internos também em surto psicótico. (Interno 2)

Ele acordou pela meia-madrugada, já sem consciência de tudo que estava fazendo, gritando, agredindo as pessoas, chamando pela família. Você via que ele não estava uma pessoa com a consciência. Ele estava bastante descontrolado, nervoso, ficou assim por volta de uns 3 a 4 dias. Aí a psicóloga conversou, ele ficou tomando alguns remédios, aí ele foi voltando ao normal. Mas foi muito bizarro. (Interno 2)

(...)esse tempo que eu tenho aqui eu já convivi com diversas situações diferentes. Porque a gente é acostumado a dizer que nós estamos na mesma situação, mas cada um com um problema diferente, cada um com uma acusação diferente. Então isso mexe com a mente das pessoas. Às vezes nós nos angustiamos pelo próximo, pelo amigo, por estar vendo que a situação é injusta. E às vezes nós acabamos tomando essa dor que às vezes adocece a gente. Adocece a nossa saúde mental. Tem muitos colegas que eu já vi pensando em fazer até besteira, tirar a própria vida. E às vezes a gente conversa, a gente às vezes que já tem mais tempo, já tem um costume, já se adaptou a isso aqui, aí a gente conversa, explica como é que é, como funciona, para poder passar um conforto, uma segurança. Então a gente convive com vários tipos de situação, que a gente vê que as pessoas estão doentes mentalmente por essa situação (Interno 2)

Percebi, assim, no meio da gente, alguns colegas com essa dificuldade, né? Pra dormir, ter preocupação. Mas depois toma um remédio e dorme, aí a mente fica mais aliviada. Aí dorme, graças a Deus. (...) (Interno 3)

(...)Eu já vi o cara aqui pensando em se enforcar. Tive que da o papo pra ele. (Interno 4)

Teve um de querer se enforcar e teve outro que vi triste assim foi embora ontem, glória a Deus. Ele chorava muito. Não queria comer com a gente. "Mas coma!" eu ficava falando. Eu pegava minhas frutas e dava a ele. Minha laranja e minha banana. (Interno 4)

É, chorando demais... achando que não vai conseguir... a gente sempre um ajuda o outro, quando a gente se encontra em um momento desses... (Interno 5)

É... ter pessoas que querem tirar a própria vida... e eu tentava animar falando que não precisava disso... por falta de uma visita... por se sentir...excluído... porque aconteceu essa situação de ser preso. (Interno 6)

(...) Chorando vejo sempre também, agora a gente não vai entrar um particular no outro. A gente respeita. Só dá uma palavra, amiga... para ele cair na real e ficar tranquilo. (Interno 6)

Um companheiro meu de cela. Tem uma ansiedade terrível, ele fica “ eu vou sair hoje ou amanhã...” cara aquilo já tá consumindo a mente do cara. Que eu não aguento mais ouvir a voz do companheiro falando que vai embora amanhã, vai embora tal dia, então eu vi isso tudo eu acho que a ansiedade dele tá me deixando doente, sabe? Eu tô pedindo a Deus que a liberdade dele chegue logo pra ele ir embora pra eu não ouvir mais a voz dele. (Interno 7)

A taxa de prevalência de doenças mentais é consideravelmente maior entre a população carcerária do que na população em geral⁴³. Isso sugere a fragilidade da saúde mental dessa população. Durante essas falas, foi possível observar a presença de pensamentos e comportamentos suicidas entre alguns internos da unidade, bem como surtos psicóticos. No Brasil, o suicídio no cárcere ainda é um fenômeno pouco discutido nas pesquisas apesar do aumento das ocorrências nas prisões brasileiras⁴⁴. Embora os entrevistados relatem observar sintomas de transtornos em outros internos, apenas dois entrevistados relataram possuir diagnóstico de transtorno mental.

Ao decorrer da entrevista, os internos relataram a sua percepção do acesso ao cuidado em saúde ofertado pela unidade, tópico que mostrou divergências entre quem estava no pátio ou não. Os internos 1 e 7 relatam sua perspectiva do pátio:

Temos que falar com os faxineiros. O faxineiro bota nosso nome na lista. E manda pra ele. Se tiver sentindo bastante dor hoje, só se chama daqui a três dias. Tem o carteiro e tem o faxineiro. O faxineiro é uma função. O carteiro é o que pode comunicar aos funcionários. Tem que dar o nome pra o faxineiro, faxineiro dá o nome pro carteiro. E do carteiro chega para os agentes. (Interno 1)

Não me agrado com essa situação também, não. Porque, tipo... Se nós precisamos, nós estamos precisando naquele exato momento. É porque é necessidade. E como eu já expliquei a senhora aí, já...

Então, todo esse espaço pra poder chegar nosso nome aqui em cima pra depois de três dias a gente poder tomar o remédio. Então, se for por causa de morrer, a pessoa morre. (Interno 1)

É, o atendimento aqui é uma porcaria, quando o interno passa mal, você tem que comprar chapão, dar pesada no chapão. O cara passa mal e morre na cela e tal, se eu der o medicamento desse meu, o cara passa mal e morre, o culpado vai ser quem? Eu mesmo, correto? Então, eu opto por não. (Interno 7)

O encontro entre paciente e profissional de saúde dentro do ambiente prisional é caracterizado por uma série de medidas de segurança, que incluem procedimentos como a remoção da cela e revista, entre outras normas estabelecidas, e essas demandas cotidianas coexistem com situações críticas, como fugas, brigas e motins, que, embora não sejam incomuns em contextos prisionais, representam desafios adicionais para a prestação de serviços de saúde dentro desses ambientes⁴⁵. Os internos do pátio relatam justamente esse distanciamento.

Enquanto isso, os internos que não se encontram no pátio percebem o acesso ao cuidado e de uma forma diferente, como relatado abaixo:

Primeiro a gente comunica ao agente que está de plantão, ele comunica ao psiquiatra, o psiquiatra chama a gente, conversa e encaminha a gente para a psicóloga. (Interno 2)

Ela fez um tipo de pergunta, se a gente precisava tomar medicação para dormir, se havia muita preocupação, se a gente tinha algum problema antes, fazer algum tipo de uso de remédio antes, e eu disse a ela que não, que graças a Deus nunca foi preciso. (Interno 4)

Sobre isso mesmo. Saúde mental. Pra gente aproveitar esse pouco que a gente tem na nossa vida, pra gente sair lá fora, pra gente fazer coisas boas, ver o que é bom lá fora, ajudar nossos filhos, chegar junto. Levar pra vários lugares, coisas assim. (Interno 4)

A dinâmica foi tipo um... tipo um jogo, né? que a gente jogava o dadinho, aí a gente escolhia, levando e caindo, pra gente falar do nosso passado, do presente, do futuro, saudades, lembranças. (Interno 4)

Já teve várias palestras. (Interno 5)

É bom demais, é. Ela aí, ela aí, quer dizer, faz uma palestra com a gente. É bom demais, explica tudo para a gente o jeito que existe, é ótimo. (Interno 5)

Verifica-se, portanto, maior facilidade de acesso ao cuidado ofertado pela unidade pelos internos não facionados (não se encontram no pátio) por conta de uma menor caminho entre a percepção da necessidade de cuidado e os profissionais de saúde do local. Nesse contexto, é possível notar que os detentos que têm a oportunidade de usufruir dos cuidados oferecidos pelos profissionais mencionam uma notável melhoria em seu bem-estar, graças às intervenções que variam desde diálogos individuais até apresentações realizadas no auditório da instituição.

Apesar da criação da PNAISP⁴, as políticas públicas de saúde voltadas para pessoas privadas de liberdade podem ter efeitos diferentes em diferentes estados e até mesmo dentro de cada estado ⁴⁵, já que política de saúde permite que estados e municípios tenham a opção de aderir ou não a determinadas atividades de saúde. Dessa forma, a ausência de uma unidade nas políticas de saúde pode gerar divergências na oferta de cuidado até dentro de uma mesma unidade de reclusão, como mostra os resultados desse estudo.

5.4 Religião como Prática de Autocuidado

Sugere-se que a assistência religiosa ao detento pode ser a forma de apoio mais efetivamente implementada nas prisões⁴⁶. A religiosidade oferece aos detentos uma maneira de atribuir significado às suas vidas, tanto dentro da prisão quanto em relação a eventos anteriores ao encarceramento⁴⁷. Durante as entrevistas, foram relatadas as maneiras que os internos lidam com situações desfavoráveis a saúde mental e as estratégias utilizadas para o alcance de algum bem-estar. Nesse contexto, a religião tem destaque pelos entrevistados como aspecto que os ajudam dentro do ambiente prisional.

A prática de alguma religião (característica presente nos 7 entrevistados) emergiu como fator de proteção da saúde mental e atenuador do processo de sofrimento. Esse aspecto surgiu em diversos momentos durante as entrevistas, como mostrado a seguir:

(...) Mas eu tenho minha religião, eu busco força, acredito na fé. Então eu busco minha força, meu oxigênio da fé para poder manter o controle da minha saúde mental. (Interno 2)

Sim, diariamente a gente tem um culto, tem um culto de louvor, culto da palavra, é onde eu busco ajuda, é o que fortalece a minha esperança, é o que fortalece a minha fé em saber que um dia eu vou sair daqui. (...) (Interno 2)

(...) sexta, que é hoje, e domingo, são dias que a gente vê que aquelas pessoas estão um pouco abatidas, pelos cantos, a gente vai chorando, preocupado, a gente vai dar, né, aquele conselho, o nosso aconchego ir um para o outro, né, chamar para poder ir para a presença, ouvir a palavra, a gente pega a bíblia, ler um texto da bíblia... (Interno 3)

Quem canta seus males espanta. Então a gente canta louvor, e aí tem louvor que mexe com a gente, que procura ajudar. (Interno 3)

Quando questionado sobre o impacto do culto na sua saúde mental, o Interno 1 discorre:

Isso aí de fora traz mensagens boas, positivas pra mim aqui dentro. Trazem coisas que acontecem lá fora, pra mim aqui dentro. Aí acaba que a gente conversa com outras pessoas, entende mais outros lados. Elas trazem mensagens positivas pra nós. Isso aí ajuda bastante a autoestima da pessoa, psicológico. Fora o que nós estamos passando aqui dentro, mas... Passageiro. (Interno 1)

Durante o questionamento sobre estratégias utilizadas para alcance de algum bem-estar, os internos 4, 5, e 7 relatam:

Escrevo. Pego bíblia, tiro texto da bíblia que me interessa aqui, sabe? Mas eu vou levar pra mim. Vou levar comigo. Quando for embora, bota no meu saquinho e leva. Sempre que eu estiver em casa, eu vou levar. (Interno 4)

Ajuda demais... A palavra do senhor é muito boa. Todo dia eu converso com ele, quando estou assim... (Interno 5)

Eu tenho muitas amizades boas, inclusive eu sou do tipo do cara que eu sou religioso, sabe? Então, quando a minha alma se sente afligida, eu vou na crença, oro com os irmãos (Interno 7)

Mesmo com a associação entre saúde mental na população carcerária e religiosidade ter sido abordadas de forma limitada por pesquisas no Brasil⁹, o estudo mostra a prática de alguma religião como estratégia utilizada pelos internos de autocuidado, e como meio de minimizar sofrimentos inerentes à privação de liberdade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos objetivos demarcados nesse estudo que buscou analisar a percepção de demandas relacionadas ao cuidado à saúde mental em homens em situação de privação de liberdade provisória, é notório que os custodiados entrevistados trazem em seu discurso a percepção de demandas frequentes e importantes relacionados a saúde mental de homens privados de liberdade, como adaptação ao contexto prisional, aspecto que gera adoecimento mental no custodiado por medo do ambiente novo, distanciamento da família e privação de sono, bem como o exercício de uma ocupação dentro da prisão, que se mostrou um grande pilar atenuador do sofrimento mental do aprisionado.

Os internos também demonstram suas percepções do processo de saúde e adoecimento, enfatizando que o acesso ao cuidado em saúde é desigual dentro da unidade, compartilhando as diferenças entre os faccionados e não faccionados (separados no espaço prisional e com fardas distintas) e o caminho percorrido até o atendimento em saúde que cada uma enfrenta. No entanto, os internos que conseguem acessar o cuidado proposto pelos profissionais relatam melhora significativa do bem-estar por meio das atividades propostas, que vão de conversas individuais a palestras no auditório da unidade.

A religião se revela como importante estratégia de cuidado em saúde mental entre os presos. O exercício da religião, emerge, assim, como um dos principais fatores que minimizam o sofrimento psicológico e como grande estratégia para alcance de algum bem-estar dentro do ambiente prisional

A partir da análise do contexto exposto, torna-se evidente a necessidade premente de priorizar a discussão e ações voltadas para a saúde mental da população em situação de privação de liberdade. Apesar dos avanços legislativos e das políticas públicas voltadas para a humanização do sistema prisional, o distanciamento entre as propostas da política social e prisional revela uma carência significativa na garantia do direito à saúde desses indivíduos.

Os dados presentes nesse trabalho endossam uma fragilidade alarmante no acesso aos cuidados de saúde mental dentro das instituições prisionais já exposta por alguns autores, apesar da alta prevalência de transtornos mentais na população inserida nesse contexto. Este cenário reforça a urgência de ampliar o debate e as ações

voltadas para a promoção da saúde e o bem-estar dos indivíduos privados de liberdade, com especial atenção para aqueles em regime provisório.

Diante do exposto, pode ser verificado que este estudo vem contribuir para preencher a lacuna literária, focando especificamente na percepção das demandas relacionadas ao cuidado da saúde mental em homens privados de liberdade em regime provisório no estado da Bahia.

REFERÊNCIAS

1. ONU - Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos [Internet]. 1948. Acesso em: [15 de abril de 2023]. Disponível em: [https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/por.pdf]
2. Brasil. Lei de Execução Penal. Brasília [internet]. 1984. Acesso em: [28 de abril de 2023]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário. Brasília [Internet]. 2003. Acesso em: [2 de maio de 2023] Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_nacional_saude_sistema_penitenciario_2ed.pdf]
4. Brasil; Ministério da Saúde; Ministério da Justiça. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade no Sistema Prisional [Internet]. 2014. Acesso em: [28 de abril de 2023]. Disponível em: [http://www.as.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Cartilha-PNAISP.pdf]
5. Lermen, H. S. et al. Saúde no cárcere: análise das políticas sociais de saúde voltadas à população prisional brasileira. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 2015; v. 25, n. 3, p. 905–924.
6. SISDEPEN- Sistema Nacional de Informações Penais. 13o Ciclo – INFOPEN [Internet]. 2022. Acesso em: [3 de maio de 2023] Disponível em: [https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios-e-manuais/relatorios/relatorios-analiticos/br/brasil-dez-2022.pdf. Acessado em 03/05/2023]
7. Foucault, M. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 1987. Petrópolis: Editora Vozes.
8. Afonso, L. P. V. Adaptação à Prisão: estudo das relações entre os processos de coping, “marcadores” de bem-estar e ajustamento psicológico [Internet]. 2012. Acesso em: [10 de maio de 2023] Disponível em: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24269/1/Leonor%20Pulido%20Valente%20Afonso.pdf]
9. Constantino P, Assis SG de, Pinto LW. O impacto da prisão na saúde mental dos presos do estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2016Jul. Acesso em: [10 de maio de 2023];21(7):2089–100. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232015217.01222016
10. Freire, A.C.C., Pendé, M.P. and Mendonça, M.S.S. Saúde mental entre presidiários na cidade do Salvador, Bahia, Brasil. In: COELHO, M.T.Á.D., and CARVALHO FILHO, M.J., orgs. *Prisões numa abordagem interdisciplinar* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 121-130. ISBN 978-85-232-1735-8.
11. Feitosa, R. M. M.; Vieira, V. V. G.; Cabral, S. A. R.; Andrade, D. S. de; Freitas, L. H. M. de. Caracterização dos diagnósticos e psicotrópicos das pessoas privadas de liberdade: Characterization of diagnoses and psychotropics of persons deprived of their liberty. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, [S. l.], v. 87, n. 25, 2019. DOI: 10.31011/reaid-2019-v.87-n.25-art.202..

12. Aguirre, Carlos. Cárcere e sociedade na América Latina, 1800-1940. In: MAIA, Clarissa Nunes et al. (Org.). História das prisões no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
13. Borges, J. Encarceramento Em Massa. Pólen Produção Editorial LTDA, 10 de julho de 2019.
14. Departamento Penitenciário Nacional. Relatório Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: INFOPEN [Internet]. Junho de 2016. Acesso em: [29 abril 2023] Brasília. Disponível em: [https://www.gov.br/senappen/pt-br/assuntos/noticias/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias-2016/relatorio_2016_22111.pdf].
15. Feffermann, M. As Interfaces Do Genocídio No Brasil. Imprensa Oficial do Estado S/A – IMESP, 2018.
16. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios – TJDF. “Preso Provisório.” Tribunal de Justiça Do Distrito Federal E Dos Territórios [Internet]. 2017. Acesso em: [29 abril 2023]. Disponível em: [www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/educacao-semanal/preso-provisorio#:~:text=Preso%20provis%C3%B3rio%20%C3%A9%20aquele%20cuja].
17. Defensoria Pública do Estado do Paraná. “Quais Tipos de Prisão Existem No Brasil?” Defensoria Pública Do Paraná [Internet]. 2 de fevereiro de 2023. Acesso em: [3 maio 2023]. Disponível em: [www.defensoriapublica.pr.def.br/Noticia/Quais-tipos-de-prisao-existem-no-Brasil].
18. Bahia. Secretaria de administração penitenciária e ressocialização. Presos condenados, provisórios e monitorados [Internet]. 2023. Acesso em: [22 maio 2023]. Disponível em: [http://www.seap.ba.gov.br/sites/default/files/dados/2023-05/PRESOS%20CONDENADOS%2C%20PROVIS%C3%93RIOS%20E%20MONITORADOS%20-22-05-2023_0.pdf].
19. Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos (SAL): Ipea. “Excesso de Prisão Provisória No Brasil: Um Estudo Empírico Sobre a Duração Da Prisão Nos Crimes de Furto, Roubo E Tráfico (Bahia E Santa Catarina, 2008-2012).” Série Pensando O Direito [Internet] 2015. Acesso em: [30 maio 2023]; vol. 54. Disponível em: [http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Pod_54_Rogério_final_web-1.pdf].
20. Batista, Mignun De Andrade, et al. “Assistência À Saúde Das Pessoas Privadas de Liberdade Provisória: Análise Da Efetividade Do Plano Nacional Da Saúde Do Sistema Penitenciário.” Arquivos de Ciências Da Saúde Da UNIPAR; 16 de maio de 2019; vol. 23, no. 2.
21. Damas FB, Oliveira WF. A saúde mental nas prisões de Santa Catarina, Brasil. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental 2013; 5(12):1984-2147.
22. Butler T, Allnutt S, Cain D, Owens D, Muller C. Mental disorder in the New South Wales prisoner population. Aust N Z J Psychiatry 2005; 39(5):407-413.

23. Gunter, T.D.; Arndt, S.; Wenman G. et al. Frequency of mental and addictive disorders among 320 men and women entering the Iowa prison system: use of the MINI-Plus. *J Am Acad Psychiatry Law*. 2008;36(1):27-34.
24. Nóbrega, E. R. A.; Honório, A. L. I.; Miranda, L. M.; Souza, B. C.; Crespo, J. M. R. S. Uso de psicofármacos pelos albergados do presídio de Muriaé (MG). *Revista Científica da Faminas*. [Internet]. Acesso em: [2 de junho de 2023].2013; 9(3):58-66. Disponível em: [http://periodicos.faminas.edu.br/index.php/RCFaminas/article/view/336].
25. Pinheiro, I., & Cardoso, J. Vulnerabilidade ao stress prisional e ao risco de suicídio na população reclusa: Estudo exploratório. *Sociedade Portuguesa de Psiquiatria, Psicologia e Justiça* [Internet]; 2011. Acesso em: [31 de maio de 2023];12(4), 5-25. Disponível em: [https://www.spppj.com/uploads/psiquiatria_psicologia_e_justica_2....pdf]
26. Madzharov, E. A. Age-psychological characteristics of inmates. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 217, 92-100. doi: 10.1016/j.sbspro.2016.02.035.
27. Minayo M de S, Deslandes S, Gomes R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes; 2017.
28. Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
29. Sousa, J. R. de; Santos, S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 1396–1416, 2020. DOI: 10.34019/2237-9444. 2020.v10.31559.
30. Minayo MC de S, Ribeiro AP. Condições de saúde dos presos do estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2016. Acesso em: [12 de março 2024];21(7):2031–40. Disponível em:[https://doi.org/10.1590/1413-81232015217.08552016].
31. Clemmer D. *The Prison Community*. California: Harcourt Brace College Publishers; 1940. 358 p.
32. Albuquerque CL, Paes-Machado E. The hazing machine: the shaping of Brazilian military police recruits. *Policing and Society*. 2004 Jun;14(2):175–92.
33. Almeida OL de, Paes-Machado E. Processos sociais de vitimização prisional. *Tempo Soc*. [Internet]. 1 de junho de 2013. Acesso em: [12 março 2024]. 25(1):257-86. Disponível em:[https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/69042].
34. Elger BS. Insomnia in places of detention: a review of the most recent research findings. *Med Sci Law* [Internet]. Jul 2007. Acesso em: [20 março 2024];47(3):191-9. Disponível em: [https://doi.org/10.1258/rsmmsl.47.3.191].
35. Araújo, A. L. et al. Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura. *Rev. Bras. Farm*. 96 (2): 1178 – 1201, 2015.
36. Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzol T da SD, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, et al.. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Rev Saúde Pública* [Internet]. 2016. Acesso em: [20 março 2024];50:13s. Disponível em: [https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117].

37. Resende dos Reis A, Kind L. A Saúde De Homens Presos: promoção da saúde, relações de poder e produção de autonomia DOI - *Psicol Em Rev* [Internet]. 4 maio 2015. Acesso em: [10 março 2024]; 20(2). Disponível em: [https://doi.org/10.5752/p.1678-9523.2014v20n2p212].
38. Cabral YT, Medeiros BA. A FAMÍLIA DO PRESO: EFEITOS DA PUNIÇÃO SOBRE A UNIDADE FAMILIAR. *RT* [Internet]. 9 de fevereiro de 2015. Acesso em: [10 abril 2024];2(1):50-71. Disponível em: [https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/6652].
39. Miranda, Márcia Lepiani Angelini; GRANATO, Tania Mara Marques. Pais encarcerados: narrativas de presos sobre a experiência da paternidade na prisão. *Psico (Porto Alegre)*, 47(4), 309-318, 2016.
40. Lanier CS. Affective states of fathers in prison. *Justice Q* [Internet]. 1 mar 1993. Acesso em: [26 abril 2024];10(1):49-66. Disponível em: [https://doi.org/10.1080/07418829300091701].
41. Gomes R, Nascimento EF do, Araújo FC de. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2007Mar. Acesso em [12 abril 2024];23(3):565–74. Disponível em: [https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000300015]
42. Silva, M.L. Racismo e Seus Efeitos na Saúde Mental. Em: ANAIS DO SEMINÁRIO SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA, 1., 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: Editora, 2004.
43. Fazel S, Danesh J. Serious mental disorder in 23 000 prisoners: a systematic review of 62 surveys. *Lancet* [Internet]. Fev 2002. Acesso em: [13 abril 2024] ;359(9306):545-50. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/s0140-6736(02)07740-1].
44. Conselho Nacional de Justiça. Letalidade prisional: uma questão de justiça e de saúde pública [Internet]. Acesso em [20 abril 2024] Disponível em: [https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2023/05/sumario-executivo-letalidade-prisional-12-05-23-v2.pdf].
45. Lôbo NM de N, Portela MC, Sanchez AAMMR. Análise do cuidado em saúde no sistema prisional do Pará, Brasil. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2022. Acesso em [20 abril 2024]. ;27(12):4423–. Disponível em:[https://doi.org/10.1590/1413-812320222712.10212022].
46. Mota do Livramento A, Maria Rosa E. Homens no cárcere: estratégias de vida na prisão. *Rev. PPP* [Internet]. 18 de janeiro de 2017. Acesso em [14 abril 2024] ;11(2):412-26. Disponível em: [http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/1756].

APÊNCIDE A
Questionário Sociodemográfico

1. Gênero?
2. Etnia?
3. Idade?
3. Estado Civil?
4. Tem religião? Se Sim, Qual?
5. Número de filhos?
6. Quantidade de acusações?
7. Tempo de privação de liberdade?
8. Tipificação criminal?
9. Classificação do crime?
10. Profissão antes da prisão?
11. Doenças de base?
12. Recebe visitas? Se sim, Quantas e qual a duração delas?
13. Diagnóstico de transtorno mental?
14. Trabalha dentro da unidade?
15. Escolaridade?
16. Primeira vez no sistema prisional?

APÊNDICE B

Roteiro da Entrevista Semiestruturada

1. O que você entende pelo termo saúde mental?
2. Como você consideraria sua saúde mental hoje?
3. O que você acha que interfere na sua saúde mental nesse ambiente?
4. Já buscou ajuda com relação a isso?
5. Se sim, quem você procurou?
6. Por que procurou essa pessoa?
7. Qual foi a ajuda oferecida?
8. Já foi no psiquiatra da unidade? Como foi a consulta?
9. Já foi no psicólogo da unidade? Como foi a consulta?
10. Algum outro profissional da unidade já ajudou você com essas questões de saúde mental?
11. Já percebeu outro interno sofrendo por conta do mental? Se sim, qual foi a sua impressão? Fez algo para tentar ajuda-lo?
12. Você respondeu no questionário mais cedo que recebe visita (Quantas e duração), acredita que essas visitas são importantes para a sua saúde mental no ambiente?
13. Já houve dias em que a sua saúde mental estava “ruim”? Como foi esse dia?
14. O que você pensa e sente acerca da sua saúde mental ao estar nessa unidade em específico?
15. O que você faz aqui que ajuda a melhorar a sua saúde mental?
16. Acredita que trabalhar faz bem para a sua saúde mental nesse ambiente?
17. Caso “sim” na de diagnóstico de transtorno mental? Como você lida com o seu transtorno mental nesse ambiente?
18. Utiliza algum medicamento? Como é o acesso a esse medicamento na unidade?

APÊNDICE C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a), você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “DEMANDAS EM SAÚDE MENTAL DE HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE EM UMA UNIDADE PRISIONAL DE REGIME PROVISÓRIO NO ESTADO DA BAHIA”, que tem como público-alvo homens privados de liberdade. A pesquisa está sendo realizada por Maria Eduarda Araújo dos Santos Brandão de Lima, discente do curso de medicina da EBMSP, sob orientação do professor Igor Carlos Cunha Mota.

A pesquisa tem como objetivo compreender como homens em situação de privação de liberdade percebem as demandas e o cuidado à saúde mental em uma instituição penal no estado da Bahia. O convite a sua participação se deve ao conhecimento de que neste momento o senhor encontra-se em situação de condenação penal em modalidade de privação de liberdade. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. Sua participação consistirá em responder um questionário sociodemográfico e participar de uma entrevista semiestruturada. Para concluir o processo de coleta de dados será necessário um único encontro, com duração de cerca de 1 hora. Caso você concordar participar, então deverá responder o questionário e a entrevista que serão gravados em áudio. Não há um benefício direto para você em participar dessa entrevista, mas essa pesquisa é importante porque irá contribuir para a produção de trabalhos acadêmicos sobre a saúde mental no contexto prisional. Os riscos que esta pesquisa poderá oferecer são mínimos, como desconforto psíquico diante de perguntas íntimas. Entretanto, caso se sinta fragilizado ou desconfortável em função das informações disponibilizadas no questionário e na entrevista, você pode desistir de sua participação e caso seja do seu interesse o docente/orientador da pesquisa (psicólogo com formação clínica e com experiência em atuação no sistema prisional) ofertará apoio psicológico na modalidade instituída e/ou permitida pela Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SEAP-BA).

A sua participação é muito importante e desde já, agradecemos e, apesar de ela ser voluntária, a qualquer momento você pode interrompê-la e poderá retirar seu consentimento sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Cabe destacar que não haverá pagamento para você participar. Será assegurado sigilo quanto à sua identidade, ficando suas informações sob a guarda do pesquisador, resguardando a sua privacidade e o anonimato das pessoas envolvidas.

Para maiores esclarecimentos o senhor pode entrar em contato com o pesquisador: Igor Carlos Cunha Mota, telefone (71) 99206-9206, E-mail igormota@bahiana.edu.br ou procurar o Comitê de ética e Pesquisa- Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Av. Dom João VI, nº 274 – Brotas - CEP: 40.285-001 - Salvador – BA. Telefone: (71) 2101-1921 / (71) 98383-7127. E-mail: cep@bahiana.edu.br

Salvador ____de de 202__

Igor Carlos Cunha Mota (pesquisador responsável)

Contato com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel.:

E-mail:

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Participante da pesquisa

Nome:

Apêndice D

Transcrição das Entrevistas Realizadas

Entrevista 1 – L.S. (Interno 1)

Entrevistadora: Então a gente vai dar aqui início a entrevista de L.S. na pesquisa de saúde mental de homens privados de liberdade em regime provisório. Essas perguntas são mais básicas, para conhecer você no geral, certo? Então, o gênero que você se identifica, você nasceu com o sexo biológico masculino e se identifica como homem?

Interno 1: Isso

Entrevistadora: E você se identifica como preto, pardo, branco, indígena, amarelo?

Interno 1: Pardo.

Entrevistadora: Certo, e você está com quantos anos?

Interno 1: 22 anos.

Entrevistadora: É casado, solteiro, divorciado, união estável?

Interno 1: Solteiro. Solteiro.

Entrevistadora: Tem religião?

Interno 1: Minha família é mais do evangélico, eu também sou evangélico.

Entrevistadora: E você estudou até que série?

Interno 1: Nono ano.

Entrevistadora: E você tem filhos?

Interno 1: Não.

Entrevistadora: E você está aqui, são quantas acusações?

Interno 1: Três.

Entrevistadora: Você pode falar quais são as acusações?

Interno 1: Dois roubos, na verdade são dois 157 e uma receptação. A receptação quer dizer que eu estou portando frutos de roubo.

Entrevistadora: E você trabalhava com o que antes daqui?

Interno 1: Barbearia.

Entrevistadora: Essa aqui é a sua primeira vez preso?

Interno 1: É a minha primeira. Tava na pública e vim pra cá.

Entrevistadora: Entendi, você tem alguma doença relacionada ao coração, pressão alta ou algo do tipo?

Interno 1: Arritmia. Isso dificulta muito a minha respiração e o meu batimento cardíaco.

Entrevistadora: Você recebe visita?

Interno 1: Sim. Minha mãe e minha irmã.

Entrevistadora: Com que frequência, são essas visitas? No mês, por exemplo?

Interno 1: Quarta-feira, toda quarta do mês.

Entrevistadora: E geralmente elas duram quanto tempo? É o dia todo?

Interno 1: Geralmente é das dez às duas e meia...

Entrevistadora: Ah, entendi. Você, alguma vez já teve algum diagnóstico de transtorno mental?

Interno 1: Ansiedade eu já tive, já. Depressão também.

Entrevistadora: Foi um diagnóstico de algum médico?

Interno 1: Sim. Depressão, tem dois anos atrás. E ansiedade eu sofro constantemente.

Entrevistadora: Você tem liberação pra trabalhar?

Interno 1: Eu corto o cabelo.

Entrevistadora: Ah, entendi. Lá no pátio você corta o cabelo. É o responsável por cortar o cabelo. Entendi, entendi. Então, essas perguntinhas mais gerais mesmo, sabe? Para saber o seu perfil e tudo. Como essa pesquisa é sobre saúde mental, agora eu vou fazer umas perguntas um pouquinho mais específicas sobre isso, certo? Então, se você se sentir desconfortável em algum momento, pode falar, sinalizar, certo? É importante. Então, você não é obrigado a responder.

Interno 1: Desconfortável eu estou nessa cadeia, o resto é tudo lucro.

Entrevistadora: Então, assim, quando eu falo saúde mental, o que é que você entende que é? O que é que é saúde mental pra você?

Interno 1: É o psicológico.

Entrevistadora: É o psicológico? Você poderia falar um pouquinho mais sobre?

Interno 1: Sobre o meu psicológico. Aqui dentro da cadeia tem que aprender a

controlar tudo, né? Nossa rotina, nosso sentimento, essas coisas todas. Porque às vezes a gente precisa se expressar de alguma maneira, mas de certa forma nós temos que entender que nós estamos presos, não podemos fazer o que precisamos. Essas coisas, o psicológico aqui dentro tem que ser estudado bastante mesmo. Porque são outras coisas que fazem mudar o pensamento o tempo todo, lidar com a situação que nós estamos. Então, tem que ficar preparado pra qualquer coisa sempre. Então, eu prefiro sempre estar estudando o psicológico, sempre aprendendo mais. Na minha vida é só isso.

Entrevistadora: Entendi. Como é que você considera a sua saúde mental hoje? Boa, ruim, mais ou menos?

Interno 1: Nada favorável.

Entrevistadora: O que você acha aqui dentro, especificamente aqui, nessa unidade que você acha que interfere na sua saúde mental?

Interno 1: Pouco tempo.

Entrevistadora: Como assim, pouco tempo?

Interno 1: Pouco tempo. Porque nós temos tempo pra estudar aqui, e eu mesmo não estou estudando. Eu queria comprimir meu estudo. E aí eu não tenho a oportunidade de poder ler um livro. Minha família não tem a oportunidade de trazer um livro da rua pra poder estar vendo. Aí isso aí já dificulta bastante. Eles só querem que nós faça o que eles querem.

Entrevistadora: Eles quem?

Interno 1: O governo em geral. O sistema.

Entrevistadora: E o que é que você acha que interfere, além disso? Na sua saúde mental aqui dentro.

Interno 1: Nada, só o agravante da cadeia. Tem que aprender.

Entrevistadora: Você podia falar o que é esse agravante da cadeia?

Interno 1: Tem coisa que impede de nós fazermos o que a gente precisa fazer de verdade, porque tem o regime da cadeia.

Entrevistadora: E como é que isso funciona?

Interno 1: O regime da cadeia é a lei que o presidente da cadeia impõe a nós.

Entrevistadora: E você acha que isso atrapalha a sua saúde mental?

Interno 1: Um pouco. Também pelo costume que eu tenho na rua, a luz dentro da minha casa, essas coisas da cadeia eu não tenho. Aí, às vezes, eu quero ler também. Me dificulta. Eu gosto muito de ler. Escutar música. Então, eu tenho que aprender a preencher esse espaço vazio com outras fontes.

Entrevistadora: Já procurou ajuda em relação à saúde mental?

Interno 1: Não.

Entrevistadora: Já procurou por conta própria a psicóloga ou algum funcionário daqui em relação a isso?

Interno 1: Não.

Entrevistadora: Você, em algum momento, já foi na psicóloga daqui da unidade?

Interno 1: Fui ontem.

Entrevistadora: Foi ontem? E como é que foi o atendimento?

Interno 1: Ela me fez umas perguntas básicas, que é o essencial. Diz que ela,

frequentemente, já está me chamando para fazer o acompanhamento.

Entrevistadora: E você já foi alguma vez no psiquiatra daqui da unidade?

Interno 1: Não.

Entrevistadora: Sem ser o pessoal da psicologia ou o psiquiatra alguém já te ajudou nessa questão de saúde mental aqui dentro?

Interno 1: Já, já conversaram comigo.

Entrevistadora: Quem?

Interno 1: Ah, só os funcionários aqui em cima. As médicas mesmo, conversando comigo, tranquilo. Mas nunca tive atendimento médico aqui em cima. Minha primeira vez foi ontem, depois desse tempo todo.

Entrevistadora: Entendi. Você já percebeu algum outro interno em sofrimento mental? Tipo, outro interno lidando com essas questões de saúde mental que não estava bem. Você já percebeu isso alguma vez? A questão de não conseguir dormir, por exemplo?

Interno 1: Ah, tem várias pessoas lá que não conseguem dormir. Por conta do ambiente, da gente, do lugar. Por conta do local que nós estamos dormindo, né? Que não é adequado para nós estarmos dormindo ali.

Entrevistadora: Isso inclui você?

Interno 1: Também.

Entrevistadora: Você não consegue dormir bem aqui?

Interno 1: Não, eu comentei isso com a psicóloga ontem.

Entrevistadora: Já precisou tomar remédio para conseguir dormir?

Interno 1: Ainda não tomei nada.

Entrevistadora: Entendi. E de quando você chegou até agora... Você acha que isso mudou?

Interno 1: Sim.

Entrevistadora: Do início em que você foi preso aqui até agora... Você acha que você lida melhor com isso? Você consegue dormir mais?

Interno 1: Estou dormindo menos.

Entrevistadora: Você recebe visita, né? Você recebe visita da sua mãe e da sua irmã. Você acha que essas visitas ajudam?

Interno 1: Ajudam bastante.

Entrevistadora: Você poderia falar um pouquinho sobre isso?

Interno 1: Eu fico alegre quando vejo elas. Me sinto fora daqui um pouco nesses momentos que eu fico alegre. E depois que elas vão embora, eu continuo com o sofrimento de novo.

Entrevistadora: E você acha que esse tempo é suficiente? O tempo que elas passam aqui?

Interno 1: Não.

Entrevistadora: Você já comentou que você fica ansioso... Mas eu queria perguntar especificamente... Você já teve algum dia que foi ruim para a sua saúde mental? Você consegue pensar em um dia que foi assim?

Interno 1: No meu aniversário.

Entrevistadora: Pode me contar um pouco como foi esse dia?

Interno 1: Eu não tinha nem acordado já que eu já tive baculejo na cadeia. E como eu nunca tinha passado por aquilo, então eu fiquei meio que sem saber o que fazer. Minha mente não ficou boa, não ficou legal por conta disso. No meu aniversário também é um dia especial para mim. E aconteceu isso tudo. Aí já ficou, já me abalou mais em relação a eu estar preso, já fiquei mais inseguro. Muito medo de acontecer mais novamente, né?

Entrevistadora: E como é que funciona esse baculejo?

Interno 1: Abordagem de rotina que eles falam, né? Tira todo mundo da cela, faz a gente ficar de cueca, sentado no pátio. Todo mundo um de costa para o outro. Mas aqui até então não houve nada agravante.

Entrevistadora: Entendi. E você se sentiu como?

Interno 1: Humilhado porque quando eu entrei na minha cela, as coisas que eu guardo com tanto carinho para poder fazer para minha visita, eles pisam, pisam, suja, saem rasgando nossas embalagens, jogando tudo que é de alimento nosso no chão. Faz aquele transtorno todo na cela e acaba que não acha nada.

Entrevistadora: Entendi. Você falou coisas que você faz para as visitas. Você faz o que?

Interno 1: Eu gosto de fazer artesanato. Estava decorando uma fronha que eu fiz com o nome de minha mãe, quando eu fui ver ele tinha rasgado minha fronha. Isso para mim foi muito pesado.

Entrevistadora: Você se sentiu como?

Interno 1: Me senti triste demais, me senti oprimido. Eu estava fazendo com muito carinho para poder quando minha mãe viesse, que foi um dia antes do meu aniversário, quando minha mãe viesse, entregar ela, ou então ela vir, que eu estou buscando, que eu estou buscando por onde a atenção dela, por conta dessa andada toda que ela traz para poder trazer os nossos alimentos, essas coisas e tal. A única coisa que eu posso demonstrar a ela é esse meu carinho.

Entrevistadora: Você aqui já vivenciou algum tipo de violência? Psicológica ou física?

Interno 1: Na pública já.

Entrevistadora: Na pública já, mas aqui? Discussão, alguma coisa do tipo?

Interno 1: Não.

Entrevistadora: Mas você já viu isso acontecer alguma vez?

Interno 1: Não

Entrevistadora: Você frequenta a escola?

Interno 1: Não.

Entrevistadora: Tem algum motivo para você não frequentar?

Interno 1: Já cheguei no fim do ano, disse que a inscrição só no ano que vem agora.

Entrevistadora: E como é que é a sua rotina aqui? Você acorda e você faz o que?

Interno 1: A mesma coisa, a rotina mesmo. Acordou, levantou, fiz o banho, fiz a função, procurou o que fazer. Chego às 10h40, faço a função de novo. Antes de fechar a cadeia, faço a função novamente.

Entrevistadora: Essa função é o que?

Interno 1: Eu faço a rampa.

Entrevistadora: Ah, entendi. Então você me explica um pouquinho como é que é essa função?

Interno 1: Eles pagam, eles abrem a parte do restaurante que paga a alimentação. Aí eu pego os pratos de todo mundo da cela, vou para a fila, pego o alimento de todo mundo e levo para a cela. Isso são três vezes no dia que eu tenho que fazer.

Entrevistadora: Falando em comida, como é que é a comida aqui?

Interno 1: Eu não gosto não. Eu tive infecção intestinal já duas vezes.

Entrevistadora: E você alguma vez já ficou com fome aqui?

Interno 1: Só por conta que eu não quis comer, porque eu não estava me dando bem com a comida. Eu estava comendo, eu estava me sentindo mal. Eu estava me alimentando, eu estava ficando anêmico. Uma comida que é para ajudar, mas presa, acaba dificultando mais.

Entrevistadora: Como é que você se sente em relação a isso?

Interno 1: Não muito contente, não. Pelo fato de nós estarmos presos, pelo menos um alimento de qualidade, né? Para poder se alimentar.

Entrevistadora: Como é que você se sente acerca da saúde mental estando aqui nessa unidade específica? Você falou que já esteve na cadeia pública depois veio para cá. Teve diferença da cadeia pública para aqui?

Interno 1: Teve um pouco.

Entrevistadora: Quais foram as diferenças, assim?

Interno 1: Só em relação ao sono.

Entrevistadora: E por que você acha que isso aconteceu? Essa diferença.

Interno 1: O ambiente.

Entrevistadora: Como assim, o ambiente? Qual a diferença?

Interno 1: Lá, a gente ficava mais dentro da cela. Fazia tudo o que a gente tinha que fazer dentro da cela. E por conta da cadeia ser mais fechada... Não tinha muito transtorno. Convívio diferente com outras pessoas. Já aqui, nós não podíamos entrar no nosso espaço. Porque a cadeia é aberta. Todo mundo entra na cela. Pega o que não é seu. Então, para mim, isso aí já não é bom.

Entrevistadora: Você acha que esse convívio, de certa forma, prejudica a sua saúde mental?

Interno 1: Até então, eu acho que sim, um pouco.

Entrevistadora: Por quê?

Interno 1: Porque eu sou uma pessoa mais reservada. Essa privacidade, eu não estou tendo aqui.

Entrevistadora: Eu perguntei o que é que você acha que deixa a sua saúde mental ruim. Agora, eu quero perguntar o que é que aqui dentro te ajuda? O que é que você faz?

Interno 1: Cortar o cabelo

Entrevistadora: E tem mais alguma coisa? O artesanato ajuda?

Interno 1: Ajuda também.

Entrevistadora: O que mais você acha que ajuda?

Interno 1: Ler livros, escutar música. Pra mim, é a melhor escolha que tenho.

Entrevistadora: Em algum momento, você consegue, então, ler alguma coisa ou escutar música? Durante o dia.

Interno 1: Quando eu tenho tempo.

Entrevistadora: Entendi. Então, cortar o cabelo, o artesanato... Música, ler... E as visitas, o que você acha delas?

Interno 1: Acho que ajudam bastante.

Entrevistadora: Você frequenta o culto?

Interno 1: Eu frequento. Acho que ajuda um pouco.

Entrevistadora: Por que você acha que ajuda?

Interno 1: Isso aí de fora traz mensagens boas, positivas pra mim aqui dentro. Trazem coisas que acontecem lá fora, pra mim aqui dentro. Aí acaba que a gente conversa com outras pessoas, entende mais outros lados. Elas trazem mensagens positivas pra nós. Isso aí ajuda bastante a autoestima da pessoa, psicológico. Fora o que nós estamos passando aqui dentro, mas... Passageiro.

Entrevistadora: Entendi. Você acha que trabalhar aqui dentro ajuda? Você é barbeiro e isso é um trabalho aqui dentro, né?

Interno 1: Ajuda muito

Entrevistadora: Você falou que tem essa arritmia. Você está tomando algum remédio para isso?

Interno 1: Peguei hoje. Eu peguei pra minha alergia. Peguei um bombinha por causa da minha asma.

Entrevistadora: Como é que é aqui pra pegar uma medicação? Como é que faz?

Interno 1: Bastante complicado.

Entrevistadora: Como é que funciona?

Interno 1: Temos que falar com os faxineiros. O faxineiro bota nosso nome na lista. E manda pra ele. Se tiver sentindo bastante dor hoje, só se chama daqui a três dias. Tem o carteiro e tem o faxineiro. O faxineiro é uma função. O carteiro é o que pode comunicar aos funcionários. Tem que dar o nome pra o faxineiro, faxineiro dá o nome pro carteiro. E do carteiro chega para os agentes.

Entrevistadora: Que depois chega aqui nos profissionais de saúde?

Interno 1: Isso.

Entrevistadora: Então é um fluxo grande. E você já chegou a precisar de alguma medicação e não conseguiu?

Interno 1: Já, quando eu tive infecção intestinal.

Entrevistadora: E como é que você se sente em relação a isso?

Interno 1: Nada bom... Não me agrado com essa situação também, não. Porque, tipo... Se nós precisamos, nós estamos precisando naquele exato momento. É porque é necessidade. E como eu já expliquei a senhora aí, já... Então, todo esse espaço pra poder chegar nosso nome aqui em cima pra depois de três dias a gente poder tomar o remédio. Então, se for por causa de morrer, a pessoa morre.

Entrevistadora: E isso te causa o que? De sentimento?

Interno 1: Angústia também.

Entrevistadora: Angústia? Queria perguntar uma outra coisa. Você falou da ansiedade aqui, né? Você se sente ansioso a maior parte do tempo aqui dentro?

Interno 1: Só quando a tranca bate.

Entrevistadora: Quando a tranca bate, ou seja... Acho que é no final do dia, não é isso? E aí você fica ansioso, certo? Você fica pensando em alguma coisa específica? O que é que acontece?

Interno 1: Não, eu só fico triste mesmo.

Entrevistadora: Triste por quê?

Interno 1: Sei lá, que fica dentro daquela cela escura o tempo todo. Não tem energia dentro da cela. E nós ficamos naquela... Aí fica vendo rato passando. Barata passando por cima de alimento. Isso tudo me traz angústia. Eu fico mais triste ainda com essa situação que acontece aí. Porque os funcionários não me dão assistência nenhuma. Não na automática.

Entrevistadora: Eu acho que as perguntas são essas mesmas. O tempo que você está aqui é cinco meses?

Interno 1: Quase seis.

Entrevistadora: Pronto. Então, eu vou encerrar aqui a entrevista

Entrevista 2 - W.M.L.S. (Interno 2)

Entrevistadora: Essas primeiras perguntas são mais gerais, para te conhecer melhor, certo? O gênero que você se identifica, então. Você nasceu homem, se identifica como homem? É homem cis?

Interno 2: Isso.

Entrevistadora: Você se identifica como preto, pardo, branco, indígena ou amarelo?

Interno 2: Preto.

Entrevistadora: Você está com quantos anos?

Interno 2: Vinte e três.

Entrevistadora: Está casado, solteiro, divorciado, união estável?

Interno 2: União estável

Entrevistadora: Tem religião?

Interno 2: Evangélico.

Entrevistadora: Tem filhos?

Interno 2: Sim. Três.

Entrevistadora: Quantas acusações o senhor recebeu?

Interno 2: No total são duas.

Entrevistadora: Entendi. E quais foram as acusações?

Interno 2: A primeira acusação foi tráfico de drogas. E a segunda foi homicídio.

Entrevistadora: Está há quanto tempo nessa unidade?

Interno 2: Um ano e um mês.

Entrevistadora: Estudou até qual série na escola?

Interno 2: Até a 6^a(sexta) série.

Entrevistadora: Certo. Qual foi a sua última profissão antes da prisão?

Interno 2: Eu sou cabeleireiro.

Entrevistadora: Tem alguma doença crônica?

Interno 2: Não. Eu estou com algum problema de saúde que está começando a aparecer agora. Fiquei até de fazer o exame aqui. Nada concreto, porque eu não fiz o exame. Segundo o médico, pode ser uma bactéria na barriga. Disseram que eu ia fazer o exame, mas não me chamaram para fazer o exame ainda.

Entrevistadora: Você recebe visitas?

Interno 2: Sim.

Entrevistadora: Quem é que te visita?

Interno 2: Minha esposa e minha mãe.

Entrevistadora: E elas fazem essa visita quantas vezes no mês?

Interno 2: Pela dificuldade e pela distância, às vezes duas vezes no mês, às vezes uma, às vezes não vêm.

Entrevistadora: Elas não moram em Salvador?

Interno 2: Não, moram em Camaçari.

Entrevistadora: Entendi. E você também é de lá?

Interno 2: Eu sou natural aqui de Salvador, a minha última residência foi lá em Camaçari.

Entrevistadora: O senhor já teve algum diagnóstico de transtorno mental?

Interno 2: Não.

Entrevistadora: O senhor tem a liberação para trabalhar?

Interno 2: Não entendi.

Entrevistadora: O senhor tem a liberação para trabalhar desde que o senhor veio para cá?

Interno 2: Com o tempo que eu tive liberação para trabalhar. Eu era farda amarela, e com o tempo eu passei para a farda azul para trabalhar.

Entrevistadora: Entendi. Mas o senhor já chegou como farda amarela?

Interno 2: Sim

Entrevistadora: Você chegou a ir para o pátio? Essa foi a primeira vez que você foi preso?

Interno 2: Não cheguei a ir para o pátio. E é a primeira vez que eu passei por esse sistema prisional sim.

Entrevistadora: Então, eu vou fazer algumas perguntas mais específicas sobre saúde mental. Quando eu falo de saúde mental, o que você entende que seja?

Interno 2: O estado da pessoa, envolvendo vários outros requisitos, bem-estar. A saúde mental não fala só da mente, fala do corpo também. A nossa mente reage de acordo com o nosso corpo.

Entrevistadora: Como você consideraria a sua saúde mental hoje?

Interno 2: Hoje, pelos fatos que estão acontecendo comigo nesse momento com essa doença que apareceu agora, eu me encontro uma pessoa doente.

Entrevistadora: Doente como?

Interno 2: Doente mental, doente físico, porque apareceu uma coisa que ainda não foi diagnosticada e eu ainda não sei o que é que tenho. Então eu me encontro nesse estado agora, doente mental, doente do corpo, porque é uma coisa preocupante. É algo muito delicado para falar, mas não sei se eu posso falar. Estou com uma bactéria no estômago. Com sangue nas fezes. Então, eu me encontro doente mentalmente também.

Entrevistadora: Para além disso, que é uma situação recente, tem alguma outra coisa aqui dentro que interfere na sua saúde mental?

Interno 2: Sim. O fato de estar aqui isolado da família... Isso interfere. Aliás, não interfere só em mim como em todos os outros presos. Porque você tem aquela convivência que você é acostumado com a família. Isso se torna difícil para a sua saúde mental. Mas eu tenho minha religião, eu busco força, acredito na fé. Então eu busco minha força, meu oxigênio da fé para poder manter o controle da minha saúde mental.

Entrevistadora: Entendi. Você aqui dentro já buscou ajuda em relação a sua saúde mental?

Interno 2: Sim, eu passo geralmente 15 em 15, mais ou menos, na psicologia. Ou quando eu preciso desabafar, quando tá acontecendo alguma coisa, recebo uma notícia ruim, eu procuro a ajuda da psicologia para desabafar, porque nesse

momento que nos encontramos, além da fé, o refúgio que nós temos é a psicologia.

Entrevistadora: E como é que foi a ajuda oferecida? Foi uma conversa, foi alguma atividade?

Interno 2: Foi uma conversa que através dessa conversa me ajudou a me esvaziar e manter o meu foco. E manter o equilíbrio da saúde mental, porque se a gente não tiver o controle da nossa saúde mental, podem acontecer muitas hipóteses, no caso com surtos, essas coisas. Eu tenho medo disso, porque eu sei que tenho história na família, então eu procuro sempre ter o controle da minha saúde mental, para que eu não possa me prejudicar, porque se eu me prejudicar, minha família também vai ficar prejudicada, então eu procuro estar bem para minha família também estar bem.

Entrevistadora: Entendi, você mencionou que procurou aqui um psicólogo, já teve contato com um psiquiatra daqui?

Interno 2: Sim.

Entrevistadora: E como foi?

Interno 2: No começo, quando eu vim para cá, foi tudo novo, eu não estava conseguindo dormir, aí eu decidi passar por ele, me requisitou um remédio, eu passei por lá, mas com o tempo eu caí na real e vi que não era aquilo que meu corpo precisava, que era o equilíbrio, porque eu estava buscando o refúgio no remédio, mas só que uma hora eu acordei e percebi que isso ali não era para a minha vida, eu tinha que manter o controle, tentar me adaptar a esse ambiente para eu poder ficar bem, mas tive ajuda, sim, do psiquiatra, mas com o tempo eu parei de tomar o remédio. Sempre quando eu preciso de alguma coisa de conversar, eu passo por ele, explico a situação, ele me encaminha para a psicologia e tudo sai.

Entrevistadora: Você lembra o remédio que você tomou?

Interno 2: Não lembro, já faz tempo, foi no mês que eu cheguei aqui.

Entrevistadora: Há quanto tempo chegou aqui nessa unidade?

Interno 2: Um ano e um mês.

Entrevistadora: E para além da psicóloga, do psiquiatra, teve algum outro profissional aqui dentro que ajudou você nessa questão de saúde mental?

Interno 2: Não, não.

Entrevistadora: Me conta um pouquinho, como é que foi o início?

Interno 2: O início foi turbulento. Eu cheguei aqui turbulento, porque você não consegue acreditar, eu nunca imaginei estar em um ambiente como esse, nunca passou na minha mente, nunca nem sonhei em estar aqui. Então é um baque, como por exemplo, você recebe a notícia que um ente querido seu morreu, você não consegue acreditar que você está passando por aquele momento. Então para mim foi tipo isso, demorou um tempo para eu cair na real que eu estava vivendo isso aqui. Até então eu achava que só era um pesadelo que uma hora eu ia acordar e tudo iria passar. Mas não foi dessa forma. Quando eu fui cair na real, em uma conversa com a psicóloga, ela foi me ajudando a criar forças para eu cair na real, entender o que eu estava passando e ser forte para passar por essa dificuldade. No caso, a psicologia me trouxe forças nessa situação que eu me encontro.

Entrevistadora: Entendi. E de quando você chegou para agora, quais diferenças você notou? Você se sentia angustiado antes?

Interno 2: Ainda sinto. Mas procuro controlar para que isso não me machuque. Procuro manter o equilíbrio, manter a fé. Eu sou evangélico, a gente tem a crença de descansar em Deus, eu acredito nisso. Então eu descanso o meu coração em Deus e deixo que o resto Ele faça.

Entrevistadora: Entendi. Em algum momento você já percebeu um outro interno que estivesse passando por uma questão de saúde mental?

Interno 2: Sim, como eu já vi internos também em surto psicótico.

Entrevistadora: Como é que foi isso?

Interno 2: Ele acordou pela meia-madrugada, já sem consciência de tudo que estava fazendo, gritando, agredindo as pessoas, chamando pela família. Você via que ele não estava uma pessoa com a consciência. Ele estava bastante descontrolado, nervoso, ficou assim por volta de uns 3 a 4 dias. Aí a psicóloga conversou, ele ficou tomando alguns remédios, aí ele foi voltando ao normal. Mas foi muito bizarro.

Entrevistadora: Entendi. E para além dessa situação, você já viu algum outro sinal de tristeza entre os internos? Ou outro interno passando por alguma angústia?

Interno 2: Sim, esse tempo que eu tenho aqui eu já convivi com diversas situações diferentes. Porque a gente é acostumado a dizer que nós estamos na mesma situação, mas cada um com um problema diferente, cada um com uma acusação diferente. Então isso mexe com a mente das pessoas. Às vezes nós nos angustiamos pelo próximo, pelo amigo, por estar vendo que a situação é injusta. E às vezes nós acabamos tomando essa dor que às vezes adocece a gente. Adocece a nossa saúde mental. Tem muitos colegas que eu já vi pensando em fazer até besteira, tirar a própria vida. E às vezes a gente conversa, a gente às vezes que já tem mais tempo, já tem um costume, já se adaptou a isso aqui, aí a gente conversa, explica como é que é, como funciona, para poder passar um conforto, uma segurança. Então a gente convive com vários tipos de situação, que a gente vê que as pessoas estão doentes mentalmente por essa situação.

Entrevistadora: Você respondeu mais cedo que recebe visita, duas vezes no mês mais ou menos. Você acha que isso tem impacto na sua saúde mental?

Interno 2: Isso também é o que me conforta, por saber que eu tenho uma família que independente de tudo não me abandonou, está comigo lado a lado, mesmo sabendo do fato que aconteceu, saber que não tem nada a ver, minha família está junto comigo, que hoje abaixo de Deus também é a minha base, é o meu

fortalecimento que eu tenho hoje aqui.

Entrevistadora: Então você acredita que isso melhora?

Interno 2: Sim.

Entrevistadora: Entendi. Já tivera momentos em que a sua saúde mental estava ruim?

Interno 2: Tem dia que a gente acorda assim, com a saúde mental bem abalada, você sonha em estar em casa com a família, chega pela manhã você recebe aquele baque que você não está. Às vezes abala um pouco o nosso subconsciente, mas a gente vai tentando levar através da palavra, através da oração, através do louvor. Aí a gente vai buscando forças nesses requisitos, nessas armas que nós temos no momento.

Entrevistadora: Entendi. E além da palavra que você falou, além da psicóloga, tem alguma outra coisa que você faz aqui dentro que ajuda a sua saúde mental?

Interno 2: Sim, diariamente a gente tem um culto, tem um culto de louvor, culto da palavra, é onde eu busco ajuda, é o que fortalece a minha esperança, é o que fortalece a minha fé em saber que um dia eu vou sair daqui. Então busco força da palavra, força dos cultos e das atividades também que a gente faz, às vezes a gente está caminhando lá embaixo, às vezes a gente está jogando uma bola, às vezes um dominó, aí é o que nos ajuda a manter o equilíbrio mental.

Entrevistadora: E você acredita que o trabalho ajuda?

Interno 2: Sim, ajuda muito, foi o que também me ajudou muito nesse processo, me ajudou muito o trabalho, eu trabalho na fábrica de sacolas, então foi o que me ajudou muito a passar o tempo, porque quando eu estava na farda amarela eu não fazia tanta atividade que eu pudesse cansar o corpo e chegar à noite e dormir, aí quando eu estava na farda amarela, como eu não tinha essa demanda de atividade, eu passava a noite mal, era aí que eu usava do remédio para poder conseguir

dormir, só que com o tempo eu fui para a farda azul, não precisei mais tomar o remédio, comecei a fazer as atividades lá embaixo, trabalhar na fábrica, tudo o que eu pudesse para cansar o corpo, e chega a noite eu consigo dormir tranquilo, e a gente precisa do sono para relaxar a mente, porque se a gente não tem o sono, nossa saúde mental fica doente, então eu não tinha esse sono, eu buscava o remédio, mas hoje graças a Deus eu tenho os recursos que me ajudam muito, que é o trabalho.

Entrevistadora: Entendi, você falou do remédio, atualmente você toma algum remédio?

Interno 2: Não, não tomo mais nenhum remédio.

Entrevistadora: Se você precisar, por exemplo, de algum remédio, como é que funciona isso aqui dentro?

Interno 2: Primeiro a gente comunica ao agente que está de plantão, ele comunica ao psiquiatra, o psiquiatra chama a gente, conversa e encaminha a gente para a psicóloga.

Entrevistadora: Entendi. Você falou um pouquinho sobre o que ajuda você, e o que não ajuda em termos de saúde mental, você consegue contar algum dia que você precisou da psicóloga ou do psiquiatra, como é que foi? Conta um dia que foi assim.

Interno 2: Um dia, quando eu fiquei sem tempo, é a gente dormir, sonhar que está em casa, e acordar. Já teve dias que eu acordei muito mal, foi quando minha filha nasceu, que eu estava aqui, então foi o dia que me abalou muito, eu precisei da psicologia, foi quando minha filha nasceu, porque era emoção, preocupação em saber que eu sou pai e não estou lá para poder carregar minha filha nos primeiros dias de vida neste mundo, então foi o dia que me abalou muito, que eu precisei de atendimento da psicóloga.

Entrevistadora: E como é que foi nesse dia, como é que você conseguiu superar?

Interno 2: Eu consegui me superar através da psicologia, algumas conversas, ela me ensinou algumas atividades para relaxar a mente, algumas atividades de leitura, foi o que me ajudou.

Entrevistadora: Sua filha hoje tem 10 meses?

Interno 2: 10 meses.

Entrevistadora: Você já conheceu ela? Você registrou?

Interno 2: Já, registrei aqui dentro do sistema.

Entrevistadora: Tem outra coisa sobre que ajuda? O que ajuda a sua saúde mental aqui dentro, você falou da oração, trabalho, falou da visita também, né? Você vai para a escola aqui?

Interno 2: Geralmente fardas amarelas não estudam.

Entrevistadora: Não frequentam a escola?

Interno 2: Não, geralmente é quando tem um ENEM que a gente faz.

Entrevistadora: Você falou um pouco da sua saúde física. Como é que tem sido o cuidado com essa questão, como é que foi para você? Você está preocupado com isso?

Interno 2: Sim, foi algo que adoeceu a minha saúde mental pela preocupação. Porque nossa mente reage, e nosso corpo reage de acordo com a nossa mente, porque somos interligados uns aos outros. Então também foi um choque, porque eu não sei, poderia ser uma hemorragia interna, eu não sei de fato o que estava acontecendo. Isso aconteceu no sábado, eu tive que esperar até segunda para ter atendimento.

Entrevistadora: Como foi que aconteceu?

Interno 2: Meio turbulento. Ainda é turbulento porque eu não descobri de fato o que é para poder solucionar o problema. Então, isso me deixa muito preocupado, minha mente fica um pouco adoecida por dormir e acordar e na hora que eu for fazer necessidades, ver que aquilo está escorrendo. Então é preocupante e isso adocece a mente.

Entrevistadora: E como é que foi o cuidado em relação a isso?

Interno 2: Me passaram primeiro um remédio, a base de *amoxicilina*, tomei injeções de Buscopan, que eu estava sentindo dor abdominal, falaram para poder esperar. Tentar solucionar o problema, porque eu só poderia passar por um outro procedimento depois de fazer o exame de sangue, porque o exame de sangue vai dizer o que é, especificadamente, que eu estou. Mas, no momento, eu estou fazendo tratamento só com a *amoxicilina*.

Entrevistadora: Você chegou a comentar comigo que você foi pronunciado por júri, eu queria que você falasse um pouco sobre essa expectativa, como é que tem sido para você?

Interno 2: É uma expectativa grande, porque eu uso a base da fé, que eu creio que eu vou ter o júri e posso ser liberado. Eu procuro manter o equilíbrio da saúde mental se eu não for liberado no tempo do júri e se for ter que cumprir mais algum tempo. Então, eu já procuro exercitar a minha saúde mental para receber essa notícia, porque eu não quero que eu passe tudo novamente como foi no começo, que eu tomei aquele baque e fiquei muito adoecido com a minha saúde mental. Então, eu preparo tudo, porque isso foi uma experiência de vida. Então, hoje eu já venho exercitando para tanto receber notícias boas como notícias ruins, para que isso não venha me prejudicar com essas notícias. Está entendendo? Receber um baque de uma notícia ruim. Eu costumo dizer que hoje o que me abala muito, é se eu receber uma notícia de uma morte de um ente querido, porque é o que me abala hoje, o que pode me abalar, o que pode afetar a minha saúde mental, porque de tudo o que eu passei aqui e já vi, eu acho que hoje eu sou forte para superar certos tipos de obstáculos. Então, eu botei na minha mente que hoje o que me abala é se

eu receber a notícia de uma morte de alguém próximo a mim, porque o restante das coisas hoje não mais me abalam.

Entrevistadora: Entendi. Então, você tem que ser preparado para qualquer notícia que venha?

Interno 2: Isso, exatamente. Qualquer tipo de notícia. Eu venho me preparando, não estou preparado. A verdade, tem que ser sincero, não estou preparado, mas venho me preparando todos os dias. Enquanto eu tiver aqui, isso aqui é como uma escola da vida, para determinados tipos de pessoas, não para todo mundo, porque ninguém merece isso aqui. Tudo tem um propósito nessas vidas. Tudo é feito de um propósito. Todo mundo tem um propósito. Então, meu propósito foi passar por essa experiência. Então, tenho que passar de cabeça erguida e manter a saúde mental do meu corpo, da minha mente, do meu eu. Então, tenho que procurar manter o equilíbrio de tudo isso. Não somente com a saúde do corpo, da vida, o interior, o culto, a nossa alma. Então, tenho que procurar manter a saúde de tudo isso em ordem, para que a gente não venha se prejudicar mais ainda. Não só estar prejudicado pela justiça, mas também com a saúde mental.

Entrevistadora: Você já foi vítima de violência aqui, de alguma maneira?

Interno 2: Não, nunca.

Entrevistadora: Já viu alguém sendo vítima de violência?

Interno 2: Pelo menos na parte que eu estou aqui, da farda azul e farda amarela, nunca. Então, não posso afirmar que já vi. Geralmente, aqui é bastante tranquilo, porque a maioria das pessoas que tem na farda azul, e na farda amarela, são pessoas de pais e famílias que, ao decorrer da vida, tiveram um tipo de problema e acabou vindo para cá. Então, são pessoas tranquilas. Então, a gente tem uma convivência boa. Às vezes tem aquela briga, porque você tira o negócio que a outra pessoa botou, mas são desentendimentos que resolvem na mesma hora através de palavras.

Entrevistadora: Então é isso, obrigada por participar da pesquisa!

Entrevista 3 – J.A.R.N. (Interno 3)

Entrevistadora: Então a gente vai dar início, à entrevista da pesquisa de saúde mental de homens privados de liberdade. Vou fazer umas perguntinhas mais gerais para entender, conhecer mais o senhor, certo? O senhor se identifica com qual gênero? Então, o senhor é homem cis, ou seja, o senhor nasceu designado homem e se identifica como homem. Ou o senhor se identifica como mulher? Como é que o senhor se identifica?

Interno 3: Eu me identifico como homem.

Entrevistadora: Homem? Certo. O senhor se identifica como preto, pardo, branco?

Interno 3: Pardo, né?

Entrevistadora: Pardo. E o senhor está com qual idade?

Interno 3: Agora, no momento, estou com cinquenta e um anos.

Entrevistadora: E o senhor é casado, solteiro, divorciado?

Interno 3: No papel eu não sou casado não, mas... somo, como é que diz? Convivo com a minha companheira, né? Há 16 anos.

Entrevistadora: Ah, entendi. E o senhor tem alguma religião?

Interno 3: Tenho. Sou evangélico.

Entrevistadora: Evangélico? Certo, o senhor tem filhos?

Interno 3: Tenho. Tenho dois homens e duas mulheres. São quatro.

Entrevistadora: Entendi. E o senhor está sendo acusado. São quantas acusações?

Interno 3: Só essa mesmo.

Entrevistadora: Qual é a acusação?

Interno 3: Foi homicídio. Foi defesa.

Entrevistadora: Entendi. O senhor estudou até que série?

Interno 3: Até o terceiro ano.

Entrevistadora: Entendi. E essa é a primeira vez que o senhor é preso?

Interno 3: Primeira vez.

Entrevistadora: O senhor, antes da prisão, trabalhava com alguma coisa? Tinha uma profissão?

Interno 3: Trabalhei, tenho várias profissões.

Entrevistadora: Trabalhava com o que?

Interno 3: Já trabalhei na construção civil, já trabalhei no mercado, promotor de vendas, repositor, em vários lugares, várias localidades. O meu último trabalho foi repositor.

Entrevistadora: E o senhor tem alguma doença?

Interno 3: Graças a Deus não. eu acho que eu tenho *astrose*. Trabalhava fazendo viagens para carregar caixa, açougue, descarregar, carregar. Aí vivi muito com o peso, então forçou muito com alguns ossos.

Entrevistadora: Você recebe visitas aqui?

Interno 3: Recebo, sim.

Entrevistadora: E quem é que te visita aqui?

Interno 3: Minha esposa, minha filha, Meus filhos. Meus irmãos sempre vêm.

Entrevistadora: Quantas visitas no mês?

Interno 3: São quatro visitas no mês. Toda quarta-feira eu tenho visita. Como a minha esposa mora lá, ela vem de 15 em 15 dias. Aí, quando ela não vem, o meu irmão vem.

Entrevistadora: Seus filhos vêm visitar o senhor?

Interno 3: Vêm sempre. Sim. Ou então, quando ela vem, ela traz as meninas para vim ver também. Uma de 5 anos e outra de 12 anos.

Entrevistadora: E geralmente duram quanto tempo as visitas assim?

Interno 3: Ela chega aqui mais ou menos até três horas.

Entrevistadora: Ah, mas se chega aqui de manhã, de tarde?

Interno 3: É, ela vem, ela chega aqui nas oito horas, oito e meia, depende né, do engarrafamento. Aí fica até umas três horas com a gente e depois vai embora.

Entrevistadora: Ah, entendi. É... O senhor tem liberação para trabalhar, não é isso? Eu não entendi.

Interno 3: Trabalho, na verdade, né?

Entrevistadora: Sim.

Interno 3: Trabalho. A gente trabalhava na cozinha, mas o pessoal contratou pessoas de fora pra dar uma oportunidade. E aí surgiu essa outra oportunidade pra gente trabalhar na área externa, por fora, e aí a gente trabalha.

Entrevistadora: Geralmente os trabalhos são o que? É capinar, são coisas assim?

Interno 3: É capinar, tem uma equipe que trabalha na fábrica, outros que trabalham já na solda aqui, mas o pessoal fazendo alongado, essas coisas, né? E tudo que tem pra fazer a gente faz. Jogar lixo fora do presídio.

Entrevistadora: Entendi. E o senhor já teve algum diagnóstico de transtorno mental?

Interno 3: Não, graças a Deus nenhum.

Entrevistadora: O que é que o senhor acha que é saúde mental? O que é que, quando eu falo saúde mental, o senhor entende que é exatamente?

Interno 3: A saúde mental, o que eu entendo é que... se a pessoa dorme bem, se a pessoa... se há muita preocupação, né? Sempre no momento em que a gente tem nossa família fora, tem nosso filho pequeno, a gente se preocupa. Quem tem sua família fora se preocupa, porque um pai de família, um batalhador, um guerreiro, uma batalhadora, uma guerreira tem sua família, gosta da sua família, sente falta sim. Então eu sinto falta da minha família. Mas eu entendo também que aconteceu essa situação comigo. Eu tenho que esperar um tempo determinado por Deus, não é isso? Um tempo certo que Deus determinar, aí sim. É tanto que eu digo a Ele todos os dias da minha vida, nas minhas orações. Eu peço a ele, pai, eu quero sair daqui no teu tempo, não quero sair no meu tempo.

Entrevistadora: Tem quanto tempo que o senhor está aqui?

Interno 3: Eu já tenho dois anos e meio.

Entrevistadora: E como é que o senhor acha que está a sua saúde mental hoje, aqui?

Interno 3: Está bem graças a deus.

Entrevistadora: Entendi. Há alguma coisa aqui, dentro desse ambiente, que interfere na saúde mental do senhor?

Interno 3 Não é como se a gente tivesse em casa, porque a alimentação é outra. A nossa alimentação de casa é uma alimentação que a gente já está acostumado, né? A nossa proteína já é uma proteína mais conhecida. Não vou dizer que a proteína daqui é ruim, é que não é boa. Só espero, só até o dia que Deus abençoar que chegue o dia certo pra ir embora. Entendeu? No nome de Jesus.

Entrevistadora: Quando você chegou aqui, como é que era? Quando foi o início do seu processo? E tem já mais de dois anos, não é isso?

Interno 3: Tem, dois anos.

Entrevistadora: Quando você chegou aqui, como é que você se sentiu?

Interno 3: Quando eu cheguei aqui, eu me senti um pouco desacostumado na verdade, né? Porque a gente só passa a conhecer e se adaptando depois que a gente começa a conhecer. Se adaptar com as pessoas, se dar com as pessoas. Não é um dia para o outro. A gente vai começando a estudar as pessoas, a gente vai começando a dialogar, a entender o outro. Graças a Deus foi tudo bem, porque eu sempre segui a norma do que o presídio pede, o pessoal pede, como é que a gente tem que andar, o que a gente tem que fazer, a forma que a gente tem de tratar as pessoas. Então eu aprendi, para poder se adaptar. Saudade da família, que até hoje a gente sente. Às vezes vem uma filhinha, vem um irmão, vem esposa visitar. A gente tá morrendo de saudade. Aí quando é no final da tarde que vai embora, a saudade aperta. A gente sonha no dia... A gente tem que ter paciência, orar muito a Deus, pedir força a Deus, porque Deus vai dar a força para a gente vencer. Isso é

horrível mesmo, né?

Entrevistadora: Você disse que está bem hoje em relação a sua saúde mental. Em algum momento, aqui, foi diferente? Você já não estava bem?

Interno 3: Eu já estive assim, no caso. Um pouco de... De falta de algum costume de se adaptar, né? Com as pessoas, no caso, assim.

Entrevistadora: Você pode explicar melhor?

Interno 3: Pessoas novas, a gente chega logo, assim que a gente chega, pra ficar junto, a gente divide os dois espaços. A gente tem que saber se dar bem com as pessoas. Às vezes a pessoa acaba de chegar aqui hoje, aí... Até por uma brincadeira, o cara faz uma brincadeira e aquela pessoa tá assustada, meio assombrada, porque a pessoa é excluída.

Entrevistadora: Quando você chegou da delegacia, você já veio pra Farda Azul?

Interno 3: Não. Primeiro eles perguntam se a gente quer trabalhar. Aí eu disse, “claro, com certeza!”. Aí falaram: “Se o senhor quiser trabalhar, o senhor pode ir para a cela especial, vai para a farda amarela. Depois de uns dois, três meses, a depender do seu desempenho, do seu comportamento, a gente vê se vale a pena a gente botar o senhor na farda azul”.

Entrevistadora: Então, assim, desde que o senhor chegou, o senhor já precisou procurar alguém em relação a sua saúde mental? Um psicólogo, um médico?

Interno 3: A gente sempre passa por uma psicóloga.

Entrevistadora: Mas foi uma busca sua?

Interno 3: Não, foi uma palestra, na verdade.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 3: Elas chamaram todos nós pra poder participar da palestra. A gente foi. Aí elas disseram, se caso alguém quiser falar, dialogar, conversar com elas... Eu agradeço muito a Deus por isso, que tem pessoas que parecem que Deus seleciona, né? No caso que você veio, Deus seleciona para poder colocar naquele lugar certo. Não é, no caso ali, vocês vêm aqui, vêm aqui, no caso tem uma psicóloga, um médico clínico, que procura ter uma consulta com a gente. São as pessoas enviadas por Deus, né? Graças a Deus, eu me sinto honrado pela parte de Deus por ele ter ouvido minhas orações e me honrou. E hoje eu estou na Farda Azul.

Entrevistadora: O senhor já procurou a psicóloga para conversar?

Interno 3: Não, nunca procurei, não. Porque, graças a Deus, não houve necessidade, né? Mas é uma pessoa boa, que procura buscar, né? Ajudar a gente, dialogar. Os médicos mesmo aqui, médicos clínicos, dentista mesmo aqui, são as bênção de Deus. Me atendeu bem, me acolheu bem. Eles acolhem, melhor dizendo, né? Gente de bem.

Entrevistadora: E o senhor já foi no psiquiatra daqui da unidade?

Interno 3: Eu acho que eu já passei também pelo psiquiatra que chamou. Porque chamaram a gente, né? Mas, pelo meu pedido, não. Não faço uso de remédio pra dormir, graças a Deus. Meu sono é normal. Às vezes, quem passa mais, quem pede pra poder passar mais, são as pessoas que não conseguem dormir. Às vezes fica com a mente meio preocupada, aí fica meio *atrapalada* a mente preocupada, né? Mas aí, eu graças a Deus não precisei não.

Entrevistadora: E a consulta, como é que foi?

Interno 3: Ela fez um tipo de pergunta, se a gente precisava tomar medicação para dormir, se havia muita preocupação, se a gente tinha algum problema antes, fazer algum tipo de uso de remédio antes, e eu disse a ela que não, que graças a Deus nunca foi preciso.

Entrevistadora: O senhor já observou algum outro interno passando por alguma dificuldade, assim, de saúde mental mesmo?

Interno 3: Percebi, assim, no meio da gente, alguns colegas com essa dificuldade, né? Pra dormir, ter preocupação. Mas depois toma um remédio e dorme, aí a mente fica mais aliviada. Aí dorme, graças a Deus. A gente procura conversar, aconselhar o outro, que aqui mesmo tem a crença. A gente vai buscar na oração, a gente ora também de segunda a quarta. Sexta, que é hoje, e domingo, são dias que a gente vê que aquelas pessoas estão um pouco abatidas, pelos cantos, a gente vai chorando, preocupado, a gente vai dar, né, aquele conselho, o nosso aconchego ir um para o outro, né, chamar para poder ir para a presença, ouvir a palavra, a gente pega a bíblia, ler um texto da bíblia...

Entrevistadora: E, além dessa dificuldade de dormir, você já percebeu alguma outra coisa?

Interno 3: Às vezes eu vejo alguém chorando... assim pelos cantos, né? E a gente chegar e acolher, poder ajudar. Eu estou dizendo assim, ora nas orações, chamar para pedir para a crença, para louvar o Senhor, que a gente louva, e se *desabarra*, né? Quem canta seus males espanta. Então a gente canta louvor, e aí tem louvor que mexe com a gente, que procura ajudar.

Entrevistadora: Você respondeu que recebe visita. Você acredita que essas visitas são importantes para a sua saúde mental?

Interno 3: Muito, com certeza.

Entrevistadora: O senhor se sente melhor depois das visitas? Como é que funciona?

Interno 3: Me sinto bem. Por quê? De que forma eu me sinto bem? Eu acho assim, o que eu vou falar aqui, o senhor e a senhora vão ver que tem sentido. A pessoa que não tem visita se sente abandonada, desprezada. Por mais o ser humano que ele seja, eu acho que ele tem que ter uma visita, né? Merece uma visita. Principalmente do seu familiar.

Entrevistadora: Então, além das visitas que o senhor falou que ajuda, tem mais alguma coisa aqui dentro que ajuda a saúde mental do senhor? Que o senhor faz e se sente melhor?

Interno 3: O que eu acho que me ajuda bastante aqui dentro, é o louvor, é ler a palavra, é buscar o Senhor nas orações. Nas orações a gente busca o Senhor e a gente vê a resposta. Aquela pessoa que a gente vê aflita, abatida, triste. Daí, de repente, vai chegando no final da tarde, dá duas horas, três horas, quatro horas, uma avalanche de fundo no cantor. Graças a Deus, todo mundo fica feliz. Aí, é uma felicidade.

Entrevistadora: E o trabalho aqui, acha que ajuda?

Interno 3: Ajuda. Ajuda bastante. Bastante mesmo. A gente trabalha, a gente pega, já serve pra comprar alimentação pra nossa família, pagar uma água, um recibo de luz. Então ajuda, né? Ajuda bastante. E eu só tenho a agradecer, graças a Deus, ao meu Deus, né? Por ele ter selecionado um lugar melhor pra eu estar aqui.

Entrevistadora: Aqui, o senhor toma algum remédio? O senhor mencionou o problema do osso. O senhor toma algum remédio para isso específico? Ou algum outro remédio?

Interno 3: Eu tomo remédio aqui, às vezes, assim, de casa. Às vezes eu faço uso de vitamina, que eu mando a minha esposa comprar. Às vezes remédio... Quando eu sinto muita dor na coluna, ela compra, eu mando ela trazer. Eu uso aqui Dipirona. Quando eu tô gripado, xarope. Vem de casa. Uma vitamina, um remédio assim que aqui não tem a gente tem que mandar vir de casa. Uma medicação mais cara.

Entrevistadora: Mas assim, faz uso de algum remédio todo dia?

Interno 3: Não. Eu costumo fazer o remédio só quando eu sinto dor. Faço uso Diclofenaco, faço uso da Dipirona e das vitaminas.

Entrevistadora: Entendi. E lá fora também o senhor já tinha esse problema, né?

Interno 3: Já, mas a idade vai chegando, aumentando os problemas, né? Aí a gente tem que entender. Hoje eu tô com 50. Já tô caminhando pro 51.

Entrevistadora: O senhor sentiu diferença de tratamento lá fora e aqui dentro? Ou o senhor não sente diferença?

Interno 3: Não. Eu já senti, às vezes, dor forte e de eu não aguentar trabalhar.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 3: O pessoal aqui já me levou umas duas vezes para a central e já tomei injeção. Duas injeções para a dor aliviar, para desinflamar. Por causa de muito peso, quando eu peguei, muito peso.

Entrevistadora: Entendi! Obrigada por responder, vou encerrar aqui a entrevista certo?

Interno 3: Obrigado, viu? Que Deus continua abençoando vocês.

Entrevista 4 – L.F.S. (Interno 4)

Entrevistadora: Então a gente está aqui começando mais uma entrevista da pesquisa saúde mental de homens privados de liberdade em regime provisório. Essas primeiras perguntas são mais práticas, gerais, para conhecer o senhor. Certo? Primeiro, coisas básicas, o gênero que o senhor se identifica. O senhor nasceu designado homem, se identifica como homem, ou nasceu designado homem e se identifica como mulher?

Interno 4: Eu me identifico como homem.

Entrevistadora: Homem? Pronto. E a raça do senhor? Branco, preto, pardo, indígena?

Interno 4: Eu sou pardo.

Entrevistadora: Pronto, pardo. Você tem quantos anos?

Interno 4: Eu tenho 45 anos. Eu nasci em 1978.

Entrevistadora: E o senhor é casado, é solteiro, divorciado, união estável?

Interno 4: Eu sou solteiro, mas tenho dois filhos. L., de 23 anos, e M.L. de 11, a caçula.

Entrevistadora: Ah, 23 e 11. E o senhor tem alguma religião?

Interno 4: Eu sou evangélico.

Entrevistadora: O senhor tá com quantas acusações aqui?

Interno 4: Eu tô sendo acusado de ter feito um furto. De ter roubado um taxei. Mas na verdade não fui eu que roubei. Porque foi um furto que aconteceu em 2017. Eu tinha acabado de sair na condicional porque eu me encontrava preso. Não teve fragante. A delegada não queria me prender, mas ela disse que eu não posso fazer nada. Eu disse, "Doutora, cadê as provas? Cadê os pertences? Cadê os objetos que não têm nada comigo?" Os policiais que foram me pegar, que eu estava trabalhando no local quando eles foram me pegar.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 4: Aí estou aqui, vou fazer dois meses. Tenho saudades dos meus filhos, sabe? Mas também não abaixo a cabeça, levanto a cabeça. As portas que eles fecharam, eu já abri. Porque meu Deus vai abrir. E recebi notícia boa que eles

disseram que já fizeram meu pedido de liberdade provisória de novo. Vou estar respondendo a liberdade. Eu vou voltar a trabalhar.

Entrevistadora: Qual foi o último trabalho que o senhor teve antes de vir para cá?

Interno 4: Eu estava trabalhando no ferro velho. Eu sou ajudante serrareiro, faço pintura metálica, pintura industrial, instalação de ferragem, corto cabelo.

Entrevistadora: E o senhor estudou até que série?

Interno 4: Eu parei na quarta série.

Entrevistadora: E o senhor já esteve aqui especificamente nessa unidade antes?

Interno 4: Já. A minha primeira cadeia aqui foi em 97.

Entrevistadora: Ah, entendi.

Interno 4: Já vai ser a segunda vez aqui.

Entrevistadora: O senhor tem alguma doença? É hipertenso? Tem diabetes?

Interno 4: Não. Pode falar a verdade? Eu nunca passei de assim...por um check-up.

Entrevistadora: Quando o senhor chegou aqui, eles não fizeram não?

Interno 4: Eu passei pela triagem, mas nunca me fizeram... Fizeram aquele de furar o dedinho, pra ver se tem HIV. Aí, a médica falou que eu tava limpo. Não tinha nada.

Entrevistadora: Ah, entendi. O senhor já teve algum diagnóstico de transtorno mental?

Interno 4: Não, não.

Entrevistadora: Algum problema para dormir?

Interno 4: Problema para dormir, eu estou tendo aqui agora.

Entrevistadora: Ah, entendi. Daqui a pouco eu vou te perguntar especificamente sobre isso. Mas aqui o senhor está recebendo visita? Recebeu alguma visita nesses dois meses?

Interno 4: Quem veio foi o meu patrão uma vez aí. Mas só que não deixaram ele fazer as coisas para mim, porque tem que ter uma família próxima, sabe? Mas eu não quero que meu filho venha aqui, não.

Entrevistadora: É um desejo do senhor que ele não venha?

Interno 4: Ele sabe, todos eles sabem que eu estou vivo. Não precisa não. Fiquem todos em paz, que eu estou em paz. Eu estou aqui por causa de um problema. Eu não vim aqui procurar problema. Eu quero sair aqui pela porta da frente.

Entrevistadora: Entendi. Então, nesse tempo aí, nesses dois meses, só recebeu a visita do patrão do senhor?

Interno 4: Foi. Aí, agora aí, já vem a amiga aí, né? Que sabe de tudo certo. Eu não conheço ela ainda... Meu patrão que me armou, né? Espero que Deus bote uma pessoa certa na minha vida, porque eu não quero viver sozinho, não dá. Vamos ver se dá certo, vamos dar uma oportunidade para nós dois para ver o que vai dar.

Entrevistadora: Entendi. E já tem alguma previsão da visita?

Interno 4: Ela já passou o e-mail e tudo aí, achou a minha foto, mandou a foto dela. Eu ainda não vi. Porque é dia de hoje. É dia de hoje que vem fazer aqui a entrevista, aí eles vão entrar no papel pra eu assinar, pra eu liberar a visita. Se eu quero ou não quero ter a visita.

Entrevistadora: Ah, entendi. E o senhor tem liberação pra trabalhar, não é isso?

Interno 4: Sim. Sou farda amarela.

Entrevistadora: E trabalha com o que aqui?

Interno 4: Eu aqui faço serviço. Passo pano no chão, passo pano no alto, lavo o banheiro. Ocupação, né? Que é bom demais, eu gosto.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 4: Eu peguei chikungunya aqui, fiquei mal.

Entrevistadora: E como é que foi o atendimento aqui, quando o senhor teve chikungunya?

Interno 4: Eu... Poxa, sabe? Eu pedi aqui a elas porque eu sei que eu estava sentindo que eu já tive isso, eu não discuto, eu não desrespeito, eu nunca desrespeitei, nem vou desrespeitar, não vou terminar aqui porque é que eu preciso delas. Eu falei “eu não estou discutindo com a senhora, eu só estou pedindo, estou falando porque eu sei que eu estou sentindo, eu sei o que é que eu tenho.” Ela disse “Ah, tem que ter medicamento, tem que ter isso, tem que ir na central para arrumar”. Mas não falei para ofender ninguém. Só busquei meu direito. O doutor me disse “você não tem situação de doutorado”. Mas não me chamaram a atenção. Por quê? Cheguei lá embaixo, conversei. Fui direto para o Central Médica. Sentei com a médica de lá, falei os sintomas. Tava com dor nas juntas. Rapaz, isso me deixou arreado. Eu me sentia mal, eu queria fazer uma coisa, mas falavam que eu tava de fingimento. Cheguei no Central Médica e a doutora me disse, “é Chikungunya”. Me deram remédio... Pá Puf! Resolveu logo. Aí voltei no outro dia pra trabalhar.

Entrevistadora: E você sabe o que você está tomando?

Interno 4: Ela me deu... Diclofenaco e... Dipirona.

Entrevistadora: Mas isso é recente, não é?

Interno 4: Sim. Quando eu caí logo aqui um mosquito me mordeu dormindo ai, porque tava cheio, ai eu fui dormir embaixo da pia ali, mas eu limpei tudinho também, porque eu não ia dormir na sujeira, eu deixei tudo limpo ai.

Entrevistadora: Então, agora eu vou fazer umas perguntas mais específicas em relação à saúde mental. Então, quando eu falo assim de saúde mental, o que você entende que é?

Interno 4: Saúde mental? Saúde mental, eu não falo toda coisa. Sabe? Porque saúde mental, você... Poxa...

Entrevistadora: O que é que o senhor acha que é ter saúde mental, por exemplo?

Interno 4: Ter saúde mental é ta com a mente boa, gostar de fazer coisas boas, certo? Eu gosto de ajudar meu próximo, certo? Não gosto, não gosto... Se eu ouvir alguém chorando, eu gosto de chegar ali, sabe? Quem tá em depressão, eu não posso deixar ele fazer isso. Eu não posso deixar ele, porque se ele deixar fazer isso aí, não adianta. Não vai melhorar nada, só vai piorar a situação dele. Fica triste, aquilo ali vai acabar com a gente.

Entrevistadora: Entendi. Isso para você, então, não é ter saúde mental? Ficar triste, estar em depressão, ficar chorando?

Interno 4: É, deixa tudo largado, jogado, que o cabelo não liga pra nada.

Entrevistadora: O senhor falou da mente boa. O que é estar com a mente boa?

Interno 4: A mente boa é querer fazer coisas lá, coisas boas. Quando estou com a mente boa, quero jogar uma bola, quero ir à praia, quero pegar meus filhos para passear... Estar com disposição para trabalhar.

Entrevistadora: Entendi. E como é que o senhor considera a sua saúde mental agora?

Interno 4: Tá boa. Minha saúde mental tá boa. Minha saúde mental tá boa porque... Deus tá me dando força. Deus tá me dando força, pra sempre fortalecer meus filhos. Eu sempre falo pra todo mundo “Supera essa barreira que está vindo aí, rapaz.” Eu já vi o cara aqui pensando em se enforçar. Tive que da o papo pra ele.

Entrevistadora: E aqui... atualmente... nessa unidade específica... Há alguma coisa que você acha que interfere com a sua saúde mental? Alguma coisa que não te deixa bem?

Interno 4: Fofoca, intriga, não quer bem... já está ruim... e quer arrastar outro.

Entrevistadora: Como assim? Arrastar outro como?

Interno 4: Com intimidação, com sonoridade. Aí fica outro, uma pirua, uma pirua, puxa saco. Isso tudo o cara vai queimar a boca, vai ficar com raiva, com raiva. Mas eu tô no controle. Eu não tô aqui pra fazer jogo de Nintendo nenhum não e nenhum jogo de funcionário. Eu quero fazer o meu jogo. Eu quero fazer minha caminhada. O que vai valer a gente aqui é a gente andar com as nossas pernas e fazer pelo certo. Não porque ninguém tá falando que eu não vou fazer, mas se você não vai, eu vou.

Entrevistadora: Nesses dois meses que o senhor esteve aqui, já chegou a procurar ajuda em relação à saúde mental? Você teve essa necessidade de procurar ajuda?

Interno 4: Não, não.

Entrevistadora: Entendi. O senhor já chegou a ter consulta com o psiquiatra daqui, da unidade?

Interno 4: Já.

Entrevistadora: E como é que foi a consulta?

Interno 4: Bem, graças a Deus.

Entrevistadora: Teve alguma questão? Como é que foi a consulta?

Interno 4: Teve uma palestra.

Entrevistadora: Foi sobre o que a palestra? Lembra?

Interno 4: Sobre isso mesmo. Saúde mental. Pra gente aproveitar esse pouco que a gente tem na nossa vida, pra gente sair lá fora, pra gente fazer coisas boas, ter o que é bom lá fora, ajudar nossos filhos, botar junto. Levar pra vários lugares, coisas perdidas.

Entrevistadora: Entendi. E essa palestra que deram, o senhor achou que fez diferença para você?

Interno 4: Fez! Me ensinou coisas que eu não fazia e tenho que fazer hoje. Aproveitar um pouco da minha vida quando sair daqui. Fazer qualquer coisa boa. Parar de fumar. Fumava fumo de corda. Eu acho que estou preenchendo o vazio com aquilo, mas pô, é porque... Poxa, a mente sabe. Eu fico chorando sozinho, mas não deixo ninguém ver que eu estou chorando.

Entrevistadora: E... o que é que acontece, assim, quando você fica chorando? Isso acontece muito aqui dentro?

Interno 4: É... Minha filha. Pensando na minha filha. Dia das Crianças agora eu fiz uma carta, aí mandei para mandar pelo correio para chegar lá no endereço lá. Por conta da saudade, né? Ela me chama de painho..A mãe diz que ela pede pra "buscar o meu painho"... (choro)... A mãe de meus dois filhos é minha amiga. Se eu ver alguém maltratando a mãe de meus filhos na rua, eu tomo a frente.

Entrevistadora: E o senhor já teve consulta com o psicólogo?

Interno 4: Já.

Entrevistadora: E aí como é que foi?

Interno 4: Ela gosta de conversar. Ela fala mais do que a gente. Fez dinâmica com a gente aqui. Foi bom.

Entrevistadora: Foi como a dinâmica?

Interno 4: A dinâmica foi tipo um... tipo um jogo, né? que a gente jogava o dadinho, aí a gente escolhia, levando e caindo, pra gente falar do nosso passado, do presente, do futuro, saudades, lembranças.

Entrevistadora: Como é que o senhor se sentiu, vai conversar de novo?

Interno 4: Poxa, uma caiu logo falando de ajuda no colégio, aí peguei assim, uma melhor amiga, uma amiga sua, que você... uma amiga que ia ajudar no colégio, que era a que você procurava. Então, assim, era pra tirar uma cópia, fazer, pegar uma pesca, aí eu falei. Lembrei logo da época da escola...(risos)

Entrevistadora: E o senhor, como é que o senhor se sentiu depois? Melhor ou pior?

Interno 4: Bem, é que bom, lembro coisas boas, sabe?

Entrevistadora: Entendi.

Interno 4: Eu tenho que estar bem comigo mesmo porque nesse momento eu só tenho eu mesmo comigo.

Entrevistadora: Como é que foi quando o senhor chegou aqui?

Interno 4: Pô, quando eles me viram eles nem acreditaram. Poxa. Aí quando eu cheguei aqui, o coordenador falou assim "oxente rapaz, o que foi rapaz? Tá aprontando de novo rapaz?"

Entrevistadora: Entendi. Quando o senhor chegou aqui, como estava a sua saúde mental, assim? Estava melhor do que agora? Estava pior?

Interno 4: Estava pior, porque aqui eu achava que eu ia pro pátio.

Entrevistadora: Você achava que ia para o pátio?

Interno 4: O pátio é terrível.

Entrevistadora: Por que o senhor acha isso?

Interno 4: É muita humilhação, a gente é muito humilhado por eles mesmos. Os próprios presos.

Entrevistadora: Presos?

Interno 4: O novato quando chega tem que fazer tudo, é xingado, tudo é maluco, é maloqueiro, sem saber da caminhada da pessoa na rua, fica chamado maloqueiro, não sei o que, é assassino, assassina, não sei o que, porque eles têm que entender uma coisa, do mesmo lugar que eles vieram, a gente tá vindo, pô. Mas só porque conquistou um espaço em um lugar desse, que é semelhante ao que eu sou. Quando eu cheguei era mais medo do que ia acontecer. Eu não sabia como ia ser, se eu ia pra lá... Eu já sofri demais. Já sofri, já passei por tudo isso aí.

Entrevistadora: O senhor quando entrou, já foi para a Farda Amarela?

Interno 4: Foi, poxa... Eu olhei um salmo antes de vir para cá, porque mil caíram ao meu lado e 10 mil à minha direita, e eu não seria atingindo. Eu olhei esse salmo na polícia. Quando eu cheguei, todo mundo, aqueles três corredores. Estava eu, mais três aqui, tinha cinco aqui e seis cá. Aí, pronto. Perguntaram “Quem tem facção aí? Levanta a mão”. Aí mandaram esses tudo pro pátio. Chegou na minha vez... “Ô, rapaz, você aí...” Eu disse “Facção de Jesus, meu irmão”. Aí, pronto. “Você passa pra cá comigo, levanta aí”. Aí ele “Pega uma farda amarela dele aí”

Entrevistadora: Entendi.

Interno 4: Eu tô aqui nessa farda graças a meu bom Deus, meu bom comportamento, eu ajudo, se precisa de qualquer coisa, eu ponho pra trabalhar, não faço cara feia.

Entrevistadora: Você, em algum momento, já viu algum outro interno aqui que estava vivenciando algum problema de saúde mental?

Interno 4: Teve um de querer se enforcar e teve outro que vi triste assim foi embora ontem, glória a Deus. Ele chorava muito. Não queria comer com a gente. “Mas coma!” eu ficava falando. Eu pegava minhas frutas e dava a ele. Minha laranja e minha banana.

Entrevistadora: E você já viu mais alguma outra coisa assim?

Interno 4: Discussão... Discussão, ficar tomando remédio pra ficar dormindo...

Entrevistadora: O senhor já teve problema para dormir aqui?

Interno 4: Eu estou com problema para dormir. Eu consigo um remédio, que é de 10 miligramas, né? Pra eu dormi porque eu não consigo...Ansiedade. Sabe, eu fico com ansiedade.

Entrevistadora: Você pode explicar um pouco sobre isso?

Interno 4: Eu fico pensando em estar lá perto, perto de todos, todos lá fora, para eu estar podendo subir e descer, quando eu quero organizar a minha casa, eu quero ter minha casa, me organizar tudo.

Entrevistadora: Entendi. Você poderia falar de um dia que não foi muito bom pra você aqui dentro? Que você acha que sua saúde mental não estava boa?

Interno 4: Tem dia que é só ansiedade. Penso no meu processo. Eu fiquei triste, fiquei mal. Nem comi nesse dia porque ele fez relatório, mandou lá pro professor público lá no fórum. Porque eu tava preso, me regularam, porque não me pegaram

com nada, eu não fui pegado fazendo delito nenhum, qualquer maneira parcial. O juiz não analisou, não pegou pra ler, e nesse momento que ele mandou, já tinha outro defensor público no lugar desse que ele mandou, e também não pegou pra ler.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 4: Aí quando foi ontem, mandou a gente, mandou pra medição também, o defensor falou “Eu já fiz a sua liberdade provisória. Eu fiz um recurso pra você que é sua liberdade provisória. Pode ficar tranquilo que vai chegar alguma coisa pra você aí.”

Entrevistadora: E como você se sente com isso?

Interno 4: Mais ansioso. Não consegui dormir na noite, fiquei...” Manda Jesus, manda.”

Entrevistadora: E o que é que o senhor faz aqui para se sentir melhor?

Interno 4: Eu ocupo minha mente.

Entrevistadora: Ocupa com o quê?

Interno 4: Escrevo. Pego bíblia, tiro texto da bíblia que me interessa aqui, sabe? Mas eu vou levar pra mim. Vou levar comigo. Quando for embora, bota no meu saquinho e leva. Sempre que eu estiver em casa, eu vou levar.

Entrevistadora: E mais o quê que ajuda?

Interno 4: Trabalhar ajuda, tem os Farda Azul aqui em cima que trabalham lá embaixo na área livre, certo? E eles não tem tempo pra lavar lençol, lavar a fronha do colchão dele, porque ele passa lá o dia todo lá. Aí a gente da Farda Amarela faz essas coisa.

Entrevistadora: E acha que melhora sua saúde mental?

Interno 4: Melhora, melhora demais, porque eu vou ficando sentado só na televisão, olhando só coisa que não presta, só vendo só desgrama, neguinho morrendo, neguinho fazendo perversidade com outro. Gente que não tem nada a ver, sabe? Prefiro trabalhar.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 4: E eu ali, to ali, olha aí. É, pai. Mesmo que eu esteja limpando aqui, vai limpando o meu coração, vai limpando a minha mente, vai tirando tudo que é ruim.

Entrevistadora: Você já sofreu alguma violência aqui?

Interno 4: Não.

Entrevistadora: Mas aqui você já viu alguma situação assim?

Interno 4: Não, aqui não, só discussão só.

Entrevistadora: Só discussão. Mas foi entre internos?

Interno 4: Entre internos mesmo. Discussão, bate-boca.

Entrevistadora: Entendi. E... assim, eu queria saber como é que... o que é que o senhor pensa acerca da sua saúde mental nessa unidade específica? O senhor já teve vivência em outras unidades. Como é que é aqui, por exemplo, em relação às outras?

Interno 4: É diferente.

Entrevistadora: É melhor, é pior?

Interno 4: É melhor.

Entrevistadora: Poderia falar melhor sobre isso?

Interno 4: Aqui é melhor porque aqui é pequeno. Televisão, ventilador, bebida, água gelada.

Entrevistadora: Você acha que... de certa forma, sua saúde mental está melhor por causa disso?

Interno 4: Por causa do tratamento, do terapêutico também. No primeiro dia que eu cheguei, eu já fui trabalhar. Quantos querem ter essa prioridade, essa oportunidade.

Entrevistadora: O senhor frequenta a escola?

Interno 4: Eu não frequentei a escola. A gente fica aqui na fama maior aqui, a gente não queria se misturar com esses cachorros do pátio. A gente fica com fama de estuprador. Ninguém que tá aqui não é estuprador não, não tem estuprador aqui não. Ficam achando isso por causa que a farda, não tamo lá no pátio. Aqui tem que homicídio, tem outras coisas, mas estuprador, não.

Entrevistadora: Entendi. Você não usa nenhum remédio todos os dias, certo?

Interno 4: Não.

Entrevistadora: Se o senhor precisar de algum remédio, como é que funciona?

Interno 4: Tem que ter uma receita. Falo com algum funcionário aqui, depois falo com médico.

Entrevistadora: Como é o tratamento? Você se sente acolhido?

Interno 4: Eu me sinto acolhido, mas eu fiquei triste só nesse momento só, de quando eu precisei dessa ajuda.

Entrevistadora: Essas foram as perguntas. Agradeço a sua participação!

Interno 4: Obrigado também pela oportunidade!

Entrevista 5 – I.D.J. (Interno 5)

Entrevistadora: Essas primeiras perguntas são mais assim, gerais mesmo, certo? Qual gênero que o senhor se identifica? Então o senhor foi designado homem ao nascer e se identifica como homem, ou se identifica como mulher?

Interno 5: Me identifico como homem.

Entrevistadora: O senhor se identifica como preto, pardo, branco, amarelo, indígena?

Interno 5: Preto.

Entrevistadora: Você está com quantos anos agora?

Interno 5: Cinquenta e dois.

Entrevistadora: O senhor é casado, solteiro, divorciado?

Interno 5: Solteiro.

Entrevistadora: Tem religião?

Interno 5: Eu frequento a igreja evangélica.

Entrevistadora: Tem filhos?

Interno 5: Tenho dois. Um menino e uma menina.

Entrevistadora: O senhor está sendo acusado pelo quê? É uma acusação, são duas, três?

Interno 5: É uma acusação.

Entrevistadora: Uma acusação? Qual é a acusação?

Interno 5: Homicídio.

Entrevistadora: Homicídio? Entendi. E o senhor está há quanto tempo aqui?

Interno 5: Aqui acho que tem 11 meses.

Entrevistadora: 11 meses? Quase um ano, né?

Interno 5: 11 meses só aqui, né? Porque eu fiquei preso em outro lugar. Até chegar aqui, né? Me senti melhor depois que cheguei aqui.

Entrevistadora: Entendi. E aí o senhor ainda não tem condenação, não é isso?

Interno 5: Vou para júri. Estou ansioso pelo júri. Tem pouco tempo agora que... perdi a resposta do juiz, teve a minha audiência, perdi...

Entrevistadora: Sim, entendi. E... esqueci de perguntar, o senhor estudou até que série?

Interno 5: Até a primeira série, estudei pouco...

Entrevistadora: Depois da Alfa, a primeira série né?

Interno 5: Sim, isso mesmo.

Entrevistadora: E é a primeira vez que o senhor é preso?

Interno 5: É... a primeira vez.

Entrevistadora: Entendi. E antes de vim para cá, qual era a profissão do senhor? O que o senhor fazia de trabalho?

Interno 5: Eu sou da zona rural, sou de Maragogipe, mas eu sou da zona rural, não moro na cidade, mas eu trabalhava com tudo. Trabalhava de peão, trabalhava na roça... tinha um negócio que eu trabalhava, era onde eu tirava os sustentos que dava.

Entrevistadora: Entendi. E o senhor tem alguma doença? Tem problema de pressão, de coração?

Interno 5: Não, senhora. Até agora, não. Só que pode acontecer que eu saia daqui ruim... não é fácil não, tá na prisão.

Entrevistadora: Não. Mas o senhor, assim, não tem nenhuma doença crônica?

Interno 5: Não senhora.

Entrevistadora: Entendi. O senhor já teve um diagnóstico de algum transtorno mental?

Interno 5: Não, não tive não.

Entrevistadora: Ansiedade, depressão... não?

Interno 5: Não.

Entrevistadora: Certo. Então aqui, pela sua farda, eu entendo que o senhor tem liberação para trabalhar, certo? E trabalha com o que aqui? Faz o que aqui?

Interno 5: Aqui a gente faz a nossa faxina do presídio.

Entrevistadora: Aí trabalha arrumando as coisas, limpando...

Interno 5: É, limpando, arrumando, varrendo...

Entrevistadora: Faz mais alguma coisa?

Interno 5: Faz, mas faz duas vezes no dia. Pela manhã... pela tarde, agora mesmo duas horas era a hora da gente ir.

Entrevistadora: Ah, entendi então são dois turnos, né?

Interno 5: É, que foi uma hora que foi quase todo mundo embora, só tem um turno só, só tem cinco pessoas aí.

Entrevistadora: Ah, foi cinco pessoas eu fiquei sabendo, né, que teve gente que saiu, não foi?

Interno 5: Foi Cheguei com 38 pessoas.

Entrevistadora: Meu Deus... e agora só com 5, não é?

Interno 5: Graças a Deus eu tenho 5.

Entrevistadora: É verdade, graças a Deus. Agora eu vou ter umas perguntas mais relacionadas... à saúde mental, certo? Se você se sentir desconfortável com alguma pergunta e não quiser responder, é só falar, certo? Quando eu falo assim... saúde mental... o que é que você entende que é saúde mental? O que você acha? Eu estou aqui falando sobre saúde mental, mas o que você entende como saúde mental?

Interno 5: Você quer dizer que alguma coisa tem sentido a cabeça?

Entrevistadora: Sim, o que você entende? Por exemplo, o que é ter saúde mental? É fazer isso, fazer aquilo, se sentir assim, se sentir assado? Como é?

Interno 5: Saúde mental é um sentimento entendeu moça. Não tem ansiedade, não tem dificuldades.

Entrevistadora: Então você acha que está se sentindo bem? Certo? Tudo bem. E você considera... como a sua saúde está hoje? Boa, ruim, mais ou menos?

Interno 5: Boa, não.

Entrevistadora: Boa, não?

Interno 5: Dá para suportar, mas... Mais ou menos.

Entrevistadora: Mais ou menos. Entendi. E aqui dentro desse ambiente específico, certo? Dessa unidade. O que é que você acha que interfere na sua saúde mental? Se for tudo, pode dizer tudo. Se for nada, pode dizer nada. Porque aqui eu nem posso contar para outras pessoas o que você está me contando, que é um espaço seguro. Se você quiser eu posso fechar a porta, mas eu acho que não tem ninguém ali fora.

Interno 5: Venha cá, a senhora fala sobre a convivência. Aqui que é do...

Entrevistadora: Tudo assim, desde que... É do ambiente mesmo, daqui. Desde que o senhor chegou aqui.

Interno 5: Sim.

Entrevistadora: O que aqui interfere... que você disse, que a cabeça não fica bem.

Interno 5: Assim, pelo lugar que eu nasci, eu sofri um bocado, até chegar até aqui.

Entrevistadora: Sim, nos seus outros locais, né?

Interno 5: Mas eu me senti em um ambiente, não vou dizer assim, né? Um bem melhor.

Entrevistadora: Melhor do que os outros?

Interno 5: Melhor, um bem melhor. O pessoal me trata bem. Eu tô bem fácil com respeito às pessoas.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 5: Quando eu acordei, o pessoal me acolheu. Aquela pessoa que gosta de falar muito, não é? Entendeu, eu faço o possível.

Entrevistadora: Mas aqui, o que o senhor acha que... interfere... e talvez não te deixe tão bem... aqui dentro?

Interno 5: No momento agora, depois que saiu... quer dizer, modéstia parte. Está bom agora para a gente. Cinco pessoas... não tem nada pra interferir ninguém. Só pôr a cabeça no lugar e... aturar a cadeia até o dia de ir embora.

Entrevistadora: Entendi. Mas antes, quando tinham mais pessoas, isso era uma coisa que te incomodava? Era uma coisa que não te deixava bem?

Interno 5: Sempre... Comporta muita gente, a senhora já deve ter entrado em um ambiente com muita gente e sabe como é.

Entrevistadora: E isso te deixava como? Ansioso? Triste? Como é que você ficava? Agoniado?

Interno 5: Ficava assim, agoniado. É porque você não tem confiança de conversar algumas coisas que você tem, que você precisa conversar. Que você precisa, mas depois que eu comecei a passar pela psicologia aquilo foi que me abriu a minha alma, entendeu? porque ela vem me dando conselhos, me falando, me aconselhando.

Entrevistadora: Entendi. Então... você já buscou, em algum momento, ajuda do pessoal daqui, não foi?

Interno 5: Já. E agradeço muito esse apoio do médico, meu atendimento aqui pra mim... tá de parabéns.

Entrevistadora: E deixa eu te perguntar... quando você buscou ajuda, foi para quem? Foi para uma pessoa específica? Foi para Rita, Rose, ou foi para...?

Interno 5: Foi pra Rita.

Entrevistadora: Foi para Rita? E foi por algo específico? Por que você perguntou a ela? Por que você procurou ela?

Interno 5: Não, é porque todas as pessoas que passam aqui, elas chamam para alugar a pessoa, foi assim. Desde o primeiro dia que eu cheguei, passou uma semana, foi louco. Eu comecei a chamar para ela, tirar a gente para conversar como é que estava passando. Caso precisasse de alguma coisa.

Entrevistadora: E como foi o atendimento? Você gostou? Você se sentiu melhor? Como foi?

Interno 5: Bem.

Entrevistadora: Entendi. E além disso, da psicologia? Mais alguma coisa foi oferecida para você? Quando você procurou ajuda?

Interno 5: Ainda não.

Entrevistadora: Não? Já passou pela psiquiatra daqui? Alguma vez?

Interno 5: Já.

Entrevistadora: E como é que foi?

Interno 5: É, não precisou eu... eu não entrei nesse desespero, assim, de tomar remédio, entendeu? Graças a Deus, com o tempo fui me controlando.

Entrevistadora: Sim.

Interno 5: Já há alguns dias eu disse que ele estava nervoso. Mas... Tenho que respirar e... não tem jeito mesmo.

Entrevistadora: Me conte, o senhor estava falando de ficar nervoso. Isso acontece geralmente quando? Pensa em alguma coisa específica para ficar nervoso? Acontece alguma coisa específica para ficar nervoso? Como é que é?

Interno 5: Como faço pra explicar...

Entrevistadora: Tente, pode tentar, se eu não entender, falo que eu não entendi. Pensa em alguma situação de lá de fora? Como é que é?

Interno 5: A pessoa lembra, né, de um momento que passou lá. As coisas que você deixou sua mãe, seus filhos, sua família, que a gente deixa tudo lá.

Entrevistadora: E aí, quando pensa nisso, fica nervoso. Aí, a saúde mental que não fica boa nessas horas, né? Entendi.

Interno 5: Mas tem que ser forte... e aguentar o tempo que Deus quiser.

Entrevistadora: Entendi. Você já procurou algum outro profissional aqui, da unidade, em relação à saúde mental, tipo assim, precisa de ajuda, procurei, com outra pessoa, sei se é Rita, ou pessoal da Psicologia, Psiquiatria.

Interno 5: Não senhora.

Entrevistadora: O senhor já percebeu, assim, algum outro interno que não estava bem... bem da cabeça?

Interno 5: Já, várias pessoas...

Entrevistadora: Você já percebeu o que? O que é que acontece? Está chorando, a pessoa...

Interno 5: É, chorando demais... achando que não vai conseguir... a gente sempre um ajuda o outro, quando a gente se encontra em um momento desses...

Entrevistadora: Vocês se ajudam como?

Interno 5: Alguém veio para mim e falou igualmente... como eu falei pra outras pessoas... vai dar tudo certo, calma... entendeu?

Entrevistadora: Conversando, né?

Interno 5: Sim... quando eu vejo a pessoa chorando... lembra... chorando... aí... chega com a gente... passando a mão na cabeça... fica tranquilo... vai dar tudo certo... tenta ser positivo...

Entrevistadora: Entendi. Eu queria agora entender, mais ou menos, como é que você chegou aqui. Então, você está me falando de você hoje, né? Quando eu perguntei sobre a sua saúde mental do nível de hoje, você falou, mais ou menos. Como é que foi quando você chegou aqui? Você falou que foi a sua primeira vez sendo preso. Como é que foi, assim, em termo de saúde mental? Você se sentiu como?

Interno 5: Muito medo.

Entrevistadora: Medo? Medo de algo específico? Medo de que?

Interno 5: Quando eu vi que eu fiquei preso lá na delegacia eu passei com um bocado de pessoa que já tinha passado e já falava como era o comportamento aqui e tudo bem, eu vim, quando cheguei aqui encontrei com Deus e a sorte que me

botaram na cela especial. E mesmo assim, entrei com medo que eu nunca tinha convivido no meio de trinta pessoas, quarenta, quase quarenta pessoas. É um lugar, para ir para o pátio, é um lugar melhor. Cheguei, todo mundo me acolheu e passei a situação como era.

Entrevistadora: E em termos de sono... logo que você chegou, você conseguia dormir?

Interno 5: Não... eu levei uns bons dias sem dormir.

Entrevistadora: Por causa do medo?

Interno 5: Bom, é medo...

Entrevistadora: E mais do que?

Interno 5: Pensamento e medo.

Entrevistadora: Pensava no que?

Interno 5: No que eu senti hoje. Havia muita gente para eu sair. Claro, quando a gente pegou, eu não queria ficar assim.

Entrevistadora: Ficava em estado de alerta, então, né?

Interno 5: Foi, depois fui. Lá conhecendo alguém, conversando... graças a Deus, não precisou nem tomar remédio depois.

Entrevistadora: Mas já chegou a tomar remédio?

Interno 5: Não, nunca peguei remédio.

Entrevistadora: Não? Entendi. É... você recebe visita?

Interno 5: Recebo.

Entrevistadora: Quem é que te visita aqui?

Interno 5: Minha mulher, minha filha e minha irmã.

Entrevistadora: Sua filha, sua mulher e sua irmã. E com que frequência o pessoal vem te ver?

Interno 5: Hoje mesmo eu vi a minha esposa.

Entrevistadora: Hoje?

Interno 5: Ela... porque essa visita mudou... e eu tava assim... tentei ligar, mas não consegui... a visita começa quinta-feira, é feriado, dia das crianças. Na verdade, é sexta-feira a visita, que mudou para quarta.

Entrevistadora: Ah, amanhã.

Interno 5: Ela veio, hoje. Quando eu descii pra faxina que eu chego lá, olha quem tá lá, ela sentada lá embaixo.

Entrevistadora: Ficou feliz. Chega até abriu o sorriso.

Interno 5: Ele me deu um abraço, aí eu disse pra ela vir pela manhã, vai dormir aqui e amanhã ela volta.

Entrevistadora: Ah, porque eles não são daqui, né?

Interno 5: É Maragogipe. É, todo mundo de lá.

Entrevistadora: É, bem longe, viu? Mas assim, no mês, qual é a frequência? Duas vezes no mês? Três?

Interno 5: De quinze em quinze.

Entrevistadora: De quinze em quinze, então... Duas vezes no mês.

Interno 5: Mais ou menos.

Entrevistadora: E dura o quê? O dia todo? Algumas horas?

Interno 5: Sai duas horas. De nove às duas. Porque ela tem que ir até longe, ela tem que sair até duas horas.

Entrevistadora: Para chegar lá ainda de noite, né? Ah, entendi. Então aí o tempo já reduz um pouco, né? Da visita.

Interno 5: É, mas é muito bom a visita, né?

Entrevistadora: Você acha que essas visitas, elas... em termos de saúde mental, elas ajudam?

Interno 5: Demais, a gente precisa.

Entrevistadora: O senhor se sente menos angustiado depois da visita? Como é que isso funciona?

Interno 5: É porque no dia da visita, parece que o mundo se abre.

Entrevistadora: O mundo o que?

Interno 5: O mundo se abre.

Entrevistadora: Entendi. Agora eu queria... perguntar assim... um dia que não foi bom aqui. Pensa assim, um dia que você não... a cabeça não estava boa. Não estava com saúde mental. Me conte aí como é que foi um dia assim... o que foi que teve...

Interno 5: Quando eu cheguei aqui, tinha algumas pessoas que eram meio encurralador.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 5: É porque essas pessoas são assim. Porque nunca é assim. Dá para você bater com gente boa. Com as pessoas, você se da bem. Outras não vão com a sua cara, com a gente. Cada qual no seu canto, mas, eu acho que sempre em mim ficava no meio. Me perseguindo, me atentando, novato né...

Entrevistadora: Entendi. E o senhor se sentia como? Era medo, era... tristeza, ansiedade, angústia... era como?

Interno 5: Eu sentia ódio de não poder fazer nada... de estar no meio do ambiente , de estar passando... entendeu? De não poder fazer nada... Infelizmente essa pessoa já foi em outra página.

Entrevistadora: Você já... em algum momento já vivenciou algum tipo de violência aqui dentro?

Interno 5: Não.

Entrevistadora: Nenhum bate-boca, nenhuma discussão? Nenhuma confusão? Alguma coisa assim já aconteceu aqui? Com o senhor?

Interno 5: Comigo? Não, eu procuro fazer o mínimo possível.

Entrevistadora: Mas o senhor já viu? Alguma situação assim?

Interno 5: Já teve.

Entrevistadora: E como é que foi? Como é que o senhor se sentiu? Vendo isso.

Interno 5: Um negócio de... fofquinha, sabe? Um negócio assim... do cara de onde você vive, né?

Entrevistadora: Fofquinha. E aí, você sentiu como? Um pouco medo da situação? Ou... como é que foi?

Interno 5: Ok, né... medo é porque... quando acontece uma coisa... além de ser uma pena... como uma pessoa faz uma coisa errada... todo mundo tem que pagar. Infelizmente ela sabe que é assim. Aí... tinha que ficar com medo de... um castigo desse aí, por causa de um homem sujo.

Entrevistadora: E como é que é o castigo? Acontece o que?

Interno 5: Separar de uma cela pra outra. Ficar sozinho...

Entrevistadora: E já teve alguma situação que o senhor ficou nesse castigo?

Interno 5: Não, graças a Deus.

Entrevistadora: Alguém que o senhor era próximo aqui já ficou? Percebeu alguma mudança nessa pessoa? Se ela ficou mais quieta? Se ela ficou mais nervosa? Se ela ficou a mesma coisa? Como é que foi?

Interno 5: Você quando toma o castigo volta melhor né...

Entrevistadora: Às vezes não, né? Às vezes a pessoa volta mais revoltada. Depende, né, da pessoa. E o que você acha? Eu perguntei o que é que aqui... acaba piorando a sua saúde mental. Agora, o que é que aqui... tem que ajuda? Então... a visita ajuda?

Interno 5: Sim.

Entrevistadora: O que mais lhe ajuda aqui?

Interno 5: O que me ajuda é... Essa faxina que eu faço, o trabalho.

Entrevistadora: Ajuda, o senhor acha que é o que mais ajuda?

Interno 5: Oxe, é o que mais ajuda a gente, todo mundo. Você sabe que eu gosto de trabalhar.

Entrevistadora: Por que o senhor acha que ajuda?

Interno 5: Esse trabalho, pra mim é... Eu sou acostumado a... Pegar no batente, mas eu sou acostumado a essa rotina velha também.

Entrevistadora: Então assim, o senhor acha que te ajuda porque se aproxima um pouco da rotina que o senhor já teve do trabalho lá fora ou porque distrai? Ou os dois? Como é que é?

Interno 5: Distrai a gente demais e o público também pega um pouco de confiança na gente.

Entrevistadora: Sim...

Interno 5: A gente se solta mais... É muito bom, também, essa festa.

Entrevistadora: E tem mais alguma coisa aqui que ajuda? Acho que tem culto aqui, né? Fiquei sabendo, alguma coisa assim, que acontece. O pessoal lê a Bíblia e tal. O senhor frequenta ou não? Acha que ajuda?

Interno 5: Ajuda demais... A palavra do senhor é muito boa. Todo dia eu converso com ele, quando estou assim...

Entrevistadora: Como está como?

Interno 5: Estou assim... Meio bolado...

Entrevistadora: Ah... entendi. Bolado é tipo como? Nervoso? Com raiva?

Interno 5: Vontade de ir embora, saudade, vontade de ver a família né.

Entrevistadora: Ir embora, saudade, é isso? bolado?

Interno 5: É, aqui é a saudade né?

Entrevistadora: Saudade né? E como é que ele lida com a saudade aqui dentro?

Interno 5: não tem o que fazer né, tem que suportar, aguentar, tem que ser forte.

Entrevistadora: Agora são duas visitas no mês né.

Interno 5: É, agora parece que demora um ano.

Entrevistadora: E passa rápido? Você acha que passa rápido a visita? Quando, por exemplo, sua esposa está aqui, sua irmã, acha que o tempo é suficiente que elas ficam?

Interno 5: Queria mais.

Entrevistadora: Queria mais? Acho que todo mundo queria um pouquinho a mais. Eu vi que aqui tem uma escola, né? O senhor frequenta a escola daqui?

Interno 5: Não senhora.

Entrevistadora: Não? Entendi. Tem algum motivo específico? Não? Entendi. Como é a sua rotina aqui? Você acorda, e aí, como é que é? Me conte aí.

Interno 5: Eu já tinha essa rotina de acordar cedo.

Entrevistadora: Acorda que horas?

Interno 5: Cinco horas e quarenta.

Entrevistadora: E aí, faz o quê?

Interno 5: Aí a gente não consegue dormir mais não, quase todo mundo acorda essa hora, porque tem uns que dormem na área livre, eles... seis horas tem que sair, entendeu? E aí... todo mundo começa a levantar e aí é saltinho e todo mundo acorda.

Entrevistadora: E aí depois você faz o quê?

Interno 5: Aí, a gente já entra no café, a gente toma um café, a gente pega a faxina.

Entrevistadora: E como é que é a comida aqui?

Interno 5: Boa.

Entrevistadora: Boa? E aí depois é a faxina, e aí depois da faxina, já é o horário do almoço, mais ou menos.

Interno 5: Aí a gente sobe, fica ali, cai no banho.

Entrevistadora: É de tarde e de manhã a faxina né?

Interno 5: É de tarde e de manhã aí quando sobe já sobe com o jantar.

Entrevistadora: Entendi, mas o senhor falou que já era acostumado a acordar cedo assim né? Que já era um hábito então para você não foi uma adaptação né? Já era normal que o senhor acordasse cedo assim? Entendi. Você usa algum remédio aqui? Um remédio todo dia? Às vezes tipo assim, para pressão.

Interno 5: Pra dor de cabeça.

Entrevistadora: E como é que é assim para pegar o remédio? É difícil?

Interno 5: Não.

Entrevistadora: Não? Você comunica com quem, se você precisar?

Interno 5: Com o agente, que leva a gente para a faxina, mas se comunica com ele, e aí o filho pega. Então ele passa o remédio pra gente.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 5: Passa o remédio pra gente, isso aí não tem como reclamar, graças a Deus.

Entrevistadora: Então assim, você tem uma boa relação com os agentes, com o pessoal que trabalha aqui? Você acha que isso é importante para estar com a cabeça boa aqui dentro?

Interno 5: É... Eu sou uma das pessoas que atendem bem. E acho que não é necessário ter uma tensão, sabe?

Entrevistadora: Mas o que eu quero dizer é que... por exemplo, às vezes o interno não tem uma relação boa com o agente... você se sente... mais nervoso ou alguma coisa do tipo... você acha que isso influencia?

Interno 5: Para eu lhe falar a verdade... eu não tenho o que falar de ninguém, entendeu? Porque eu sempre procuro... para ter meu jeito de viver... para ficar sossegado...

Entrevistadora: Você é poucas palavras né? Entendi. E... o senhor me falou que... estava esperando a decisão do juiz, vai para a júri, não é isso?

Interno 5: É.

Entrevistadora: E aí, como é que o senhor está se sentindo?

Interno 5: Eu estou confiante, eu acho que eu vou responder de verdade. Eu estou com... Eu estou com a confiança de sair. Tenho que pensar pelo fim. Estou na mão do Senhor, seja o que Deus quiser, mas a minha confiança é de ir. Pelo tempo que eu já tenho preso já, não é pouco.

Entrevistadora: Entendi. E você está na expectativa, né?

Interno 5: É.

Entrevistadora: E é nesse tempo assim que você passou aqui? Já teve alguma atividade que fez o senhor se sentir melhor? Alguma atividade no auditório? Alguma boa palestra?

Interno 5: Já teve várias palestras.

Entrevistadora: O senhor acha que ajudam essas palestras?

Interno 5: Muito bom.

Entrevistadora: Se sente como? Acha que muda o que?

Interno 5: É bom demais, é. Ela aí, ela aí, quer dizer, faz uma palestra com a gente. É bom demais, explica tudo para a gente o jeito que existe, é ótimo.

Entrevistadora: Acha que... melhora a experiência aqui dentro? Esses momentos?

Interno 5: Também.

Entrevistadora: Entendi... então, eu acho que é isso, é bem simples mesmo. Vou parar aqui de gravar.

Entrevista 6 – S.C.T. (Interno 6)

Entrevistadora: Então, a gente está dando início à entrevista de S. da pesquisa Demandas em saúde mental de homens privados de liberdade em regime provisório. Então, essas primeiras perguntas, elas são mais gerais mesmo. Sobre você, certo? Então, o gênero que você se identifica. Você foi designado ao nascer homem, se identifica como homem? Ou se identifica como mulher?

Interno 6: Me identifico como homem.

Entrevistadora: Você identifica como preto, pardo, branco, pardo?

Interno 6: Pardo.

Entrevistadora: Certo. Você tem quantos anos?

Interno 6: Vinte e dois.

Entrevistadora: Você é casado, solteiro, divorciado, união estável?

Interno 6: Solteiro.

Entrevistadora: Você tem filhos?

Interno 6: Não.

Entrevistadora: Você estudou até que série?

Interno 6: Segundo ano do ensino médio.

Entrevistadora: Você tem religião?

Interno 6: Eu tenho bastante religião. Eu acredito em Deus. Eu sou cristão. Tenho fé em Deus.

Entrevistadora: Entendi. E... você está aqui, são quantas acusações?

Interno 6: São cinco, formação de quadrilha, aliciação de menor, posse de arma, porte ilegal de arma e tentativa de homicídio.

Entrevistadora: E... Esta foi a primeira vez que você foi preso?

Interno 6: Sim, foi a primeira vez.

Entrevistadora: E você trabalhava com o que antes?

Interno 6: Eu não trabalhava, eu estava estudando.

Entrevistadora: Entendi. Você tem alguma doença?

Interno 6: Não. Graças a Deus. Nenhuma.

Entrevistadora: Já teve diagnóstico de transtorno mental alguma vez?

Interno 6: Não.

Entrevistadora: Pronto. Aqui dentro, você tem permissão para trabalhar?

Interno 6: A gente ajuda a unidade de uma maneira, tipo, nós somos carteiro lá dentro da unidade. A gente é carteiro, que organiza tudo, todo acontecimento que vai ter na unidade, o policial penal passa pra gente, a gente passa pra coisa demais, pra nossa carcerária.

Entrevistadora: Ah, então, deixa eu entender, porque eu realmente, né, preciso entender. Então você é meio que a comunicação entre os agentes e o restante do pessoal que está lá no pátio?

Interno 6: Isso, isso.

Entrevistadora: E como é que funciona isso? Assim, você pega a informação com o agente?

Interno 6: É. Atendimento médico, atendimento odontológico, audiência, oficial de justiça. Tudo isso me passa para mim, eu passo tudo para os demais.

Entrevistadora: Entendi. E ao contrário, também?

Interno 6: Também. Se há alguma demanda que a gente quiser, eu passo para eles.

Entrevistadora: Vou fazer outras perguntas um pouco mais específicas sobre a saúde mental, certo? Então, assim, quando eu falo a palavra saúde mental, o que é que você entende pelo termo saúde mental?

Interno 6: A pessoa tá bem de vida, ter alegria, amor, tudo isso vai dar saúde mental. Se alguma coisa desse estiver arrasada, ou alguma dificuldade, já fica meio difícil.

Entrevistadora: Entendi. E... Como está a sua saúde mental hoje?

Interno 6: A minha está boa. Eu consigo falar isso, posso falar isso. Até pelo tempo, aqui na unidade, eu posso falar que está boa.

Entrevistadora: Você tem quanto tempo aqui?

Interno 6: Quatro anos e um mês.

Entrevistadora: Quatro anos, então, esperando o processo, né?

Interno 6: O processo, é, que eu fui pronunciado para a júri, estou esperando marcar.

Entrevistadora: Ah, entendi, entendi. Você pode explicar como é que é a saúde mental perfeitamente boa?

Interno 6: Tipo assim, né? Eu explicando do meu jeito, né?

Entrevistadora: É, claro.

Interno: Tipo assim, a pessoa é confiante, tá confiante, não desistir, independente de qualquer coisa, é esperançoso, correr atrás, saber que tem como recomeçar esse erro, e aí todo mundo erra, erra, erra, e recomeça de novo, vivendo um dia após o outro, um dia após o outro. É isso.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 6: É essa a meta. Não me deixar levar para outras situações.

Entrevistadora: E o que é que... aqui, dentro dessa unidade... você acha que influencia na sua saúde mental? Ou seja, o que é que aqui não deixa você... Tão legal?

Interno 6: Só sobre o assunto da liberdade mesmo. Só a privação da liberdade mesmo. No meu sentido, tipo, no meu haver. Porque eu tenho um modo de pensar, tem outra pessoa que tem outro modo de pensar. Estar aqui preso num lugar desse. Aí já fica muito difícil.

Entrevistadora: Entendi. Então você acha que não tem nada aqui que influencie? Que te deixe triste, por exemplo...

Interno 6: Falta de experiência de tempo, porque no meu avesso eu tô tranquilo. Tipo assim, a falta de uma visita, eu deixo a pessoa já bem... A pessoa já não consegue ficar legal. Uma falta de visita, é tipo um suporte pesado, o tipo de alimentação... o atendimento, vamos supor, é precário, e aí a pessoa fica meio que, vamos supor, indignada. Isso também já se acha que está sendo tratado de uma maneira diferente por ser preso, entendeu?

Entrevistadora: E você já se sentiu assim?

Interno 6: Eu fiquei assim, no começo. Mas depois quando a pessoa entra no sentido do que é isso aqui, fica tranquilo.

Entrevistadora: Como é que foi quando você chegou aqui?

Interno 6: No começo, quando eu cheguei aqui... foi meio assustador, porque é a primeira vez que uma pessoa chega aqui, é outro mundo. É meio assustador, a pessoa fica meio assustada, mas... fica focada, aprende o regime, como é o dia a dia aí. Fica de boa.

Entrevistadora: Entendi. Como é que você se sentia?

Interno 6: Me sentia só meio triste devido à saudade. Logo assim, começando, os amigos, os parentes, pai, mãe, irmã, no começo a pessoa fica meio cabeça baixa, mas vai aprendendo.

Entrevistadora: E hoje em dia?

Interno 6: Sinto saudade claro, mas passa, que um dia aí isso vai ter fim.

Entrevistadora: Entendi. Então hoje você acha que você lida melhor com a saudade. É isso?

Interno 6: É isso. Exatamente. Eu lido com essa situação que aconteceu aqui... com a aprimoração da minha mente.

Entrevistadora: Entendi. Conseguia dormir quando você chegou aqui?

Interno 6: Não, no começo não. Ninguém acha que não consegue. No começo não, mas depois... foi tranquilo.

Entrevistadora: Você precisou tomar algum remédio para dormir no início?

Interno 6: Não.

Entrevistadora: Já chegou a procurar ajuda... em relação à saúde mental?

Interno 6: Não, não.

Entrevistadora: Você já teve uma consulta com um psiquiatra daqui?

Interno 6: Apenas uma vez.

Entrevistadora: Uma vez. E como foi a consulta?

Interno 6: Não, foi porque eu estava um dia sem conseguir dormir e eu tinha ido para um psicólogo... para ver se eu conseguia um remédio de dormir, mas ele falou que não tinha necessidade... que era alguma coisa da minha mente... para eu ficar tranquilo. Aí foi só essa vez.

Entrevistadora: E você achou que a consulta ajudou você? De alguma forma?

Interno 6: Ajudou, ajudou, ajudou...

Entrevistadora: Qual foi a diferença que você notou depois da consulta?

Interno 6: Depois da conversa que a gente teve... Aí eu caí na real. Eu não precisava, eu não tinha necessidade, eu estaria me medicando com remédio para dormir só para manter a calma... e ficar tranquilo.

Entrevistadora: E você conseguiu manter a calma?

Interno 6: Consegui.

Entrevistadora: O que é que ajuda você aqui a manter a calma?

Interno 6: Tudo depende do tipo da pessoa. Isso vai de tipo de pessoa, de característica.

Entrevistadora: E como é pra você?

Interno 6: Eu sou calmo. Esse cargo, esse cargo tira muito o foco do lugar.

Entrevistadora: Entendi, o fato de você ser carteiro, posso falar assim?

Interno 6: É, pode. Esse fato, esse cargo de carteiro é como se fosse um trabalho pronto. Ele tira toda a monotonia da cadeia e o cara fica centrado numa coisa só e dá pra pessoa levar. Ajuda a passar tempo, é. Também é um jogo de bola, como tem um jogo na quadra...

Entrevistadora: Então, isso tudo você acha que ajuda a sua saúde mental?

Interno 6: Realmente, um pouco. Um pouco, não é sempre.

Entrevistadora: Entendi. E você... já percebeu algum outro interno que estava... sofrendo por conta do mental?

Interno 6: Sim.

Entrevistadora: Como é que foi isso?

Interno 6: É... ter pessoas que querem tirar a própria vida... e eu tentava animar falando que não precisava disso... por falta de uma visita... por se sentir...excluído... por que aconteceu essa situação de ser preso.

Entrevistadora: Entendi... Você faz alguma coisa para ajudar?

Interno 6: Eu estou ali nesse cargo sempre para estar aconselhando também, como se fosse um exemplo. E eu dou esse exemplo para os demais que chegam. Que vão no que nós chamamos de novato, que chegou agora. E esse exemplo nosso guia, orienta os demais.

Entrevistadora: Entendi. Já percebeu alguma outra situação?

Interno 6: É comum não conseguirem dormir. Chorando vejo sempre também, agora a gente não vai entrar um particular no outro. A gente respeita. Só dá uma palavra, amiga... para ele cair na real e ficar tranquilo.

Entrevistadora: Mas isso é uma coisa que você vê com frequência?

Interno 6: Isso é só no começo da prisão da pessoa.

Entrevistadora: Ah, entendi. Então, você percebe isso logo quando a pessoa chega aqui.

Interno 6: Quando a pessoa chega, exatamente.

Entrevistadora: Aí, depois, você consegue perceber que há uma mudança.

Interno 6: Sim, há uma mudança. Ela consegue entender como é que funciona o sistema.

Entrevistadora: Entendi. Eu queria agora... que você pensasse em um dia que não foi bom. Em um dia ruim.

Interno 6: Aqui, na unidade?

Entrevistadora: Sim. E eu queria que você me contasse como foi esse dia.

Interno 6: Um dia em que eu não me senti bem foi quando eu recebi a notícia de que meu pai tinha falecido. Isso é uma notícia ruim para qualquer um. Você sabe o que acontece depois disso. A pessoa começa a chorar, se desespera... mas...mantém o foco.

Entrevistadora: Entendi. E... Como é que você se sentiu, especificamente, por estar aqui e receber essa notícia?

Interno 6: Eu não estava normal, eu me senti... como se eu fosse culpado também, tipo... eu vi a situação e senti culpado... porque isso poderia ter acontecido até por esse caso acontecer comigo. Por eu ta aqui preso. Mas talvez não, talvez tenha sido por causa do destino mesmo, o que é de acontecer tem que acontecer.

Entrevistadora: Entendi. Então... Você falou que acredita em Deus. Fiquei sabendo que aqui, às vezes, fazem como se fosse uma oração todo mundo junto, não é?

Interno 6: Tem.

Entrevistadora: Você participa?

Interno 6: Participo às vezes, porque às vezes o cargo de ser carteiro não deixa. Às vezes, quando dá, eu participo.

Entrevistadora: Entendi. E... como é que você se sente aí nesse cargo... aqui dentro?

Interno 6: Eu me sinto... assim... que... até então, assim... Normal, em termos normais, eu não tenho assim a minha cabeça, só porque eu estou nesse cargo... Eu não me sinto mais nem menor do que ninguém, é a mesma coisa, normal. Tipo que eu estou ali ajudando a unidade... E também porque, tipo assim, ajudando nesse cargo de até uma remissão de pena, se a pessoa for sentenciada, se for condenada, dá até uma remissão de pena.

Entrevistadora: Ah, não sabia. Você já se sentiu sobrecarregado?

Interno 6: Muito, muito demais.

Entrevistadora: Como é que você lida com isso?

Interno 6: Eu vou ter uma calma. Tipo, isso aqui vai de pessoa, doutora. Isso vai de pessoa, porque tipo assim... Tem pessoas mais velhas do que eu que não suportam

essa carga. E eu sou um jovem de 22 anos e me acho como um cara maduro. Por isso eu mantenho a calma, minha sobrecarga mantendo a calma, a conversa numa boa, sem ofender o colega... E fica tudo tranquilo, na paz.

Entrevistadora: Entendi. E você... em algum momento, assim... já vivenciou algum tipo de violência aqui dentro?

Interno 6: Não, não.

Entrevistadora: Ou física ou verbal... Como o pessoal chama assim de bate-boca?

Interno 6: Verbalmente? Ah não, isso aí é tipo... Verbal, isso aí tem de... Isso aí é tipo de comum aqui.

Entrevistadora: Entendi. E como é que você se sente?

Interno 6: Oi?

Entrevistadora: Como é que você se sente?

Interno 6: Tipo, agora, no dia de hoje, eu me habituei até no lugar, como eu citei aqui, eu sou exemplo. Eu vejo um colega discutindo com outro colega, eu chego pra amenizar.

Entrevistadora: Entendi. Então você é o mediador das situações de conflito.

Interno 6: É essa a proposta dessa palavra também, é o mediador.

Entrevistadora: Mas assim, já aconteceu algum conflito com você especificamente?

Interno 6: Não, não, não.

Entrevistadora: Entendi. Mas você já chegou a presenciar alguma situação de violência?

Interno 6: Verbalmente, sim. Muitas vezes.

Entrevistadora: E como é que você se sente vendo isso? Vendo... essa questão da violência verbal, né? Vamos colocar assim.

Interno 6: Rapaz, é tipo assim... Você se sente... A pessoa se sente um pouco arrependida, porque... é um lugar que só tem isso. E, tipo, quem ou não foi por... A atitude nossa veio para que? Dá uma sensação de arrependimento.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 6: A pessoa coloca a mão na cabeça e pensa, poxa, para que eu vou procurar? E você vai estar passando isso aqui? Mas de boa, a pessoa tem como levar.

Entrevistadora: Entendi. Você tomou algum remédio aqui dentro?

Interno 6: Não.

Entrevistadora: E como é que funciona assim para conseguir um remédio aqui?

Interno 6: Eu chego nos policiais penais, peço e ele vai me informar. A doutora, a central médica, é ele que consegue o remédio.

Entrevistadora: Você mencionou no início sobre manter a calma aqui dentro. Quando é que você não consegue manter a calma aqui dentro?

Interno 6: Ninguém é perfeito, eu não vou dizer que a pessoa é perfeita. Pior é na hora de trancar a cadeia ... Quatro horas a pessoa está trancada aqui. A tranca abre às sete horas. E fecha às dezesseis horas. Quatro da tarde. Às quatro da tarde, a pessoa já está presa. Esse é um momento em que a pessoa fica um pouco turbada.

Entrevistadora: Turbada?

Interno 6: Tipo assim, com a mente meio que em monotonia. Puxa, uma hora dessas eu poderia estar... em uma praça, em um lugar com minha família... e eu estou sendo trancado em uma hora dessas... antes do sereno. Antes da noite escurecer, a pessoa já está trancada.

Entrevistadora: E você consegue explicar como você se sente nesses momentos?

Interno 6: Ansioso. É o sentimento que a pessoa mais tem, essa ansiedade aqui.

Entrevistadora: E aí, como é que você lida com a ansiedade? O que é que você faz para melhorar a ansiedade?

Interno 6: Eu canto, tipo assim, eu tenho um pouco de experiência de cantor, de cantar, sou um vocalista, tipo de banda de pagode, aí eu começo a fazer umas músicas minha mesmo, e a pessoa dá pra acalmar, desestressar. É por isso que eu falo que vai dar para a pessoa, porque eu já tenho essa parte, e outra pessoa que não tem esse lado... já fica quieto, oprimido, não canta assim, sem querer falar com ninguém.

Entrevistadora: Entendi. Você frequenta a escola aqui?

Interno 6: Eu frequento.

Entrevistadora: E como é que é lá na escola? Você acha que frequentar a escola te ajuda em termos de saúde mental?

Interno 6: Ajuda. Porque ajuda, porque tipo assim, a gente tá dentro dessa unidade aqui e a gente tá vivendo só com a sua rotina aqui. Rotina de cadeia, vamos supor, desculpa a palavra, rotina de cadeia. E aí, tipo, é só aquela rotina ali, e a pessoa, quando você vai pra escola, aí você... a pessoa sente a diferença de outro mundo, tá conversando com uma pessoa que tá ali pra aconselhar. Ensinar e aconselhar.

Entrevistadora: Entendi. E você falou aí de rotina de cadeia. Como é que é essa rotina aqui?

Interno 6: Sete horas abre, eu acordo, levanto, tomo banho, higiene, aí vamos supor, passa pra já tem um trabalho, os policiais estão me chamando para algum interno pra atendimento, sempre não para, não para. A rotina não para. Eu começo o trabalho de manhã até o final do dia. Eu e o meu colega. Mas nós andamos juntos. Nós ficamos de manhã até o final.

Entrevistadora: Entendi. Então você não está sozinho, né?

Interno 6: Não, eu não estou sozinho. Não, não. É uma equipe. É uma equipe lá dentro.

Entrevistadora: Você recebe visita aqui?

Interno 6: Não.

Entrevistadora: Não? E como é que você se sente em relação a isso?

Interno 6: Tipo assim, em relação a isso, eu me sinto uma pessoa madura, porque, tipo assim, quem queria me visitar aqui foi a minha mãe, mas só que eu não deixei, não permiti, porque, tipo assim, pra pessoa visitar aqui, como falam, né, sejam que é uma... vamos supor, a pessoa se sente com vergonha, porque é tipo uma revista uma revista rígida, aí na frente, tá entendendo? Muitas famílias dizem que passa humilhação, então por esse caso eu não permiti a vinda da minha mãe aqui, nesse lugar. Porque por fatos eu e os meus, minha família não tem nada a que se envolver, esse é o meu ver.

Entrevistadora: E você acha assim que se você recebesse suas visitas ia ajudar de alguma forma?

Interno 6: Ajudaria. Uma pessoa ter uma visita, uma pessoa estar com uma pessoa do lado, ajuda muito. Mas, tipo, no meu caso até eu também, eu tô tranquilo

também, né? Eu não tô aquele, com a minha mente conturbada, em desespero.

Entrevistadora: E você... Como é que você vive assim, com a saudade? Já que você não tem visita.

Interno 6: É, eu digo que na esperança e na fé que um dia vai ter fim. Qualquer hora o alvará pode ser decretado e eu ir para casa.

Entrevistadora: Entendi. Quais as expectativas em relação a isso? Você falou que vai pra júri.

Interno 6: Exatamente, é.

Entrevistadora: Ainda esse ano, como é que é?

Interno 6: Não sei, ainda não tenho prévia.

Entrevistadora: Ainda não sabe, né?

Interno 6: Não, fui pronunciado, mas não tenho a data prévia.

Entrevistadora: E aí já tem uns 4 anos, né?

Interno 6: É, mas tipo, eu acho que nem vai ter esse julgamento, a expectativa, a senhora falou de expectativa, minha expectativa é que nem vai ter, vou ser absolvido.

Entrevistadora: O fato de você estar num regime provisório, ou seja, ainda não tem condenação, você acha que isso tem algum impacto na sua saúde mental?

Interno 6: Tem. Não só na minha, mas em todas as pessoas que se colocaram presas provisório de identificação. A pessoa, quando é condenada, tem a certa medida de quanto tempo vai ficar presa. E a pessoa não tá presa, ela é distribuída. Quando tá aí só, dia passando, dia passando, e sem resultado e sem resposta, isso

dá um forte impacto na pessoa. Então, se a pessoa não tiver preparada, sente muito. E ainda assim, se a pessoa não tiver preparada, pode acontecer até o pior.

Entrevistadora: E você se sente como em relação a isso?

Interno 6: Eu sinto que no começo, na *meiada*, foi muito difícil a primeira data entrar, mas agora no fim, com a expectativa que eu vou ser absorvido, eu consegui vencer.

Entrevistadora: Entendi, mas no início você sentia assim, como?

Interno 6: Ansiedade. Há quanto tempo eu vou passar aqui? Quantos anos vai demorar ainda para ter uma resposta? É só esse pensamento que a pessoa tem.

Entrevistadora: E agora?

Interno 6: E agora? E agora eu estou com essa expectativa de ser absorvido nesse júri.

Entrevistadora: Entendi. Obrigada pela sua participação! Vou encerrar a entrevista agora.

Interno 6: Obrigado a senhora também!

Entrevista 7- R.A.S. (Interno 7)

Entrevistadora: Vamos dar início a entrevista sobre saúde mental com o interno R.A.S. Vou começar fazendo algumas perguntinhas gerais, certo? O gênero que se identifica, você nasceu homem e se identifica como homem, ou se identifica como mulher?

Interno 7: Nasci homem e me identifico como homem.

Entrevistadora: Você se considera branco, preto, pardo, amarelo, indígena?

Interno 7: Preto.

Entrevistadora: Você tem quantos anos?

Interno 7: Eu tenho 31.

Entrevistadora: Você é casado, solteiro, divorciado?

Interno 7: Divorciado.

Entrevistadora: Divorciado, tipo no cartório ou separado apenas?

Interno 7: Separado no cartório. Divorciado.

Entrevistadora: Tem alguma religião?

Interno 7: Cristianismo.

Entrevistadora: Cristianismo católico ou protestante?

Interno 7: Protestante.

Entrevistadora: Tem filhos?

Interno 7: Sim.

Entrevistadora: Quantos?

Interno 7: Quatro filhas.

Entrevistadora: Quais as idades delas?

Interno 7: Tem uma que vai fazer 10 anos. A outra tem 7. A mais nova tem 5. E a outra tá na barriga da mãe.

Entrevistadora: É da mesma mãe todas elas?

Interno 7: Não.

Entrevistadora: Você tem quantas acusações?

Interno 7: Só tenho um processo.

Entrevistadora: Qual foi a acusação?

Interno 7: Estou sendo acusado de homicídio.

Entrevistadora: Você está aqui há quanto tempo?

Interno 7: Um ano.

Entrevistadora: Mas você não está condenado?

Interno 7: Não.

Entrevistadora: Você tem advogado?

Interno 7: Tenho.

Entrevistadora: Advogado particular?

Interno 7: Era particular, só que só para não fazer com o dinheiro da minha família, optei por um defensor.

Entrevistadora: E essa é sua primeira vez preso? Já foi internado em instituição para adolescentes?

Interno 7: Já. No ano de 2007 eu tinha dependências com química. Era dependente químico. passei alguns anos cheirando cocaína, fumando maconha... Aí a minha mãe tinha um problema dentro de casa... porque na época eu roubava muito... saía para roubar supermercados, lojas, essas coisas... então, através disso tudo, a minha mãe tomou uma iniciativa...

Entrevistadora: Aí você foi internado para... Cuidado com a dependência química. Você tem alguma profissão?

Interno 7: Eu sou encarregado de tubulação em caldeiraria.

Entrevistadora: E você estava empregado antes de ser preso?

Interno 7: Tinha feito exame para trabalhar em uma empresa, porque nem sempre eu morava aqui no Brasil. Eu morava em Porto Soares, na Bolívia.

Entrevistadora: Então, lá você trabalhava, e voltou para aqui, e estava no processo de conseguir um novo emprego?

Interno 7: Sim, eu ficava aqui no Brasil, em Porto de Galinhas, eu tinha residência em Porto de Galinhas, vendi, e ficava na Bolívia também.

Entrevistadora: Você tem alguma doença crônica, tipo hipertensão, tipo diabetes?

Interno 7: Tenho hipertensão e tenho crises convulsivas.

Entrevistadora: Alguma outra doença?

Interno 7: Que eu saiba não.

Entrevistadora: Agora sobre as visitas, quem vem te visitar?

Interno 7: Minha esposa, minha mãe e minha filha.

Entrevistadora: Só apenas uma das filhas?

Interno 7: Sim.

Entrevistadora: E tem quantos anos?

Interno 7: Fez dez anos.

Entrevistadora: Quanto dura mais ou menos o tempo de visita?

Interno 7: Dura... deixa eu ver... em torno de... De oito até três horas, mais ou menos da tarde, às quinze horas.

Entrevistadora: E você fica satisfeito com esse tempo?

Interno 7: Se eu me sinto satisfeito? Com esse tempo? Claro que não, né? Ninguém se sente satisfeito. Com uma visita semanal, totalizando um mês, quatro visitas. Poderia ser oito, né?

Entrevistadora: Você tem algum diagnóstico de transtorno mental?

Interno 7: Que eu saiba, não.

Entrevistadora: E você trabalha aqui? Exerce alguma função de trabalho?

Interno 7: Não.

Entrevistadora: Bom, essas são perguntas mais específicas para a gente conhecer um pouquinho você. O que você entende pelo termo saúde mental? Quando a gente fala sobre saúde mental, o que vem a sua cabeça?

Interno 7: Que eu devo cuidar por exemplo, da minha saúde, porque a pior doença é a mental né? Vem a depressão, que causa o choro, depois a tristeza e por último a

morte né. A pior coisa é a pessoa ficar deprimida. Eu passei parte da minha vida deprimido.

Entrevistadora: Foi? Quando foi isso?

Interno 7: No ano de 2010... até 2012.

Entrevistadora: O que é que houve nesse período que deixou você deprimido?

Interno 7: Meu primo morreu... mataram meu primo. Nós éramos como irmãos.

Entrevistadora: Entendi. Então... deixa eu só entender um pouquinho melhor da expressão saúde mental, porque você entende assim. O que você diria que é ter saúde mental?

Interno 7: Ter saúde mental... É o cara acordar com um bom dia especial, sabe? Num ambiente adequado. Ter as pessoas em volta, para mim, assim, é ter saúde mental. E pensar em coisas boas.

Entrevistadora: Entendi. Você considera que tem saúde mental boa hoje, hoje, no dia de hoje, nessa semana, por exemplo, você acha que tem saúde mental?

Interno 7: Posso ser sincero?

Entrevistadora: Claro, eu quero que você seja sincero o máximo que você puder.

Interno 7: Eu nunca tive uma boa saúde mental. Às vezes, quando eu vou dormir, eu acho que a minha mente, ela me assusta quando eu sonho. Porque eu penso em várias coisas ao mesmo tempo.

Entrevistadora: Você pode dar exemplo?

Interno 7: Das coisas ruins?

Entrevistadora: Sim. O que são coisas ruins?

Interno 7: Pessoas que me acusam sem provas. Pessoas que querem me ver aqui. Pessoas que viraram as costas para mim.

Entrevistadora: Sim. O que você pensa sobre essas pessoas?

Interno 7: É melhor ficar calado, porque se eu falar, você vai se espantar.

Entrevistadora: Não, não. Pode falar.

Interno 7: Me dá vontade de jogar uma bomba em um estabelecimento de um. Depois de ir atrás das pessoas que me acusaram sem prova... e... torturar... levar para uma mata, sabe? Passar semanas torturando elas.

Entrevistadora: Sim. Esses são os pensamentos que você tem?

Interno 7: É, diariamente.

Entrevistadora: Diariamente. Esses pensamentos vêm mais ou menos em que momento do dia?

Interno 7: Quando eu anseio estar com as minhas filhas e não estou. Porque eu tenho uma filha que é especial, sabe? A M.C., ela depende muito de mim. Então... eu... às vezes eu vejo, sabe, que o que as pessoas estão fazendo comigo é uma pura injustiça. Hoje eu tenho uma profissão, tenho filhos, estou sendo acusado de um homicídio ao qual eu não cometi. Justamente eu passei no lugar errado, na hora errada. E o cara estava morto. E a vítima estava no bar, me pediu uma cerveja, eu comprei a cerveja, dei ao cara ali. E o pai da vítima está dizendo que eu fui pegar a vítima dentro de casa e saí abraçado com um cara que eu nunca tinha visto antes na minha vida.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 7: Nunca vi o cara. Se eu vi o cara, eu quero que Deus tire as minhas filhas de mim, que é tudo o que eu mais amo. Eu nem conhecia o indivíduo. Então, através disso tudo eu já não tinha uma saúde mental boa e agora acabou de piorar.

Entrevistadora: Você disse isso por conta desses pensamentos, você não fica muito bem. Tem alguma outra coisa que você verifica que também te deixa assim?

Interno 7: Pensar na minha infância. A minha infância, perdoei pela expressão, foi totalmente f****a.

Entrevistadora: Pode falar.

Interno 7: O meu pai sempre agredia a minha mãe quando chegava de viagem, o meu pai tinha a mesma profissão que eu. Batia na minha mãe, eu corria pra debaixo da cama, ajudei a sair de luta corporal. Passei por muita necessidade. Eu como filho mais velho tive que largar o estudo cedo para manter a casa, sabe? Comecei a trabalhar em oficinas. Aí peguei feira, vendi cremosinho na época, picolé, essas coisas, só para manter a minha casa. Sempre fui um cara guerreiro e batalhador. Quando a minha irmã, ela era pequena, eu não aguentava ver os meus irmãos chorando, né? De fome e essas coisas, então eu comecei a roubar. Roubar e usar drogas. O café da manhã dos meus irmãos era café e farinha misturada. Então através disso tudo. Hoje praticamente sou um cara rico. Não só eu, como minha família, porque eu batalho pra dar o melhor pra elas.

Entrevistadora: Pensando no que você passava na infância e na vivência de hoje. É uma vida completamente diferente de quando você nasceu, é isso que você está querendo dizer?

Interno 7: Correto.

Entrevistadora: Certo. Eu percebi muita mágoa, né?

Interno 7: É aquele ódio que vem, sabe, por dentro. Então, a última vez que... Tive contato com o meu pai e ele disse que para ele... tanto faz... para mim... eu poderia

morrer aqui dentro. A expressão dele foi... “que ele se f**a”... é um cara que nunca me deu nada. Ele pensou que eu ia ligar para ele para pedir algo.

Entrevistadora: E esses pensamentos se acompanham no seu dia a dia aqui na prisão?

Interno 7: Eles acompanham, sabe, porque... Às vezes, nós pensamos que temos verdadeiros amigos dentro da nossa família em geral. Aquele “tamo junto”, “tamo aí”, né? Aí no final disso tudo, quem tá preso é que sabe o que tá passando.

Entrevistadora: E o que que você acha que interfere mais na sua saúde mental aqui dentro? Nessa unidade. Você falou que nunca foi preso antes, né?

Interno 7: Nunca.

Entrevistadora: Mas você já passou por outras unidades aqui no complexo?

Interno 7: Tava no prédio principal, fui espancado. Saí de lá por isso.

Entrevistadora: Mas... você já esteve em outra unidade? Tipo, o PLB?

Interno 7: Nunca.

Entrevistadora: Tem alguma coisa aqui, que você acha, nesse tipo de ambiente, tanto no prédio principal, quanto no anexo, que interfere na sua saúde mental?

Interno 7: Interfere, sabe, porque a minha mente não é realmente criminosa, assim, então é obrigado nós pensarmos como criminosos, só que... interferem muito as conversações, sabe? Eu não vejo aquele papo de progresso, não vejo aquela conversa diária, sabe? Sobre um trabalho aqui e ali, assim e tal. Então, o que eu vejo é as pessoas falando que vai dar bom, que vai matar fulano, vai fazer acontecer. Então, aquilo tudo fica na mente do cara. O cara se torna ruim.

Entrevistadora: Então, o convívio aqui, as conversas, giram sempre em torno desse tipo de conversa?

Interno 7: Com certeza.

Entrevistadora: E isso te deixa como?

Interno 7: Irado.

Entrevistadora: Como é irado?

Interno 7: Vontade de acabar com tudo. Se a cadeia não tivesse ideia, eu saia matando um por um. Aí eu tiraria uma cadeia boa. Já me deu vontade de mandar jogar bomba, matar todo mundo. Já me deu vontade de botar fogo no anexo. Já me deu vontade de fazer um monte de coisas. Só não faço isso porque eu tenho filha e minhas filhas depende de mim. Se não, não estava nem aí. Eu tenho sangue no olho, sei lá, sou um cara que... muito cruel. Eu faria acontecer.

Entrevistadora: Mas você acha o que disso... qual o resultado disso?

Interno 7: Amenizava mais a dor que sinto por dentro.

Entrevistadora: Como foi essa experiência que você foi espancado aqui? Por que você foi espancado aqui?

Interno 7: Devido ao bairro. Minha mãe mora em um bairro em Candeias chamado Sarandy. Quando eu cheguei, eu falei que eu não tinha envolvimento com o crime, mesmo assim, passei uns dias, aí tiraram uma foto minha e chegou, eu acho que, como ele disse, que chegou a ideia, aí eu tomei, tomei um bocado de pau, me deram muito soco. Então, através disso tudo, criou aquela revolta, aquela raiva, sabe? Eu acho que se eu ficasse preso na cela com o cara do outro lado, eu acho que eu matava durante a noite.

Entrevistadora: E como é lá no pátio anexo?

Interno 7: Lá é tranquilo, organização e limpeza. É o que importa. E as pessoas sabem respeitar o espaço do outro, mas em termos de conversa. Só que eu já tenho um grupo ao qual nós temos aquele diálogo, uma conversa mais saudável então isso me deixa bem.

Entrevistadora: Entendi, então as conversas lá também te incomodam, é isso?

Interno 7: Através de algumas pessoas a conversa me incomoda. Filho que não honra pai e mãe, pessoas que não estão nem aí para a vida, que saem, que voltam, que não têm uma perspectiva de vida. Então isso me deixa com raiva, irado. Pessoas que querem extorquir mãe e pai, que acham que é obrigação trazer isso, que estão ali porque culpam seus pais. Então isso me deixa com raiva.

Entrevistadora: E quais são os fatores que você acha que ajudam na sua saúde mental?

Interno 7: Eu tenho muitas amizades boas, inclusive eu sou do tipo do cara que eu sou religioso, sabe? Então, quando a minha alma se sente afligida, eu vou na crença, oro com os irmãos, leio, eu sou fã de Augusto Cury, eu já li muitos livros de Augusto Cury. Tinha muitos livros, O mestre da vida, se não me engano, Nunca desiste dos seus sonhos, muitos livros dele.

Entrevistadora: E aqui você consegue ler?

Interno 7: Consigo, a doutora aí também consegue livros. Segredos e Mistérios da Alma, Edir Macedo. Já li diversas vezes.

Entrevistadora: Você pede ou ela traz?

Interno 7: Geralmente eu peço, né? Aí eu acho que ela compra e traz, né? Porque... É porque, não sei, ela deve gostar de mim como um filho, né? E eu também gosto dela, eu considero ela.

Entrevistadora: Que bom. Em relação a isso de você ficar irado, chateado, esse sentimento que de vez em quando você tem e que te deixa mal, já buscou ajuda em relação a isso aqui, para cuidar disso?

Interno 7: Estou tentando as minhas terapias com o Dr. Rita, mas não é fácil. Nada é fácil de sumir da noite pro dia.

Entrevistadora: E você busca ajuda com o Rita, por exemplo, para mais o que?

Interno 7: A minha ajuda que eu busco com a Dr. Rita é que eu venha sair daqui mudado. Os pensamentos totalmente mudados, sabe? Porque... há um ano atrás, quando eu caí aqui, eu pensei... meu Deus, eu acho que eu não sei se eu vou aguentar o impacto... porque eu nunca fui preso... eu pensei... Deus, eu já aprontei tanto na minha vida... e isso que estão fazendo comigo é uma injustiça. Então eu vi que eu estava me aprofundando... as coisas que eu estava pensando não estavam me ajudando. Então foi daí que eu decidi ter um acompanhamento com o psicólogo novamente.

Entrevistadora: Sim. E aí, você tem gostado?

Interno 7: Sim, ela é uma ótima psicóloga, e eu creio que se colocassem outra no lugar dela, se fosse chata, eu não viria mais aqui.

Entrevistadora: Massa. O senhor foi... Como foi a ajuda oferecida? O que foi ofertado para você? Quando você pediu ajuda?

Interno 7: Foi porque, tipo assim, eu... implantaram na minha mente... ele dizia que com 90 dias eu iria sair daqui e tal, sabe como é, né? Então, eu vi que eu tava só piorando, né? Pensando naquilo direto e tal, vou sair daqui e isso, aquilo ou outra, minha vida vai ser diferente. Aí foi daí que eu caí na real, sabia que eu não iria sair daqui tão cedo, então que eu tinha que ter um acompanhamento com o psicólogo para parar de pensar nas m**das que eu queria fazer lá fora.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 7: Já assistiu aquele filme Código de Conduta?

Entrevistadora: Eu acho que não.

Interno 7: O rapaz era casado. Ele perde a mãe, perdão, a esposa e a filha dele. O sistema vai... e solta um dos acusados porque foram dois acusados, um invadiu a casa dele matou a esposa e abusou da filhinha e matou também, tá entendendo? então o sistema vai e solta o que matou. Assista. Já assistiu A Mente Brilhante?

Entrevistadora: Já.

Interno 7: Então, gosto desse filme. Inclusive, eu tive até, na época que eu tava fazendo faculdade, teve até um trabalho sobre esse filme. A Mente Brilhante. Uma Mente Brilhante.

Entrevistadora: Você fez faculdade de quê?

Interno 7: Bacharel em Teologia.

Entrevistadora: Você chegou a concluir?

Interno 7: Não, veio a COVID.

Entrevistadora: Ah, foi recente. E por conta da COVID parou? Como é que foi isso?

Interno 7: Não, porque, tipo assim, né? Eu sempre tive aquela fé em Deus, né? Então eu queria conhecer mais de Deus. Foi quando o meu avô, que é pastor, ele me orientou a fazer Teologia, rapaz. Então foi daí que eu fui descobrindo as coisas da vida, descobri que Deus ele é tão maravilhoso, ao qual me encantou decidir fazer o meu caminho.

Entrevistadora: Entendi. Voltando para questão de quando você pediu ajuda, a primeira pessoa que você pediu foi para a Rita? Como é que você chegou até a Rita? Qual foi o caminho que você fez para conseguir isso?

Interno 7: Se eu não me engano, eu fui em um simples atendimento, e me encaminharam para ela. Eu acho que eu coloquei o nome na triagem, quando desce para cá para as unidades. Aí o que aconteceu foi que perguntaram se eu aceitaria a assistente social. Eu optei.

Entrevistadora: De lá pra cá, você já veio já indicado, vamos dizer assim?

Interno 7: É, eu passei 15 dias no COPE, em uma celinha pequena, sem ver a luz do dia, sem nada. Então através daquilo a li a mente do cara fica meio... de vez em quando eu surto, cara.

Entrevistadora: E como é? Quando você surta.

Interno 7: Rapaz... Se eu pudesse esmurrar um cara... Quer ver uma coisa? No dia que eu surtei, foi com o Armando o agente. Foi num dia de visita e tal, tinha três meses que eu não via minha mulher, porque ela mora em Aracaju, ai o que acontece, eu tinha um exame pra fazer e ele queria porque queria me tirar do prédio a força, foi justamente numa quarta-feira, ele veio me falando com ignorância e ele viu que eu não sou um cara otário... Dentro de mim as vezes surge uma fúria, aquele ódio. As vezes eu tento me controlar, Dr. Rita mesmo, já viu algumas ignorâncias minhas que eu já fiz com os agentes

Entrevistadora: E você não tem medo de uma represália dos agentes?

Interno 7: Se ele me bater, claro né, eu algemado, eu vou pra cima, mas não assim. Se eu puder, eu arranco um pedaço do rosto dele com a mordida.

Entrevistadora: Mas você já teve algum episódio desse na rua?

Interno 7: Já, várias vezes.

Entrevistadora: E o que acontecia?

Interno 7: Nada, eu me controlava na rua, né? Porque ali sempre eu estava com a mente ocupada, né?

Entrevistadora: Você nunca chegou a perder o controle na rua?

Interno 7: Nunca, nunca perdi o controle, eu nunca fui de briga.

Entrevistadora: E qual a diferença entre aqui e lá?

Interno 7: Aqui é muita opressão.

Entrevistadora: Quando você estava internado na clínica de reabilitação, como era?

Interno 7: Ótimo! Tinha em torno de uns quarenta internos, todo mundo respeitava o espaço de todo mundo, então pra mim foi uma das melhores experiências que eu tive né.

Entrevistadora: Depois disso você parou de usar drogas?

Interno 7: Parei... Na verdade eu tive aquela recaída né, só que ninguém sabia né, eu fumava maconha e nem voltava pra casa logo, aí na verdade eu vim parar de usar droga em 2020.

Entrevistadora: E aqui dentro?

Interno 7: Aqui dentro tem muita droga né, mas eu não uso.

Entrevistadora: Para chegar até Rita, que é a psicóloga que cuida da sua saúde mental, você já veio direto porque no COPE você aceitou. Mas você chegou a pedir ajuda de psiquiatra aqui, por exemplo?

Interno 7: Não.

Entrevistadora: Você nunca teve uma consulta com um psiquiatra? Aqui.

Interno 7: Sim. Ele mudou os meus medicamentos.

Entrevistadora: O senhor usava quais remédios?

Interno 7: Carbamazepina, e tem outro, eu esqueci. Depakene, né?

Entrevistadora: Mas você sabe porque usa esses remédios?

Interno 7: Pô, até então não.

Entrevistadora: O psiquiatra não te explicou?

Interno 7: O cara fala tão rápido, velho, que não dá pra entender, às vezes, o que é que ele tá falando.

Entrevistadora: Como é que foi? Como é que você chamou ele?

Interno 7: Eu passei uma vez, foi no início do ano e outra vez foi em uma pesquisa que teve, ai eles me chamaram.

Entrevistadora: Mas ali era pesquisa mesmo ou era atendimento?

Interno 7: Pesquisa, né.

Entrevistadora: Com isso aqui tudo?

Interno 7: Não.

Entrevistadora: Devia ser atendimento de alunos. É diferente. Aqui é pesquisa mesmo. Lá deve ser, tipo, uma consulta com estudantes de medicina. Então o

senhor teve dois contatos com médicos psiquiatras. Esses remédios que você tomava lá fora, já veio tomando, ou como é que você tomava?

Interno 7: Carbamazepina eu tomava lá fora, né? Porque eu tenho problema de compulsão e descobri isso com o tempo, né? Tinha aquelas crises convulsivas, eu caía, mijava na roupa, aquele bagulho feio mesmo, aí devido a isso daí, eu descobri isso uma vez, eu tomando uma cerveja na porta da casa de uma amiga minha, né? Eu apaguei, quando eu acordei, já no hospital.

Entrevistadora: Isso foi a quantos anos? Mais ou menos.

Interno 7: Puxa, se eu não me engano foi em 2012. Foi em 2012 mais de vinte anos. Uma onda de vinte anos por aí assim.

Entrevistadora: Já era adulto, né? A primeira vez que o teve. E os outros remédios?

Interno 7: Os outros eu sempre tomei, que era o Diazepam.

Entrevistadora: Mas quem passava o Diazepam com você?

Interno 7: O meu psicólogo. Sempre me orientava.

Entrevistadora: O seu psicólogo ou o psiquiatra?

Interno 7: Sim, perdão, foi o psiquiatra.

Entrevistadora: E você era atendido aonde antes?

Interno 7: Numa clínica em Porto de Galinhas mesmo.

Entrevistadora: Para o que? Qual era o motivo, epilepsia?

Interno 7: Era e algumas coisas também. Quando eu queria desabafar.

Entrevistadora: Que tipo de desabafo?

Interno 7: Contar um pouco da minha vida pra ele.

Entrevistadora: Mas a necessidade de desabafar era porque estava sentindo triste, ansioso, ou o que é que aconteceu?

Interno 7: Triste e ansiedade. Foi a minha primeira casa, quando eu fui construir, a empresa tinha me mandado embora, aí o cara entra naquilo, pô, como é que eu vou pagar o pedreiro, isso, aquilo, o outro e tal. Aí tive que vender um carro que eu tinha. Aí vendi. Aí a outra empresa foi me ligou. Aí eu comecei né, tinha as minhas sessões, tudo certo.

Entrevistadora: Certo. Então aqui você teve duas vezes com psiquiatra, mantiveram os seus remédios, você tomava. Você se sente bem com esses remédios? Você usa certinho ou como é que você faz isso?

Interno 7: Eu vou ser sincero ao senhor, eu tomo só o meu remédio de pressão, os outros eu joga tudo fora, não tô nem aí pra nada.

Entrevistadora: Você joga fora ou você dá pra alguém?

Interno 7: Jogo no lixo.

Entrevistadora: Você não dá para ninguém?

Interno 7: Não pode, né?

Entrevistadora: Não pode outras coisas, né? Mas aí você prefere não dar o remédio a ele, você prefere jogar fora.

Interno 7: Doutor, como é que eu vou dar o remédio a uma pessoa que a pessoa não é nem acompanhada, se ela não passar mal, morrer lá dentro?

Entrevistadora: Então você tem essa preocupação.

Interno 7: É, o atendimento aqui é uma porcaria, quando o interno passa mal, você tem que comprar chapão, dar pesada no chapão. O cara passa mal e morre na cela e tal, se eu der o medicamento desse meu, o cara passa mal e morre, o culpado vai ser quem? Eu mesmo, correto? Então, eu opto por não.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 7: É mais fácil dar um remédio de dor a ele. Aqui tem uma Anador, toma.

Entrevistadora: É... Então, você joga fora, não usa os remédios né?

Interno 7: Não, eu joga tudo fora.

Entrevistadora: Algum outro profissional te ajudou nessas questões de saúde mental?

Interno 7: Aqui dentro não.

Entrevistadora: Você teve contato com algum outro profissional que te ajudou de alguma maneira nessas suas questões de saúde mental?

Interno 7: Não.

Entrevistadora: Você comentou de outros internos, né? Que podem passar mal, e tal. Você já percebeu alguém aqui, algum interno, algum outro interno, que tenha alguma questão de saúde mental também?

Interno 7: Poxa, ali no anexo tem um monte de doido.

Entrevistadora: Como assim?

Interno 7: Tem um monte de cara pirado que não tem atendimento. Que não fala coisa com coisa, que necessita mesmo de um psicólogo.

Entrevistadora: Você já tentou ajudá-los?

Interno 7: Já.

Entrevistadora: Como?

Interno 7: Eu chego aqui, dou o nome à doutora Rita, a doutora Rita manda os agentes irem lá chamar, eles nunca chamam, velho. Esses caras é perturbador, velho.

Entrevistadora: Esses mesmos internos você nunca viu ser atendido?

Interno 7: Sim, nunca vi ser atendido.

Entrevistadora: O que é que você está chamando de doido? Eles fazem o que? Qual são as coisas que você observa? O que eles fazem que você percebe que eles precisariam de um atendimento psicológico ou psiquiátrico?

Interno 7: O senhor percebe que o cara já é doido e já.

Entrevistadora: Como?

Interno 7: O cara vai cagar nas calças e vai dormir?

Entrevistadora: Isso acontece?

Interno 7: Acontece. O cara vai deitar debaixo de um sol desse, quente, numa quadra, pegando fogo. Não vale. O cara tem um problema mesmo.

Entrevistadora: Uma coisa mais... grave...você percebe coisas mais moderadas, tipo alguém que tem ansiedade, insônia... você percebe também?

Interno 7: Um companheiro meu de cela. Tem uma ansiedade terrível, ele fica “ eu vou sair hoje ou amanhã...” cara aquilo já tá consumindo a mente do cara. Que eu não aguento mais ouvir a voz do companheiro falando que vai embora amanhã, vai embora tal dia, então eu vi isso tudo eu acho que a ansiedade dele tá me deixando doente, sabe? Eu tô pedindo a Deus que a liberdade dele chegue logo pra ele ir embora pra eu não ouvir mais a voz dele.

Entrevistadora: Ele tem quanto tempo aqui?

Interno 7: Um ano e seis meses.

Entrevistadora: Tem bastante tempo já também.

Interno 7: Que nada. Tem um amigo meu de lá da minha cidade, foi embora no dia desse, tirou sete anos aqui.

Entrevistadora: Sem ser condenado?

Interno 7: Ele foi sentenciado.

Entrevistadora: Mas ficou aqui?

Interno 7: Há nove anos. Não, perdão, há dezenove anos. Só que ele teve que tirar nove na cadeia desse.

Entrevistadora: Ficou aqui, mas ele estava condenado.

Interno 7: Sim, tirou sete.

Entrevistadora: É diferente de você que está realmente como provisório ainda, né? E o seu... esse companheiro de cela também está sentenciado?

Interno 7: É, sentenciado.

Entrevistadora: Você recebe visitas, não é o que você falou? Eu tenho certeza que é muito importante, mas eu queria ouvir você falando sobre a importância de receber visitas para a sua saúde mental.

Interno 7: A importância de receber visitas, principalmente nas quartas-feiras, é porque eu posso ter um diálogo bom com a minha mãe, eu me sinto alegre, sabe, ao ponto de das pessoas me verem sorrindo. Nem sempre eu estou sorrindo. Então, aquilo tudo ali traz para mim aquela esperança, sabe, que um dia eu vou chegar lá fora, vou dar um abraço bem apertado da minha mãe, vou ver as minhas filhas, vou poder pegar elas para sair em uma praia, no shopping, fazer as coisas que eu gostaria de fazer, de costume. Então, a minha mente fica tranquila quando é dia de visita.

Entrevistadora: E no final da visita como é que fica?

Interno 7: Vendo esse desespero.

Entrevistadora: Como é esse desespero?

Interno 7: Pô, tá vendo a visita ir embora e o cara lá tá ligado? É f**a. Muito ruim.

Entrevistadora: E sempre vem as três? Como funciona?

Interno 7: Uma quarta-feira é da minha mãe e da minha filha, que é no final do mês, e as outras é da minha esposa... da minha namorada.

Entrevistadora: Você conheceu ela aqui? Conheceu ela de fora?

Interno 7: A gente se conhecia já. A gente se conhecia.

Entrevistadora: Entendi. Como que você... você só foi preso aqui, mas assim... Como você avalia o fato de estar preso em uma unidade provisória? Como que isso pode estar impactando a sua saúde mental? Você entende a minha pergunta?

Interno 7: Entendo, sim. Pra mim é tipo assim né, traz aquele... aquele desespero, ao mesmo tempo, não. Sabe por quê? Porque eu estou provisório e a qualquer momento eu posso ir para a rua. E o que ocorre, o que traz aquela saúde mental, é de um algo que você não cometeu. Aí, eu fico p*** da vida. É tipo assim, essa caixa com luvas está aqui. Eu presenciei essa caixa aqui. O senhor tinha que retirá-la do lugar. Mas... eu posso acusar o senhor de ter pegado a caixa... porque o senhor foi a única pessoa... que esteve aqui retirando a caixa. Entendeu? Então... aquilo que eu não faço... e as pessoas querem mesmo que eu pague, eu fico bolado mesmo... com muita raiva mesmo. Imagina aí... o senhor, um simples trabalhador, se preso por algo que o senhor não cometeu né? É de deixar a pessoa irada.

Entrevistadora: Essa coisa da... de não ter sido você me parece que é o que mais... te mobiliza. Mas... você lembra quando você chegou aqui?

Interno 7: Lembro.

Entrevistadora: Como é que foi? Os seus primeiros meses?

Interno 7: Para me adaptar foi difícil.

Entrevistadora: Como foi? Conte para a gente.

Interno 7: Só que eu tive que esquecer a rua né, por um período. Porque todos os dias vem aquela lembrança que eu vou sair e isso e aquilo outro. Mas... passei 90 dias, nada. Daí eu fiquei na real, tentei me adaptar. Falei, ó, vou fazer aqui em estilo rua, pronto.

Entrevistadora: Como é isso?

Interno 7: Comecei a minha mãe... aí eu pedi a minha mãe para comprar as roupas que eu gostei de vestir. Eu gosto muito de vestir cavaleira, né? a camisa da cavaleira, uma sandália havaiana, bonitinha e tal cortador de unhas, essas coisas, se não entra perfume, creme, bastante creme pra pele produtos de limpeza, que é o

essencial e uma boa quantidade de lençol porque sempre eu gosto de ficar forrando o meu colchão, sempre ficar forrando a minha cama então eu tive que me adaptar.

Entrevistadora: Você acha que essas coisas te ajudam em o que?

Interno 7: Me ajudam um pouco, sabe? Porque pelo menos é uma distração. É uma distração, tem como a pessoa se distrair.

Entrevistadora: Além dessas coisas que você contou, o que você acha que faz bem para sua saúde mental aqui dentro?

Interno 7: O que faz bem? Vou ser bastante sincero.

Entrevistadora: O que faz mal, o que faz bem?

Interno 7: A pessoa adquire um conhecimento, sabe? Uma experiência. Então... eu agarrei e abracei essa oportunidade... de ver as pessoas errando... e não cometer os mesmos erros que elas. Então isso para mim é uma grande experiência... e um aprendizado e tanto, porque eu achava que na rua eu tinha aquela malandragem, sabe, de trair a esposa e tal, disso e aquilo outro. Então, quando eu caí em si, eu vi que verdadeiramente não vale a pena fazer essas coisas, porque as pessoas que nos querem bem estão verdadeiramente lutando do nosso lado, então isso para mim é um grande aprendizado, e isso em questão faz bem.

Entrevistadora: E o que faria mais mal?

Interno 7: Injustiça. Injustiça. As pessoas querem menosprezar o próximo. Porque tem muito maloqueiro aí dentro que precisa de um apoio, né? Então, as vezes eu compro feira aí dentro aí pra galera. Pra pessoa que não tem isso e aquilo outro. Fala, olha, eu troco por droga e tal, dou um biscoito, dou um pouquinho de leite, farinha láctea, né? Se possível for, eu dou uma camisa, inclusive eu só visto cavaleira. Eu acabei de dar uma camisa antes de vir pra cá. para essa entrevista. Era um rapaz, era um camisa minha da cavalheira, porque ele estava sem camisa. Está entendendo? Então, quando eu vejo que as pessoas necessitam, eu ajudo.

Agora, quando eu vejo que tem algumas pessoas que querem desfazer desse grupo de pessoas, aí o cara bate de frente comigo. Pode ser ele quem for. Pode ser ele... como é que se diz? Frente de cadeia, eu não estou nem aí. O último frente de cadeia, eu bati de frente, ele falou que ia me quebrar no pau. Eu não estava nem aí, eu virei as costas para o cara. O desapoio dele ficou todo doido, bolado. Eu não estou nem aí.

Entrevistadora: Você não tem receio?

Interno 7: Não. Aquele que me guarda é maior. Doutor, eu... Eu posso ter uma longa carreira, né? Uma curta carreira, perdão, profissional. Eu tenho três assinaturas na carteira. Comecei a trabalhar no ano de 2012 numa empresa aqui em Salvador. Então, daí, decidi melhorar, com a melhoria de vida. Falei, ó, vou fazer um curso aqui e tal. Fiz esse curso de traçado. Sou encanador caldeireiro hoje. Então, o que ocorre? É... através disso tudo, eu tenho amigos que é envolvido, muito amigos. Então... para alguém, tipo assim, chegar, me dar um beliscão, primeiramente vai ter que chegar naqueles amigos que eu tenho lá fora. Está entendendo? E o cara não vai consentir isso.

Entrevistadora: Entendi.

Interno 7: Primeiro, porque eu não ando em falha. Segundo, eu não dou o que falar. Nem da minha cela eu saio. Gosto de ler bíblia e livros.

Entrevistadora: O que mais você acha que melhora a sua saúde aqui na unidade?

Interno 7: O que eu acho que ajudar?

Entrevistadora: É, além da psicóloga.

Interno 7: Atividades ocupacionais.

Entrevistadora: Tipo o que?

Interno 7: Tipo uma terapia de rotina. Quando eu acordo pela manhã, eu pego uma vassoura e uma pá e saio pelo prédio, varrendo. E isso pra mim tá ótimo, já falei, já comuniquei com os faxineiros. Então está trazendo vida para mim. A minha mente está tranquila. Eu não consigo parar e pensar só em maldade. Ah, vou fazer isso com fulano, vou fazer isso com... Essas coisas, praticamente, já saíram da minha mente. Entendeu? Já saíram da minha mente, devido a alguns dias para cá. Então, eu só me sinto, eu só fico doente, mental, quando as pessoas tocam no assunto, falam “óh, fulano de tal, opaí, como é a injustiça, isso que estão fazendo em você e tal”. Aí vem aquele ódio, aquela raiva, então pra mim, porque eu prefiro esquecer, vou dar tempo ao tempo, que tudo com o tempo se resolve, mas praticamente a minha mente pensou uma coisa, porque nós não temos aquele poder de frear aquilo que nós pensamos, mas as nossas atitudes, nós temos aquele domínio.

Entrevistadora: O único diagnóstico que você tem é da epilepsia, é isso?

Interno 7: É, e Hipertensão

Entrevistadora: Em termos de saúde mental, você tem ansiedade, depressão ou não?

Interno 7: Não, hoje mais não, ansiedade eu tenho.

Entrevistadora: Ansiedade você tem, né? É. O que você faz para lidar com a ansiedade? Nesse ambiente que estamos aqui. Nessa prisão.

Interno 7: Então, eu tomo dois Diazepam e apago, só acordo no outro dia. Trancou, já foi.

Entrevistadora: Então, você falou que descarta os remédios, mas os de dormir você deixa. É isso que você está dizendo? Então você usa o remédio para dormir. Isso significa que você também tem problema pra dormir? Tem insônia?

Interno 7: Tem né? Porque a cadeia é turbulenta, né? Ao mesmo tempo que o cara tá dormindo, ao mesmo tempo o agente entra de madrugada e tira todo mundo da cela para fazer o procedimento, e isso, e aquilo outro. É o sono do cara, né?

Entrevistadora: Mas tirando isso, você dorme bem?

Interno 7: Consigo dormir bem hoje, a cela que eu estou é tranquila. Não conseguia antigamente por causa dos agentes, né? Aí saía todo, toda, toda semana eu estava lá. Pô, parecia até que era... Inclusive o cara falou pra mim "ó, achei um celular na sua cela. O celular é seu, né?" Como se eu não tenho 40, 50 mil pra comprar nenhum celular dentro da cadeia, entendeu?

Entrevistadora: Na verdade, eu só fiquei com uma dúvida. Você falou dos remédios. Você falou que não toma. Mas quais seriam esses remédios que você supostamente teria que tomar? Você falou da...

Interno 7: Os que eu uso diariamente é a Losartana, que eu tenho desde lá. E tomo também Diazepam. Agora esse Depakene eu não uso não.

Entrevistadora: Certo. E você gostaria de falar uma coisa que eu não perguntei, mas que você acha importante para o tema que a gente discutiu aqui?

Interno 7: Vou falar.

Entrevistadora: Fale.

Interno 7: A comida do anexo é uma m*rda.

Entrevistadora: É, eu não perguntei sobre a comida. A comida é muito ruim?

Interno 7: Uhum. Quarta-feira agora eu tive uma visita especial, sabe?

Entrevistadora: Pode me explicar melhor?

Interno 7: Veio a minha mãe e a minha filha. Então a minha mãe trouxe aquela porção de comida, assim... Poxa, que coisa... Pô, velho... Os meus amigos mesmo viram a minha filha e falaram... Pô, sua filha é uma moça, minha filha tem nove anos de idade, enorme. Poxa, velho... Que saudade da minha filha... Eu dormia com as três. A mãe delas tem aquela convivência, vai na casa da minha mãe e mora aqui em Salvador. Aí levava as meninas pra lá. Aí falava com ela “vou dormir aqui com as meninas aqui, vê se não bate na porta do quarto”. Ficava com as meninas brincando e depois ia dormir. Senti saudade disso.



Entrevistadora: Imagino. Você precisa cuidar da sua filha, mas as outras não, né?

Interno 7: Porque são pequenas. Uma delas é autista, sabe? Então, se ela chegar em um ambiente como esse, eu não sei como é que ela vai lidar com a situação. Já a outra, ela pode vir, né? Mas... Tá com a mãe, fazer o quê?

Entrevistadora: Ok, obrigada, viu? Acho que é só isso mesmo. Agradeço a sua disponibilidade.

ANEXO A

Parecer Consubstanciado do CEP

	ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA - FBDC	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERCEPÇÃO SOBRE A DEMANDA DE SAÚDE MENTAL DE HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE EM UMA UNIDADE PRISIONAL DO ESTADO DA BAHIA

Pesquisador: IGOR CARLOS CUNHA MOTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68199523.4.0000.5544

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO BAHIANA PARA DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

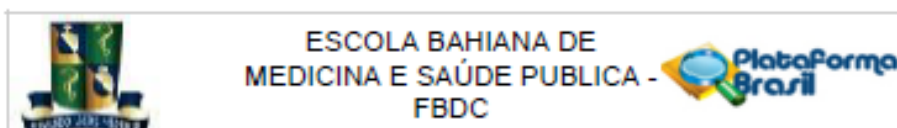
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.112.683

Apresentação do Projeto:

O avanço nas leis brasileiras em defesa dos direitos à saúde da população é notório, contudo, o ambiente prisional ainda é marcado por diversas violações de direitos contra aqueles que estão em situação de privação de liberdade. Entre muitos efeitos de tais violações está a grave condição da saúde dos detentos brasileiros, em especial, a saúde mental. Denuncia-se situações de violências e negligências, o uso problemático de substâncias psicoativas, transtornos mentais e sofrimento psíquico, abandono familiar, por exemplo. Trata-se de pesquisa de desenho qualitativo e de recorte transversal. O objetivo desta pesquisa é compreender como homens em situação de privação de liberdade percebem as demandas e o cuidado à saúde mental em Instituição penal. Para tanto serão realizadas aplicação de questionário sociodemográfico e entrevistas semiestruturadas.

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274 Bairro: BROTAS UF: BA Município: SALVADOR	CEP: 40.285-001 E-mail: cep@bahiana.edu.br
Telefone: (71)2101-1921	



Continuação do Pensar: 6.112.003

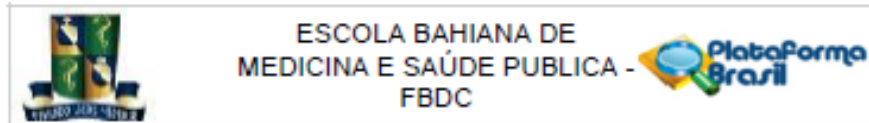
Participarão da pesquisa 18 homens em situação de prisão em regimes diferentes (provisório, fechado, semiaberto). A análise dos dados será realizada a partir da análise temática de conteúdo.

O estudo será realizado em três unidades prisionais, situadas em Salvador, que funcionam em regime distintos. Ocorrerá no presídio salvador de endereço Rua Direta da Mata Escura, S/Nº -Complexo Penitenciário, Salvador-BA, CEP: 41.225-000 e na colônia penal Lafayette Coutinho de endereço Rua Direta de Castelo Branco, 3ª etapa, S/Nº - Castelo Branco, Salvador – BA, CEP: 41.320-10. A unidade presídio Salvador destina-se à custódia de presos provisórios da Comarca da Capital e, em caráter excepcional, das Comarcas do Interior do Estado, desde que autorizada pela Corregedoria Geral de Justiça. Atualmente, de acordo com último mapa da população carcerária (14/02/2023), a unidade conta com 746 custodiados, tendo capacidade para 784. A unidade colônia penal Lafayette Coutinho destina-se ao recolhimento de presos condenados em regime semiaberto das comarcas relacionadas no Provimento da Corregedoria Geral de Justiça nº03/2016. Atualmente, de acordo com o último mapa da população carcerária (14/02/2023), a colônia conta com 238 condenados em regime semiaberto e 9 condenados em saída temporária, totalizando 247 pessoas, sendo que a capacidade real da unidade é de 284 pessoas. A unidade Penitenciária Lemos Brito destina-se ao recolhimento de presos condenados ao regime fechado das Comarcas relacionadas no Provimento da Corregedoria Geral de Justiça nº 03/2016. Rua Direta da Mata Escura, S/Nº - Complexo Penitenciário, Salvador-BA, CEP: 41.225-000. Atualmente, de acordo com último mapa da população carcerária (14/02/2023), a unidade conta com 853 custodiados, tendo capacidade para 771 pessoas, correspondendo ao excedente de 82 pessoas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274
 Bairro: BROTAS CEP: 40.285-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)2101-1921 E-mail: ccp@bahiana.edu.br



Continuação do Projeto: 6.112.603

Compreender como homens em situação de privação de liberdade percebem as demandas e o cuidado à saúde mental em instituição penal.

Objetivo Secundário:

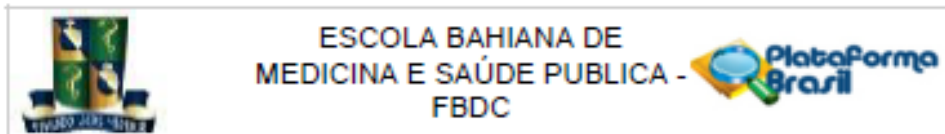
- a – Identificar as demandas de saúde mental de homens custodiados em uma instituição penal de modalidade semiaberta no estado da Bahia.
- b – Descrever o cuidado em saúde mental ofertado para homens custodiados em uma instituição penal de modalidade semiaberta no estado da Bahia.
- c – Compreender as estratégias para lidar com as demandas de saúde mental utilizadas por homens custodiados em uma instituição penal de modalidade semiaberta no estado da Bahia.
- d – Identificar as demandas de saúde mental de homens custodiados em uma instituição penal de modalidade fechada no estado da Bahia.
- e – Descrever o cuidado em saúde mental ofertado para homens custodiados em uma instituição penal de modalidade fechada no estado da Bahia.
- f – Compreender as estratégias para lidar com as demandas de saúde mental utilizadas por homens custodiados em uma instituição penal de modalidade fechada no estado da Bahia.
- g – Identificar as demandas de saúde mental de homens custodiados em uma instituição penal de modalidade provisória no estado da Bahia.
- h – Descrever o cuidado em saúde mental ofertado para homens custodiados em uma instituição penal de modalidade provisória no estado da Bahia.
- i – Compreender as estratégias para lidar com as demandas de saúde mental utilizadas por homens custodiados em uma instituição penal de modalidade provisória no estado da Bahia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Existem riscos mínimos para os participantes, tais como mobilização emocional e

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274	CEP: 40.285-001
Bairro: BROTAS	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)2101-1921	E-mail: csp@bahiana.edu.br



Continuação do Pensar: 6.112.003

constrangimentos devido às perguntas íntimas.

Benefícios:

Não existe um benefício direto em participar da pesquisa, todavia ela é importante para identificar como a sua saúde mental pode ser afetada pelo ambiente prisional, assim como são ofertados os cuidados pertinentes à saúde mental.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

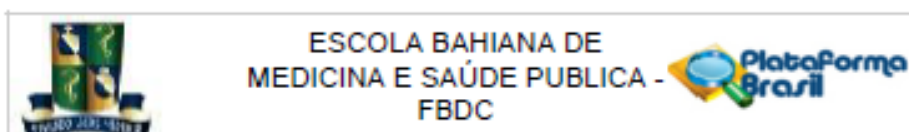
Estudo qualitativo, exploratório, transversal e primário.

PERÍODO DO ESTUDO: O período para a coleta de dados até a finalização do estudo com o envio do relatório final ao CEP será de abril de 2023 até novembro de 2023.

AMOSTRA DO ESTUDO: A amostra do estudo será constituída por homens em situação de privação liberdade custodiados em unidade prisional. Pelas características do desenho do estudo, a quantidade ideal para essa pesquisa está, atualmente, em torno de 6 participantes por unidade penal, totalizando 18 participantes.

PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS: A captação dos participantes será realizada por meio da técnica bola de neve. Para iniciar o contato com os participantes, será buscado o auxílio de profissionais de saúde atuantes na unidade onde será realizada o estudo com o objetivo de identificá-los. Será solicitado de um profissional de saúde a indicação de um interno para participar voluntariamente da pesquisa e em seguida cada participante será solicitado a indicar um novo participante até chegar ao quantitativo previsto por unidade prisional. A coleta de dados será feita por meio de questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada (ambos em apêndice) que serão aplicados de maneira individual e presencial na instituição penal. O questionário sociodemográfico também contará com a coleta de dados significativos para

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274	CEP: 40.285-001
Bairro: BROTAS	
UF: BA Município: SALVADOR	
Telefone: (71)2101-1921	E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Parecer: 6.112.603

a

percepção da saúde mental. Já a entrevista semiestruturada será composta por tópicos que incidem o relato de experiência vivenciadas na unidade prisional.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:

Homens em situação de liberdade custodiados acima de 18 anos em uma unidade prisional que concordarem voluntariamente em participar da pesquisa, independente da etnia, religião e tipificação criminal

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:

Já os critérios de exclusão são diagnósticos de psicoses, transtornos esquizofrênicos e/ou deficiência intelectual. Para identificar esses diagnósticos, será utilizado como fonte de informação o prontuário dos pacientes, da mesma forma, caso seja identificado sinais ou sintomas de transtorno mental grave durante a entrevista, esta será considerada inválida.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE: Anexado.

Cronograma: Anexado.

Carta de anuência (a Secretaria de Administração Penitenciária do Estado da Bahia e EBMSP). Anexadas.

Orçamento (Recursos próprios). R\$ 7.981,00.

Folha de rosto : anexada e assinada

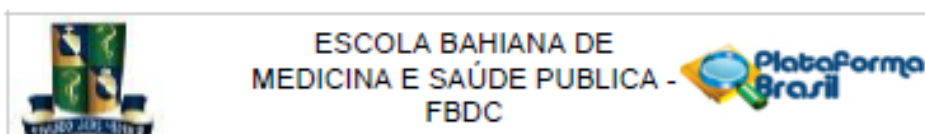
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após reanálise bioética embasada nas Res. 466/12 e 510/16 e documentos afins, as pendências assinaladas no Parecer Consubstanciado de nº 6.065.573 relativas a TCLE, cronograma e metodologia foram devidamente sanadas garantindo a execução deste projeto dentro da metodologia e objetivos propostos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-Bahiana, de acordo com as atribuições

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274
 Bairro: BROTAS CEP: 40.285-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)2101-1921 E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Parecer: 6.112.003

definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação deste protocolo de pesquisa dentro dos objetivos e metodologia proposta.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2094512.pdf	30/05/2023 15:47:31		Acelto
Outros	Respostas_parecer_CEP.pdf	30/05/2023 15:45:19	IGOR CARLOS CUNHA MOTA	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_TCC_.pdf	30/05/2023 15:45:22	IGOR CARLOS CUNHA MOTA	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TCC.pdf	30/05/2023 15:44:58	IGOR CARLOS CUNHA MOTA	Acelto
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	30/05/2023 15:25:48	IGOR CARLOS CUNHA MOTA	Acelto
Outros	TERMO_DE_AUTORIZAÇÃO_SEAP.pdf	18/03/2023 20:01:45	IGOR CARLOS CUNHA MOTA	Acelto
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA_BAHIANA.pdf	18/03/2023 19:59:51	IGOR CARLOS CUNHA MOTA	Acelto
Orçamento	Orcamento_TCC_Vinicius.pdf	18/03/2023 19:54:37	IGOR CARLOS CUNHA MOTA	Acelto
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Vinicius.pdf	18/03/2023 19:49:23	IGOR CARLOS CUNHA MOTA	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

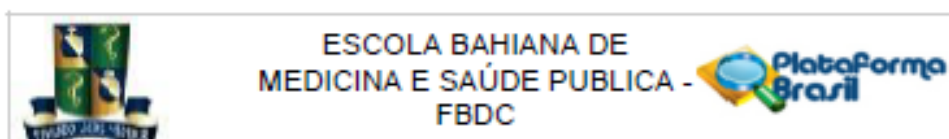
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 12 de Junho de 2023

Assinado por:
Roseny Ferreira
(Coordenador(a))

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274
Bairro: BROTAS CEP: 40.285-001
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)2101-1921 E-mail: cep@bahiana.edu.br



Continuação do Pensar: 6.112.003

Endereço: AVENIDA DOM JOÃO VI, 274
Bairro: BROTAS CEP: 40.285-001
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)2101-1921 E-mail: cep@bahiana.edu.br